O Projeto Lendo o Pará está
sendo executado com o patrocínio
da Companhia Vale do Rio Doce

Fundação Cultural do Pará
TANCREDO NEVES

LENDO O PARÁ 2

ENEIDA DE MORAES

ARUANDA
BANHO DE CHEIRO

1989

ARUANDA

BANHO DE CHEIRO

Eneida de Moraes

Belém
SECULT / FCPTN
1989

Série: Lendo o Pará, 2
Pesquisa: Vicente Salles
Capa: Luciano Oliveira

Aruanda: 1ª edição – 1957
Banho de Cheiro: 1ª edição – 1962

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

Secretaria de Estado da Cultura
Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves"
Av. Gentil Bittencourt, 650
Fones: (091) 241-2333 / 223-4411
66.040 Belém - Pará

Impresso no Brasil

M827a Moraes, Eneida de
Aruanda / Eneida de Moraes. – Belém: SECULT; FCPTN, 1989.
p. 306 (Lendo o Pará; 2)

1. AUTOBIOGRAFIA. 2. LITERATURA PARAENSE. I. Pará. Secretaria de Estado da Cultura. II. Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves". III. Título. IV. Título: Banho de Cheiro. (Série)
CDU – 920.91

Impresso na GRAFICENTRO/CEJUP – Trav. Rui Barbosa, 726
Fone: 225-0355 (PABX) – Belém - Pará

SUMÁRIO

18

21

PREFÁCIO

Eneida de Moraes, ou simplesmente Eneida – apenas um nome, mas lembrando emoção, magia e liberdade. A arquiteta de um mundo de lirismo, usando somente coisas e palavras do dia-a-dia.

As crônicas de Eneida representam um encontro com fatos banais, corriqueiros, com as lendas do folclore paraense, os namorados, o cão da madrugada, os objetos de estimação e as injustiças sociais, que são apresentados ao leitor com sabor diferente e, acima de tudo, com segurança e energia, principalmente quando se posiciona ou questiona sobre esses fatos.

Na obra da escritora, o colorido e o sentimento tornam-se notas marcantes, em cada passagem, em cada fato mostrado, fazendo da viagem por ARUANDA um passeio pelos caminhos da poesia.

O poeta João de Jesus Paes Loureiro, através de quatro versos, definiu Eneida e tudo que ela escreveu:

Eneida sempre livre
Eneida sempre em flor
Eneida sempre viva
Eneida sempre amor

De fato, levando-se em conta que a obra lírica é um extravasar de sentimento, um ato de desabafo, a

escritora, nas suas produções literárias, usou desse direito de ser livre, de falar aquilo que sentia com espontaneidade, sem qualquer medo ou constrangimento. Talvez, por isso mesmo, seus livros transbordem de lirismo, transfigurando-a numa "sempre-viva" cujo perfume poético permanece gravado, nas páginas de suas obras, e na memória do leitor.

JOSÉ GUILHERME DE OLIVEIRA CASTRO

APRESENTAÇÃO

ENEIDA, SEMPRE AMOR

No Salgueiro e no Umarizal

A crônica contada por Eneida tem o sabor de conto. Mas o conto não veste a verdade com o "manto diáfano" da fantasia. A verdade está nua, dança em torno do real, do concreto, a dança embelezada pela nudez da linguagem simples e direta. Não há filigrana literária; tão-somente simplificidade de frase bem feita, de tamanho certo, adjetivada quando necessário, dançando o vai-vem da rede-de-dormir, num ritmo ternário – "líquido esverdeado com o exuberante perfume de mata virgem". Eneida Vilas Boas Costa de Morais, cidadã, ficha nos arquivos da polícia política; Eneida, tout court, despojada do acessório patronímico e do matrimonial, valoriza o essencial na personalidade, no estilo literário e no estilo de vida.

Artista da crônica – e do conto – Raimundo de Magalhães Júnior registrou essa tão decidida vocação na análise d'O Conto Feminino no **Panorama do Conto Brasileiro,** *1959, p. 133 – não me cabe comentá-la do ponto de vista da estética; cabe-me apreciá-la do ponto de vista da sensibilidade. E, assim sendo, creio que o projeto* **Lendo o Pará** *começa bem pela escritora que*

mais amou Belém, amou na expressão da afetividade mais sincera, já que a cidade, para ela, era sua "mãe". Sabor de terra verde, terra de todos os homens, certo, Eneida amava sua cidade como sua mãe, e a região, também sua mãe e o mundo, por que não?, sua mãe. Na cidade natal, **Terra Verde,** *primeiro livro de poemas. Toda a obra relaciona o local ao universal, relação dialética. A edição conjunta de* **Aruanda** *e* **Banho de Cheiro** *mostra exatamente isto e cumpre a idéia de unificar dois livros, que nasceram separados, mas se completam, já que intencionalmente* **Banho de Cheiro** *é continuação de* **Aruanda.**

E por que Aruanda? Aruanda é o país que trazemos dentro de nós, explica Eneida: país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdades nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país de amor sonhado por todos os homens. É o porto de Angola, complementa Edison Carneiro, que ficou na memória coletiva do negro brasileiro, carregação de tumbeiros, peças da propriedade privada que produziu este gigante, no qual ainda lutamos pela Aruanda, misteriosa e adorável região de paz.

Eneida muito esbravejaria, com sua voz rouca de tanto gritar pelas injustiças, com a agressão ecológica e a grande estupidez que se abateu sobre a Amazônia, com os estímulos fiscais do Estado brasileiro e a aparente impotência dos nativos.

No País do Carnaval – Carnaval é Confraternização – Eneida foi o mais apaixonado Pierrô. Vestiu-lhe a roupa; assumiu-lhe o caráter. Não o triste Pierrô apaixonado por Colombina; tampouco o mascarado das perdidas ilusões. Mas o Pierrô militante de uma causa de amor universal, militância sem paralelo em nosso país. Centralizou seu amor em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, mas não há Estado brasileiro que não tenha recebido um toque de sua ação direta, em várias situações, as mais informais na pesquisa do folclore – principalmente do artesanato popular –, as mais árduas à frente de caravanas de escritores para promover a divulgação desta ou daquela obra, congressos, festas, comícios, sempre interessada no desenvolvimento cultural de nosso povo. Viveu o dia-a-dia atenta aos problemas humanos e disposta a trazer sua contribuição pessoal. Seu amigo Ênio Silveira diz, em poucas palavras, o quanto lhe custou essa participação:

"Essa preocupação constante com as injustiças sociais e com o seu combate fez com que ela se engajasse, há muitos anos, numa grande corrente de opinião política, tendente a modificar a imperfeita estrutura social em que nos encontramos. Tal engajamento custou-lhe sacrifícios, sofrimentos, perseguições, cadeia. Enfrentou-os sempre, imperturbável, serena, segura do que fazia, segura do que pensava, segura do que dizia. Dentro ou fora de partidos, que por vezes são meros continentes, o que importa é o conteúdo. E a nossa querida Eneida continua fiel a si própria, às suas mais sinceras convicções".

E a Pierrô foi amada pelo povo. O baile que promoveu durante tanto tempo era prestigiado por artistas e intelectuais, como os primeiros bailes acontecidos na cidade do Rio de Janeiro; no carnaval, dizia Eneida, desabam as fronteiras sociais. Pretos, brancos, cafusos, caboclos vivem todos a confraternização geral nos dias do reinado momesco. Decidiu contar a história do Carnaval Carioca, que ela tanto vivenciou, abrindo a trilha para uma bibliografia que se mostrou fecunda nas investigações de ordem sociológica, política, literária e até no terreno da Arte. Mas ela se limitou apenas a contar os estudos que realizou longos meses na Biblioteca Nacional, o que leu, o que descobriu, em jornais e revistas de várias épocas.

Falar em Biblicteca Nacional é tocar no assunto que poucos conhecem. O trabalho de Eneida ao tempo

de Augusto Meyer, na direção da Biblioteca, e José Renato, no Instituto Nacional do Livro, colméia de trabalhadores intelectuais que durante algum tempo alimentaram o ideal de construção da Enciclopédia Brasileira. Esse projeto, malogrado, teve o mérito de disciplinar estudos e pesquisas de muitos intelectuais a ele ligados, cada qual, afinal, produzindo arquivo particular e fichários. Ficou exemplar, por exemplo, o fichário do poeta Carlos Drummond de Andrade, algo tão enciclopédico que o não menos famoso fichário de Mário de Andrade. Eneida também organizou seu próprio arquivo e fichário, especializado em assuntos do populário brasileiro. Quando organizei a Biblioteca e Serviço de Documentação da antiga Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – hoje Instituto Nacional do Folclore da Funarte –, por incumbência de Edison Carneiro, Eneida contribuiu com a doação do seu material constante de milhares de recortes de jornais, todos rigorosamente identificados e classificados, cuidados especiais de quem sabe lidar com arquivos.

Eneida, no Carnaval, não quis ser Colombina; mas Pierrô. Criou sua fantasia e deu dignidade ao seu papel. O baile do Pierrô conta momento importante na história do carnaval carioca, com seu repertório de marchinhas e sambas e é esse repertório que vai alimentar, com narração de Eneida, o espetáculo Carnavália, produzido por Sidney Miller e Paulo Afonso Grisolli, no Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro, 1968.

Foi, contudo, ao rancho e à escola de samba que Eneida dedicou atenção mais apaixonada. Tomou parte ativa no I Congresso Nacional do Samba (Rio de Janeiro, 28 de novembro a 2 de dezembro de 1962) e, com Edison Carneiro, Arthalydio Agostinho Luz (**Azul**), Ricardo Cravo Albim, Alberto Rego, Jota Efegê, Ilmar Carvalho e Albino Pinheiro, em comissão, estudou a questão do rancho no carnaval carioca. O campo de atividades, a assembléia que congregou os estudiosos da música popular, foi porém o Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro, com seu dinâmico Conselho de Música Popular, criado na gestão Ricardo Cravo Albim. Coube-me ocupar a vaga de Eneida, eleito por unanimidade, em novembro de 1972, até a dissolução do mesmo, em março de 1981, pelo presidente da Funarj, prof. Arnaldo Niskier.

O reconhecimento popular da escritora suplanta as manifestações oficiais, em geral cautelosas ou temerosas de prestar homenagem a uma autêntica guerreira da cultura. Esse reconhecimento surgiu espontâneo e vibrante no enredo de Teresa Aragão e na música de Nilson Nobre, com que a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro arrancou o 3º lugar no desfile do 1º grupo, no carnaval de 1972.

Haroldo Costa (**Salgueiro, Academia de Samba**, 1984, p. 219) explica que o enredo estava dividido em 2 partes: a primeira conta as raízes humanas da escritora, sua terra, o Pará, e seu povo, lendas e costumes. A segunda, mostrava Eneida apaixonada pelo carnaval, o seu trabalho literário, seu amor pela cultura popular, já no Rio de Janeiro. Apesar de longa, por isso mesmo informativa e preciosa, vale a transcrição do texto de Haroldo Costa, historiador e radialista, um dos amigos diletos de Eneida:

"O abre-alas representava o Baile dos Pierrôs, com dezenas de fantasiados criando a atmosfera daquele famoso baile dos anos 60, realizado em diversos lugares, como Clube de Regatas Flamengo (sede do Morro da Víuva), boate Au Bon Gourmet, Top Clube, Casa Grande e Rio 1900, onde se podia encontrar a boemia intelectual da cidade: os cronistas Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Mister Eco (Eustórgio de Carvalho), a artista Renée Mara, o radialista e escritor Fernando Lobo, o livreiro Carlos Ribeiro, os compositores Haroldo Barbosa e Luís Reis, o poeta Paulo Mendes Campos, o jornalista Darwin Brandão, o caricatu-

rista Lan, o pintor Antônio Bandeira, a cantora Elizeth Cardoso, a sempre animada Carminha Araújo Neves e tanta gente mais.

"O primeiro carro alegórico retratava a festa popular do Pará: o Círio de Nazaré. Dela foram retirados os elementos mais decorativos, como o Barco dos Milagres, os anjos, a Igreja de Nazaré toda iluminada e a tradicional corda feita de flores. O quadro era complementado pelos vendedores de brinquedos com seus pavões e barquinhos de efeito colorido.

"O mundo vegetal do Pará aparecia com toda a sua força tropical no Mercado Ver-o-Peso, e o final da primera parte era marcado pelos barcos e as histórias do fundo das matas. Para o cenário das lendas do Muiraquitã (amuletos mágicos, de pedras verdes que dão sorte) e da História dos Botos, foi montada uma autêntica floresta com flores e garças em diversas posições.

"A segunda parte do desfile mostrava a vida de Eneida no Rio, a sua presença na vida artística e literária da cidade. Na parte de arte popular, uma das grandes paixões da escritora, cópias gigantes de bonecos de barro de Vitalino e Cândido. A seguir, os ranchos, que Eneida considerava o momento mais lindo do carnaval, tendo lutado intensamente para a recuperação do seu prestígio. Quem veio representando o Ameno Resedá (o rancho que foi escola, no dizer feliz de Jota Efegê) foi a sua última porta-estandarte, Dona Carmen Marinho – mãe das Irmãs Marinho – que desfilou com um estandarte desenhado pela artista plástica e cineasta Vera de Figueiredo.

"Seguia-se uma grande ala com destaques, mestres-salas e porta-bandeiras, para relembrar que Eneida escreveu a história dos nossos carnavais (que o próprio Salgueiro transformara em enredo, em 1965), e, para fechar, o bloco de sujos, com toda a sua variedade de tipos e fantasias, e a ala das baianas, que Eneida venerava. Elizeth Cardoso, que sempre saía na Unidos de Lucas, neste ano concordou em desfilar no Salgueiro para homenagear sua grande e inesquecível amiga, num pierrô, em cima do capô de um caminhão. Igualmente belo e farto (só a gola tinha 200 metros de tule) era o pierrô do figurinista Viriato Ferreira, posto na parte do chassi do mesmo caminhão e que também saía pela primeira vez no Salgueiro. Pena que choveu tanto no desfile e a metade das fantasias ficou manchada, com os adereços do Joãozinho sendo destruídos pela água que caía sem cessar; mas não arrefecia a animação do pessoal. Paula, Roxinha, Maria Aparecida, Mara Correia, Mary Marinho, Nenén da Cuíca (Nelson França Guimarães), o Trio Pelé, o mestre-sala Agostinho e a porta-bandeira Alice, Isabel Valença, de Rainha das Flores, a cantora Alaíde Costa (cujo timbre não é apropriado para cantar samba-enredo na avenida, mas que se desincumbiu da tarefa muito bem), todos dançaram e cantaram como se estivesse a mais bela noite. Eneida merecia".

"O povo cantou:

"O povo sambando,
cantando a melodia,
Salgueiro traz o tema
Eneida, amor e fantasia.

A mulher que veio do Norte
para o Rio de Janeiro
com idéia genial,
em busca da glória
na literatura nacional.

Expoente jornalista,
suas crônicas são imortais,
foi amiga dos sambistas
fatos que não esquecemos jamais (coração)

Coração puro e nobre, foi benquista
entre ricos e pobres,
é famoso o seu Baile dos Pierrôs,
onde a Colombina procura o seu amor.

A escritora de lirismo invulgar
enriqueceu o folclore nacional,
hoje o mundo a conhece
através da história do carnaval.
E açaí,
E tacacá,
coisa gostosa lá do Pará. } *Bis*

A mesma consagração popular, é preciso que se registre, recebeu Eneida no samba que lhe dedicou, carnaval de 1973, o Império de Samba Quem São Eles, de Belém, no enredo "Eneida Sempre Amor", música de Simão Jatene e letra do poeta João de Jesus Paes Loureiro:

"Com dez metros de saudade
fiz a minha fantasia
vai um guiso de tristeza,
na camisa da alegria
"Quem São Eles", quem foi ela,
que a voz do povo anuncia?

Refrão: – Eneida sempre livre
Eneida sempre flor
Eneida sempre viva
Eneida sempre amor

Recortei na lua nova
serpentinas e poesia,
trouxe a estrela da manhã,
confeti da noite fria.
"Quem São Eles", quem foi ela,
que a voz do povo anuncia?

Refrão)

Do tempo triste e calado
vejo a esperança vazia,
ver o peso desta noite
ver o peso deste dia.
"Quem São Eles" quem foi ela,
que a voz do povo anuncia?

(Refrão)

Sem sair do círculo do samba, retornando à passarela carioca, quero finalizar com a reprodução do volante que o carnavalesco Loio Pérsio distribuiu, ele próprio, na sua homenagem particular á escritora:

> *"Lembro-me de Eneida como modelo de resistência consciente e tenaz contra todo modo de restrição às expressões da vida: resistiu contra preconceitos, contra o fanatismo em suas várias formas, contra a dor e mesmo contra a morte. O carnaval, que ela tanto amou, é um símbolo dessa aslegre oposição à cadeia dos dias comuns. Eneida e o Carnaval, porque são o povo, negaram-se a morrer".*
>
> *LOIO PÉRSIO*

Otávio e Léa, Manduca e Guilhito, Belém do Grão-Pará – tão cheirosa sempre a pau-de-Angola e patchuli – podem repetir com Eneida: Precisarei falar de amor?

Brasília, março de 1989

VICENTE SALLES

ARUANDA

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

São Paulo de Luanda, *capital de Angola, foi o único dos portos africanos do tráfico de escravos que permaneceu na memória coletiva do negro brasileiro. A lembrança ficou através de cantos de macumba:* Aruanda, Aluanda, Aluanguê; *de capoeira:* Aruandê; *de maracatu:* Zaluanda, Aruenda.

Os descendentes de angolenses, congueses, cabindas e em geral dos povos africanos de língua banto mantiveram e mantêm viva a palavra em tôda a sua enorme significação emocional:

"N'Aluanda só se pisa devagar."

Levas e levas de escravos, durante três séculos deixaram o pôrto de Loanda em navios negreiros semelhantes aos de Castro Alves, rumo ao Brasil.

Eram êstes os negros mais atacados pelo banzo.

Com o correr dos anos, a palavra deixou de designar o pôrto de Angola para abarcar ambiciosamente tôda a África, misteriosa e adorável região de paz que se transformou para o negro em Terra Prometida.

EDILSON CARNEIRO

Quando foi mesmo que ela chegou pela primeira vez a meus ouvidos, não sei.

Era apenas uma palavra, mas trazia um cheiro violento de terra e de liberdade, gôsto de fruta madura, uma palavra apenas, porém usando paladar e olfato.

Por que me embalava tanto como se fôssem os braços de minha mãe? Pés se arrastavam, corpos dançavam, vozes cantavam e ela vinha clara e sonora, não se explicando nem definindo, mas evocando lembranças, saudades, passado, distante país, tempos idos, infância, mocidade, vida vivida.

"Cipó caboclo onde é que você mora?
Eu moro em Aruanda, na raiz do Aruá
Onde tem cobra coral
E onde canta o sabiá."

Todos moram em Aruanda, terra livre e bela, capital de sonhos, ambições e desejos. Que importa nela vivam também cobras, se ali cantam os sabiás? Quem não mora em Aruanda quando dias e mais dias nos vão separando da mocidade, das ingenuidades primeiras, quando os descobrimentos se perdem na rotina do quotidiano e os espelhos anunciam que a vida está correndo, passando, com a certeza da morte que um dia chegará?

Que importa êsse correr desenfreado de noites e dias, se mantivermos dentro de nós a vontade de luta, se continuarmos alimentando em permanente vigília nosso amor à vida, a nossos semelhantes, se soubermos guardar como uma arma a certeza de que moramos em Aruanda?

"De quando em quando eu venho de Aruanda."

É dela que chegamos todos os dias para a conquista de nossas ambições. Às vêzes voltamos apenas de pequeninas, insignificantes viagens, outras vêzes deixamos lá, muito longe, aquilo que melhor possuíramos. Quando pensamos que tudo acabou, gastou, feneceu, a vida se encarrega de nos ensinar que

recomeçar é um dever de todos os homens e que recomeçando estamos voltando de Aruanda, indo para Aruanda e somos heróis, os mais valentes dos heróis, porque silenciosos e obscuros.

Aruanda é o país que sempre trazemos dentro de nós, país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdades nem ódios, sem injustiças ou crueldades, país do amor sonhado por todos os homens. Aquêle que carregamos como uma arma ou uma jóia tão brilhante, pois foi por nós construído, vivido, criado e é por nós defendido.

"Olha que estrêla bendita
Que veio de Aruanda."

"Como é lírio o lírio
êste veio de Aruanda."

Em Aruanda o lírio é mais lírio e as estrêlas brilham com maior intensidade, porque tomamos parte direta na construção de tôda a paisagem.

"Quando eu abro a minha Aruanda."

É o que quero fazer com êste meu livro: abrir a minha Aruanda, meu passado e meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo.

PROMESSA EM AZUL E BRANCO

— Não; êsse eu não quero, choramingava a menina.

— Já disse que é êsse mesmo. Criança não tem vontade.

Um diálogo banal diante de uma vitrina de roupas para crianças, uma vontade de dizer àquela mulher:

— Não. Não é assim que se convence uma menina. Quando aprenderão os adultos a falar com os pequeninos?

E depois um grande desejo de recordar, de buscar no fundo de mim mesma vestidos da infância, roupinhas da meninice.

Que tenho eu a ver com aquela mãe autoritária que não conheço? Por que terei de sofrer com a pequenina que nunca vi? Por que terei de viver sempre assim, vivendo a vida de outros? Deixo ambas entregues ao desentendimento e caminho acompanhada pelo desejo, a vontade, a necessidade de acordar um trecho de meu passado onde haja um ou vários vestidos.

Por que sou capaz de relembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha infância; nada preciso para recompor hoje — tantos anos depois — gestos, palavras, comportamentos.

O que relembro hoje é realmente minha infância ou colaboro com minha imaginação atual? Estou vestindo agora com roupagens novas, minhas velhas lembranças ou estão elas com a mesma roupa do momento em que ocorreram? Vivi tudo o que relembro?

Aquêle diálogo, tão banal, provocou em mim desejo de reviver um trecho de meu passado.

Sim, sim, recordo muito bem: vestia apenas azul-claro e branco e, de início, minha infância turbulenta e sadia não prestou nenhuma atenção ao fato. Um dia, naturalmente, uma outra menina ou talvez a governanta ou — quem sabe? — a professôra, chamou-me ao conhecimento dessa prisão. Isso naturalmente deve ter acontecido no momento em que nascia a minha vaidade. Senti ou mostraram-me que tôdas as meninas da minha cidade, de meu país e do mundo usavam roupas de côres diversas e eu não. Por quê? Por quê? Perguntei à minha mãe, sempre pronta a responder às minhas perguntas:

— Foi uma promessa. Seu pai andou mal, muito mal, quase morria e sua avó fêz uma promessa a N. S.ª de Nazaré: se êle sarasse, se vivesse, você — que acabava de nascer — vestiria até os quinze anos, sòmente vestidos azul-claros e brancos.

— Até quinze anos? Então quer dizer que vou ficar assim, diferente de tôdas as meninas, até ficar velha?

(Sempre se acha, aos seis anos, que ter quinze é estar velha.) Só depois, muito mais tarde é que aprendi que a vida passa

depressa, é curtinha, tão pequenina que nem dá para se viver plenamente todos os momentos.

Menina criada sem mêdo, me ensinaram muito cedo que chorar é uma covardia e, além do ensinamento, havia um sonêto de meu avô, dizendo: "porque um soldado não chora/ venham os maltratos embora /seu peito dilacerar." O sonêto — também só soube mais tarde — é ruim, mas quando surgia em qualquer um de nós a vontade de extravasar sentimentos ou manhas com lágrimas, o sonêto ruim vinha com efeitos terapêuticos exigindo dignidade e tanta coragem que chegamos a odiá-lo. Para não ouvi-lo engolíamos lágrimas, nunca chorávamos, nunca choramos; antes da lágrima nascer, nós mesmos começávamos a repetir: "porque um soldado não chora"...

Meu pai nunca deixou de dizer:

— Coitado dêsse avô! Parece que em tôda a sua vida fêz só êsse sonêto. E um sonêto só é muito pouco para um avô tão importante.

— Até os quinze anos?

— Escute, meu bem. Você é pequenina, mas tem muita razão de não ficar contente com a promessa de sua avó. Está naturalmente pensando que ela devia fazer pro-

messas para cumpri-las pessoalmente e não obrigar outra pessoa a realizá-las. Também penso como você. Jamais devemos exigir de outros aquilo que não queremos ou não podemos fazer nós mesmos. Tudo isso é certo, mas tenha paciência. Seu pai andou muito doente, muito mesmo, e que seria de você sem êle? Não é um bom pai, não é um bom amigo? Você gostaria que êle morresse? Sua avó é boa, lhe tem muito amor, queria que você crescesse com seu pai vivo. Ela é muito religiosa e não devemos ofendê-la nem contrariá-la. Vamos fazer uma coisa: não pensar que existem vestidos verdes, amarelos, vermelhos. Faz de conta que só existem vestidos brancos e azul-claros. Você os terá todos, muitos, quantos quiser. Esqueça que êles são obrigação e pense que são amor. Imagine quando você puder vesti-los de outras côres como vai ser bom. Imagine você com quinze anos, de vestido verde. Não vai ser ótimo? E a coragem, hein? Que beleza a coragem que você terá, usando apenas azul e branco.

Falou mais, falou muito, porque minha mãe tinha o dom de falar envolvendo-me em esperanças e sonhos.

Seis anos, sete, oito e os vestidos azul-claros e brancos, alguns tremendamente bran-

cos enfileirados nos armários. Que importavam feitios, rendas, fitas se eram sempre brancos, muito brancos ou azul-claros, um azul morrendo, um leve azul indefinido? E sempre alguém perguntando:

— Por que ela só usa branco e azul-claro?

E a resposta sêca:

— Foi promessa...

Em mim nenhum sofrimento; vida alegre demais, infância demasiadamente bela, correrias, quedas, patins, saltos de corda, bicicletas, estórias da iara e do bôto, livros maravilhosos feitos na França falando da Bela Adormecida, do gato de botas; o encontro com as letras, a dignidade conquistada: — Agora eu sei ler; — a descoberta de palavras, sons, o primeiro mapa-múndi: — Diz onde queres ir agora? — África! Eu vou para a Europa.

— Bobos, o melhor mesmo é a Oceânia. Ninguém vai à Oceânia!

E o grande mundo, uma bola girando, girando. Hoje nem sei o que mais nos encantava na descoberta: se estávamos alegres por saber que o mundo era uma bola — nós que tanto amávamos bolas — ou se nossa alegria era a posse daquele globo que girava, ou ainda se ríamos felizes com a possibilidade de viajar a todo momento pro-

curando lugares pequeninos, perdidos na bola imensa que girava? Meu irmão queria ir sòzinho à Oceânia. A bola girando durou pouco. Nela mexemos demais, viajamos muito, gastamo-la cedo.

Que importava àquela infância tão bela a existência de vestidos verdes, amarelos, vermelhos? Outros corpos que os vestissem. Para que sofrer?

Quando veio o colégio interno e o uniforme obrigatório, vovó quis protestar. E a promessa? Mas não foi atendida. Ninguém pensaria em impor condições a um colégio respeitável, com seus regulamentos próprios.

— Ela continuará vestindo só azul e branco para seus dias de passeio.

Depois, um dia, uma carta contava que vovó morrera. Dormira para nunca mais acordar. Todos morriam assim naquela família. O coração cansado de amar e de ser bom, parava, partia, morria. Deitavam como se aquela noite fôsse igual a tôdas as noites e não acordavam no dia seguinte. "Passamos da vida para a morte, serenamente. Apenas passamos", dizia a carta. Depois outra carta: "Agora que tua avó morreu e estás uma mocinha, podes continuar ou não respeitando a promessa da côr de teus ves-

tidos. Teus quinze anos não chegaram, mas isso não importa; teus raciocínios já estão em condições de te fazer resolver sòzinha. Pedi que cumprisses a promessa, com a qual não estava de acôrdo, para que ela não sofresse — sofrera tanto a pobrezinha, enviuvara cedo, cheia de filhos, era tão bela, tão ingênua, tão boa — mas agora estás livre. Podes usar a côr que quiseres."

Talvez não tenham sido precisamente essas as palavras. O tom, sim, o tom posso garantir que foi êsse, porque foi o tom e a forma de tôdas as nossas conversas. Possuí durante muito tempo essas cartas de minha mãe, escritas para o internato onde eu crescia. Sempre as escondi, amei-as com um exagerado ciúme, o mesmo ciúme que tenho dos meus livros, dos retratos, das cartas de meus amigos. Andavam comigo empalidecendo numa caixa de macacaúba rajada. Possuí essas cartas muito tempo, até que um dia — outro dia de há vinte anos — a polícia invadiu minha casa. Queria papéis importantes, muito importantes, que eu devia possuir. Haviam resolvido fazer-me heroína à fôrça. Papéis importantes, planos de subversão da ordem (que ordem?) não existiam, naturalmente. Então, na fúria que marca os homens da polícia

sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, muito cuidado, que reli muitas vêzes sentindo sempre, como da primeira vez que o fizera, um nó na garganta, um bater apressado de coração enquanto uma voz repetia: "porque um soldado não chora"...

(Soldado, soldado, que tenho sido além disso?)

As palavras não seriam essas, mas assegurando o tom, também posso afirmar que naquelas cartas havia ordens, e desta vez eram: — Vamos! Aprenda a resolver sòzinha seus próprios problemas. Comece a usar seu raciocínio. Coragem! Tenha opiniões e saiba defendê-las!

Foi então que encontrei numa vitrina um vestido azul-marinho de tafetá com uma golinha de guipura. Escrevi a minha mãe: "Tens razão, pensei muito e ontem encontrei um vestido maravilhoso. Podes ficar certa de que é um vestido de menina." Descrevê-lo hoje não sou capaz, mas devo ter mandado nessa carta uma minuciosa narrativa da desejada roupa. Hoje, sou mesmo incapaz de descrever qualquer vestido.

Mas era azul-marinho e se me parecia belo — compreende-se — era pela côr que liquidava para sempre tôda a clareza do branco e do azul-claro.

Um vestido azul-marinho de tafetá com golinha de renda de guipura, essa a única roupa que relembro na minha infância. Quando voltei para fazer a seu lado quinze anos, no guarda-roupa se enfileiravam vestidos de várias côres.

Nunca mais ela e eu falamos na promessa.

Depois, sempre depois, a vida veio vindo, dias correndo, corpo mocinho nascendo, outros vestidos, outros desejos, uma época de grande vaidade, o abandono desta, amarelos, verdes, vermelhos, pretos, roxos, multidões de côres, vestidos, vestidos, nenhum lembrando nada. Como se não tivessem côr.

Se alguém pensar que vim pela vida envelhecendo contra vestidos claros, brancos ou azuis, se engana. Sempre amei muito essas côres, que encontrei depois em alguns gestos e muitas noites. Gosto muito do branco muito branco e de azul-claro, muito claro.

A meninazinha que encontrei tão desesperada em frente daquela vitrina, não querendo aquêle vestido que sua mãe lhe impunha, onde estará agora? Vestida naquela roupa que odiou antes de possuir?

Minha senhora — fico murmurando baixinho — não é assim que se convence

uma criança. Quando os adultos aprenderão a conhecer o mundo dos pequeninos?

Como foram bonitos os meus dias vestidos de branco, parecidos com os dedos longos e rosados de minha mãe apontando caminhos. Com aquêle vestido azul-marinho começou uma outra etapa de minha vida; nascera minha vaidade.

TANTA GENTE

Quando, como hoje, relembro minha infância, imediatamente êles surgem arrastando trapos, descalços uns, mal calçados outros, vozes guturais em alguns, aqui e ali vozes claras, figuras físicas diversas, homens e mulheres, gordos e magros, todos vivendo além da fronteira da razão.

Relembro agora os tipos populares de minha terra, no tempo de menina.

O "Diabo atrás da saia" era uma negra alta, magra, de pernas finas e tuíras. Sempre com um guarda-chuva que, de tanto fazer-lhe companhia, terminara parecendo

com ela, fìsicamente. Andava sempre espantando o diabo, que a perseguia colado à sua saia de côr indecisa. Gritava-se: "Diabo atrás da saia!" e o guarda-chuva movimentava-se, ela esbravejava, dizia todos os palavrões do mundo e corria atrás dos moleques que éramos todos nós, meninos de meu tempo, ricos e pobres, negros e brancos.

Quantos anos teria aquela mulher? Como e onde vivia? Ninguém saberia dizê-lo, e só muito mais tarde, já mocinha, comecei a respeitá-la. "Diabo atrás da saia" teria uma estória de mocidade e de vida. Que fôra, onde vivera? Foram perguntas que se impuseram mais tarde; nos dias de infância eu me divertia apenas gritando a alcunha da velha, indiferente a seu sofrimento, aos palavrões, à agitação que provocávamos naquela vida tão triste.

Cega de um ôlho, pequenina, andando sempre depressa, muito depressa, (onde iria assim?) passava a "Burra Cega"; depois a "Tainha" monologando e muitas vêzes parando para abrir os braços num gesto de desespêro.

— Tainha!

— Burra cega!

E a correria, enquanto pedras passavam zunindo sôbre nossas cabeças.

Sabíamos que estávamos procedendo mal; já nos fôra dito que com a desgraça das criaturas não se brinca, mas não sentíamos a necessidade da proibição. Todo mundo mexia com aquela gente. Por que iríamos respeitá-la?

Palavrões enchiam a rua, mas eram muito mais fracos do que nossos gritos e nossos risos. Éramos tão felizes que nossa alegria podia controlar e esconder a desgraça de outros.

Passava "Madame Urubu", tôda de branco, duas trouxas nas mãos. Mais serena que as outras, talvez menos desgraçada, se lhe perguntávamos para onde ia, ela respondia apenas que estava de mudança. Nunca deixou de usar aquelas trouxas, atestando que procurava diàriamente uma nova moradia.

— Madame Urubu, já arranjou casa?

— Madame Urubu, onde você mora?

Ela parava para explicar, numa linguagem que ninguém entendia. Não encontrara lugar para morar; procurava, procurava. Se eu quisesse hoje fazer um comentário geral, poderia dizer que Madame Urubu é como muita gente que conheço. Nunca sabe onde está, onde fica, para onde vai. Madame Urubu podia bem ser um símbolo.

Por que chamávamos à pequenina e tão ágil mulher, apressada sempre, de "Burra Cega", por que aquela negra tão magra era a "Tainha", por que "Madame Urubu" ganhara êsse título? Jamais o soubemos.

Havia ainda a "Laurista", criatura baixa, roliça, que — diziam — o álcool perdera. Desta sabíamos que era assim chamada porque seu ídolo político era o Dr. Lauro Sodré. Naquele momento a política paraense fervilhava em tôrno do velho general republicano e a "Laurista" fazia comícios, atacava todos os inimigos de seu líder, a quem chamava de "grande homem", "sábio", "impoluto", "genial".

Falava muito a "Laurista", sempre no tom dos oradores populares. Parava numa esquina e começava a discursar. Tinha uma estória de todos conhecida: quando menina vivera num colégio particular, como doméstica; crescera servindo de criada de uma professôra e aprendera por muito ouvir, com as crianças preparando as aulas, nomes de Estados, fatos históricos, poemas de Castro Alves. Depois deu para beber, arruinou a vida, enlouqueceu. Vagava pelas ruas, ora discursando em louvor de Lauro Sodré, ora resmungando e proclamando:

— Pernambuco capital Refice...

Tentávamos obter dela uma pronúncia correta para a capital de Pernambuco; jamais o conseguimos. Só havia dois meios de enfurecê-la: negar as qualidades de seu líder e corrigir seus velhos conhecimentos mal gravados. Refice era Recife, e Laurista jurava que aprendera assim com a professôra. Declamava:

— Sabes quem foi Assaferus, o mísero pricito que trazia na fonte o cilo tró?

Como falava rápido, muito rápido, uma palavra se ligando a outra, surgindo inovações como "cilo tró", só muito mais tarde conseguimos saber que estava declamando o "Ahasverus e o Gênio" de Castro Alves:

"Sabes quem foi Ahasverus?... o precito,
O mísero judeu que tinha escrito
Na fronte o sêlo atroz!"

Dissésemos à Laurista que estava pronunciando tudo errado, e ela cuspia para o lado, afirmando:

— Vocês são burros, não sabem nada...

Quanta gente ainda: o capenga sempre bêbado cantando pelas ruas com voz pastosa:

— Tôda mulher tem papo, tôda mulher tem papo, pô, pô, pô...

E se perdia na última sílaba: ficava minutos seguidos repetindo-a tanto, tanto, que muitas vêzes havia moradores de minha rua que vinham à janela mandá-lo calar, enxotá-lo como se fôsse um cão leproso. Mas não se perturbava; continuava na sua afirmativa que com êle caminhava de rua em rua. Que razões teria para defender com tanto ardor uma tese que depois dêle nunca mais encontrei enunciada por nenhum outro autor?

Havia ainda o peixeiro que até o meio-dia vendia peixe e camarão; amanhecia um homem normal, com o dever de alimentar a família. Saía cedo com seu cêsto a negociar peixe e camarão. Mas como em cada botequim que encontrava, um apêlo lhe surgia e uma pinga era tomada, às doze horas desaparecera o honrado português das primeiras horas da manhã. Agora era um ébrio que, com a cesta vazia continuava gritando com voz pastosa, enquanto se arrastava vermelho, sujo, levando pedradas:

— Peixe camarão, peixe camarão! — e cambaleava.

Os relógios poderiam ser acertados na minha rua quando se escutava seu pregão. Muitas vêzes ouvi alguém dizer, sem olhar ponteiros:

— É meio dia. "Peixe Camarão", coitado, já está bêbado.

Monótona melodia marcada pelos "ão", "ão", acompanhava o cambalear do homem.

— É muito perigoso mexer com êle — diziam-nos. A faca que trazia à cintura para cortar as postas de peixes surgia ameaçadora quando atrás dêle corríamos (Nunca — que eu saiba — "Peixe Camarão" matou ninguém).

Mas a figura mais bela, aquela que jamais esquecerei nesse grupo desgraçado de personagens populares da minha cidade, era a mulher chamada Arantes.

Que acontecera em sua vida para ficar assim magrinha, a cabeça tôda branca e aquêle terrível mêdo do vento, a quem chamava de Arantes?

Sim, o Arantes. Agarrava as saias muito de encontro ao corpo, andava lentamente, e quando a ventania de tôdas as tardes, aquela ventania que começava às treze e acabava às dezesseis horas, iniciava seu passeio pela cidade brincando com as árvores, derrubando as fôlhas como que afastando o calor, ela parava à soleira das portas, cosia seu corpo às paredes e aos muros, chamava as pessoas que passavam, dizia aconselhando trêmula, medrosa:

— Cuidado, cuidado, segure bem a sua saia. O Arantes já chegou. O Arantes está aí, o Arantes está sôlto.

Os homens podiam ir e vir; não deviam temer o Arantes, eram seus iguais. Mas as mulheres, essas, precisavam de defesa, fôsse qual fôsse a idade deviam defender-se dos perigos do Arantes.

O vento balouçava roupas e ela, vigilante, contando estórias do Arantes ao ouvido das môças e meninas:

— Êle é traiçoeiro, muito traiçoeiro — dizia.

Quando encontrava uma senhora grávida, ficava mais nervosa, apontava a futura mãe:

— Viram? Olhem. Olhem o que o Arantes fêz nela.

O Arantes, aquela ventania amazônica diária trazendo cheiro de maresia, lembrança da Guajará, era pai de todos os filhos, sedutor de donzelas, criador de tôdas as crianças. Se o vento levantasse a saia de uma mulher, a pobre criatura punha as mãos nos olhos, esquecia sua própria dor, e gemendo, sofrendo, exclamava:

— Coitadinha! Coitadinha! O Arantes agarrou ela.

Possuída de enorme angústia, segurava o vestido, implorava piedade ao vento,

andava, parava, aconselhando às mulheres que tivessem cuidado, muito cuidado.

Deve ter havido outros, devo ter conhecido mais tipos populares em minha terra, no tempo de menina, mas êsses os que estão vivos e ativos na minha recordação.

Gosto de chamar o vento de Arantes, até hoje sei declamar Castro Alves com a "Laurista"; também jamais esqueci que tôda mulher tem papo.

Lá vão êles arrastando trapos, descalços uns, mal calçados outros, vozes guturais em alguns, aqui e ali vozes claras, figuras físicas diversas, homens e mulheres, gordos e magros, todos vivendo além da fronteira da razão.

Fui muito má para êles, eu sei agora. Mas é difícil convencer uma criança feliz de que há gente desgraçada.

MUITAS ÁRVORES

Eram de mármore branco as escadarias que subíamos e descíamos correndo, na casa-grande onde nascemos — o nosso mundo — cercado de jardins e, aos fundos, o imenso quintal. As escadas brancas nos levavam para outro país, para a rua, aquela pacata rua chamada Benjamim Constant, em Belém do Pará, que para nós parecia apenas um trecho sem importância, diante de nosso mundo povoado de tanta gente, muitas árvores.

Ao começo julgávamos que aquela rua fôsse apenas o pequeno trecho da esquina

da São Jerônimo à Dr. Morais. Com o decorrer dos dias fomos descobrindo novos fragmentos e outros, ainda outros, até que tomamos conta da realidade que nos pareceu comovedora: aquela rua que pensáramos nossa e pequenina era imensa, começava muito longe, muito, entre capins e acabava mais longe, no Reduto.

Nomes paraenses que nem sei mesmo se hoje são os mesmos, nossa rua como um poderoso rio ia tomando afluentes cujas denominações esqueci ou — creio — nunca soube direito.

Uma rua enorme, larga, muito povoada. Ficamos tremendamente alegres com a descoberta. Então não éramos só nós e as nossas árvores, nossos amigos e nossos jogos? Bem perto, um "cordão de pastorinhas" chamado "Filhas de Flora" ensaiava em maio para o junho festivo. (Meu irmão mais môço sonhava ser pastor um dia; mas isso foi muito mais tarde, e quando conseguiu o papel num pastoril especialmente criado para êle, fracassou inteiramente como ator. Tinha que dizer apenas dois versos; nunca o conseguiu.)

Uma rua tão cheia de gente com trechos pobres, outros muito mais pobres, pedaços mal calçados, outros sem calçamento. Uma rua enorme, muito povoada, e dentro dela,

branco, elegante, solene mesmo, aquêle palacete onde nascemos.

Satisfeitos em saber que a rua era um grande bem coletivo, começamos a trazer para o nosso quintal todos os garotos da redondeza. Foi instalado um futebol, havia uma hora em que minha mãe, penalizada de tanto esfôrço dos meninos, mandava servir laranjada ou leite gelado para os mais fraquinhos.

O quintal era o nosso feudo. Ao fundo aquela senhora vegetal tão gorda, tão grande que só ela marcava uma enorme área de sombra no quintal imenso: a mangueira, a velha mangueira, única árvore que, pela imponência e dignidade do porte, merecia nosso respeito. As outras — abieiros, cajueiros, goiabeiras e a caramboleira — tôdas as outras eram nossas irmãs e companheiras de travessuras, compartilhavam de nossas ingênuas descobertas.

A caramboleira; sôbre ela instalamos um pôsto de observação muito eficaz. Com ela controlávamos a rua, atacávamos os inimigos, fiscalizávamos — sim, principalmente fiscalizávamos — uma vizinha, a Sinhàzinha, preparando seus doces para vender. Quando os tabuleiros de sequilhos saíam do forno, Sinhàzinha sabia que estavámos à espera. Gritava:

— Venham logo, meninos doidos.

— Onde estão êsses meninos?

— Com certeza na caramboleira; ainda não é hora da Sinhàzinha tirar os doces do forno.

Não posso precisar hoje quem promovia êsse diálogo, mas posso asseverar que a voz mais doce e a mais cheia de cuidados era de minha mãe velando pelos nossos destinos, como um grande ser alado. Que outra coisa ela foi?

Da caramboleira atacávamos pessoas de nossa particular antipatia. Por exemplo: certo pintor da vizinhança, que não admitia gritos e que mandava à nossa chefe — minha mãe — bilhetes pedindo silêncio, muito silêncio, pois êle precisava pintar.

Era realmente um homem esquisito; sua casa ficava noutra rua, a grande distância da nossa, que ocupava quase todo o quarteirão. Jamais poderíamos compreender que nossos gritos fôssem perturbar um pintor daqueles, cuja pintura desprezávamos. (Nesse ponto posso afirmar que, apesar da idade, estávamos senhores de uma crítica segura.)

As carambolas eram nossas armas, e só muito mais tarde aprendi que maduras são belas e muito agradáveis ao paladar; não conseguiam amadurecer em nossa infân-

cia, aquelas companheiras: eram indispensáveis às nossas guerras.

A velha mangueira jamais nos acolheu em seus braços; era grande demais e hoje creio que ela fôsse sombria, misteriosa, quase floresta escura. Era grande e velha, impunha respeito como se fôsse nossa avó contando estórias.

O abieiro da esquerda não era de difícil ascensão; apenas dêle não descortinávamos nenhuma paisagem digna de admiração. Na época das frutas, nós o freqüentávamos com fidelidade; depois, dêle não precisávamos para viver. Nenhuma outra árvore trazia em si aquela simpatia, aquêle afeto, aquêle companheirismo da caramboleira, baixa e gorda, cheia de galhos, pejada de frutos dando para a rua, e na rua, do outro lado, Sinhàzinha e seus sequilhos.

Dálias, jasmineiros, a açuceneira que foi mais tarde a minha companheira, não nos interessavam. Eram habitantes do jardim, pretensiosas, sem idade, viviam enclausuradas em seus canteiros e em suas belezas, mereciam cuidados especiais, pareciam mais para ser olhadas do que amadas. Eram arbustos...

Se tive na minha infância tanta gente, se tantos personagens compõem minha vida passada, se uns foram grandes e outros me-

nores, se tive quem contasse estórias em francês e outras me ensinassem lendas, se me embalaram e acalentaram, não posso esquecer, entre êsses personagens, os vegetais, árvores e arbustos, frutos e flôres que viveram minha primeira infância. (A açucèneira serviu depois para meus sonhos de mocinha. Perfumava todos.)

É por isso que até hoje sou capaz de dizer bom dia a uma mangueira e tenho especial ternura pelos castanheiros de qualquer parte do mundo.

As árvores estão acompanhando atentas minha velhice, sabem de minha meninice que está ficando cada vez mais distante, minha mocidade navegando ao longe.

Que será feito hoje da caramboleira? Teria sido cortada? Estará ainda viva? É agora uma matrona, e se ficou tão gorda quanto era no passado, pode hoje ser chamada digníssima senhora.

As árvores que encontro no meu caminho, sabem, com certeza, que suas irmãs foram minhas irmãs de travessuras. Sabem e é por isso que aceitam, comovidas, o meu amor.

AMIGA, COMPANHEIRA

Estou sempre a vê-la nos seus gestos, na sua voz, no seu riso de corajosa alegria. Tão clara em tudo que dela vinha: tão brancos os seus dentes e o seu corpo; só nos cabelos negros o contraste parecia apontar mundos desconhecidos.

Há muitos anos a perdi. Por que não dizer que isso aconteceu no momento em que dela mais precisava? Fizera quinze anos, ia ser arrastada pelo redemoinho de sonhos, mas com ela aprendera tanto e tão bem a alegria e a coragem, que tive fôrças para continuar sòzinha pela vida afora. Em

quantos momentos dela precisei? Seria tão bom vê-la envelhecer a meu lado, à medida que eu envelhecesse também.

Quando nasci, ela contava apenas vinte anos e era linda. Quando a conheci melhor, éramos da mesma idade. Nunca esquecerei seu encontro com a morte, aos trinta e cinco anos, o mesmo grande sorriso, a mesma imensa alegria de viver. Mandou que eu parasse junto à porta de seu quarto:

— Fica assim.

— Para quê?

— Bobagens de gente que está morrendo. Se houver outro mundo, como dizem, entrarei nêle com o teu último retrato.

Nunca mais soube dela. A morte cavou entre nós duas a irremediável separação. Mas não impediu que a encontre sempre, sempre: nos livros que ela me ensinou a amar (Não há livros imorais — dizia), no combate à minha vaidade: quando fiz oito anos realizei uma coisa bôba que julguei um conto. Ela me aconselhou: "quando copiares, faze com menos erros na ortografia", e convenceu-me de que todo mundo é capaz de escrever contos.

Encontro-a até hoje nas suas lições de coragem:

— O sofrimento é coisa para gente fraca; os fortes são como soldados, não choram, não gemem, têm fôrça de vontade, coragem.

Ensinou-me a não admitir diferenças sociais:

— Todos são iguais; todos nascem do mesmo jeito; só muda o ambiente. Todos têm pai e mãe. Ninguém tem culpa de nascer pobre.

Riscou em nós os preconceitos raciais:

— Pretos e brancos são iguais. Procurando bem, todos nós temos um pouquinho de sangue negro.

Mais, muito mais: empenhava-se em desvendar os segredos da vida e da morte, afirmando sempre: "mistérios não há". E explicava.

Nunca deixou de responder nenhuma das minhas perguntas. Na idade em que as crianças perguntam sempre e muito, sua paciência foi total. Contava-me mais tarde que a partir dos quatro anos perguntei sempre e muito. (Que tenho feito até hoje?) Acordava de madrugada para perguntar o que era baile, de onde vinha o dinheiro, o que era sociedade.

— Nesta hora, que estão fazendo todos os homens?

— Querias saber tanto que me alegravas — dizia ela depois.

— Todos os homens dormem ao mesmo tempo? Todos dormem?

— Quando começaste a aprender geografia, tua ambição de conhecimentos aumentou. Querias saber da vida e dos sentimentos de habitantes dos mais diversos países do mundo.

Com ela aprendi as primeiras letras, professorinha tão apaixonada pela sua profissão que nela permaneceu de môça até morrer. Um dia separamo-nos. Era preciso — assim foi julgado — que eu fôsse internada num colégio. Ela deve ter sofrido mais do que eu, porque aos dez anos nenhuma criança feliz sabe o preço do sofrimento. Suas cartas diárias eram maravilhosas. Falavam-me de tudo: das manhãs claras, da mangueira, do quintal, dos meus irmãos, dos meus livros de estórias, da minha saúde. ("Cuidado com tuas correrias e teus saltos mortais; lembra-te que uma môça não gosta de ter pernas escalavradas.") Falava-me dos livros que lera e da maneira como eu devia conhecer os livros. Ensinava-me a ver gente, sentimentos e sonhos. Contava-me dos passarinhos que meu pai trouxera de sua última viagem, das aulas de piano que meu irmão jamais conseguiu dar, de tudo que era a nossa vida.

Corrigiu os erros de português da primeira carta de amor que recebi; sem que eu sentisse me ensinou a andar, a comer, a falar. Lembro-me até hoje de minha incapacidade de pronunciar a palavra "interpretar"; a paciência enorme empregada para que eu comesse coisas com que antipatizava: macarrão, por exemplo.

Nunca a separei de mim, mesmo depois de sua morte; minha vida em sua companhia foi menor do que a sem ela vivida. Não importa; marcou-se, escreveu-se, imprimiu-se em meus menores sentimentos. Até hoje, tantos e tantos anos depois de sua partida, sou capaz de perguntar:

— Que pensaria mamãe desta minha atitude? ou: — Mamãe gostaria de me ver assim? — Minha velhice será aquela que mamãe me desejou?

Sei claramente quando ela me aplaudiria; sei também quando me criticaria. Aprendi profundamente suas reações e seu aplauso, antes de suas palavras, por um bater de pestanas.

Carrego-a comigo como um troféu; amo-a tanto que tenho ainda hoje muitas vêzes vontade de repetir uma frase de minha infância.

— Mamãe, conta uma estória.

Entre nós nem a morte conseguiu destruir ensinamentos: lealdade, honestidade, tantos outros.

Minha mãe foi também minha grande professôra de coragem, e só isso me bastaria para louvá-la tôda a vida. Ninguém deve ou pode se espantar mais ao me ouvir dizer baixinho ou escrever sempre, como agora o faço:

— Muito obrigada, mamãe.

SEU LIMA

Não posso descrever com fidelidade e honradez o feitio de seu rosto, a côr de seus cabelos, a forma de seu nariz. Teria bigodes? Seriam bons, verdadeiros ou falsos os seus dentes? Tenho, apenas, a certeza de que era um homem alto porque na gramática de F. T. D. (se não me engano) está escrito: "homem alto, cinco horas, *alto* e *cinco* são adjetivos." Naquele momento pessoas, coisas e ensinamentos faziam parte de nosso teatro. Tudo se prestava para nossas representações:

— Seu Lima é adjetivo qualificativo?

— A gramática é gorda ou magra?

Sei que era alto porque quando chegava, dizíamos baixinho: "é um homem alto, cinco horas, *alto* e *cinco* são adjetivos." Jamais pude separar os dois exemplos. Tôdas as vêzes que alguém me fala num homem alto, as cinco horas são murmuradas. Um exemplo arrasta até hoje, na minha memória, o outro.

Para completar a descrição, devo declarar que além de alto era magro, muito magro. Sentado, suas pernas finas se uniam formando uma só perna grossa. E era triste, terrìvelmente triste.

Não sei — nunca soube — se era João, Joaquim ou Robélio. Mas tinha como sobrenome Lima. Quando êle chegava, a empregada anunciava depois do toque da campainha:

— Está aí o seu Lima.

Minha mãe corrigia:

— Senhor Lima. E colaborava: — Devem ser oito horas.

E eram. Como todos os memorialistas põem muito de seu julgamento presente nas lembranças do passado, hoje penso que quando minha mãe falava em horas, todos olhávamos para um relógio muito bonito, escuro,

pesado, de ponteiros dourados, que na imensa sala de jantar ia anunciando os momentos vencidos e os que vinham chegando para nossa vida tão sadia e tão alegre.

Como tôdas as crianças, naturalmente, não gostávamos de algumas horas: a de dormir, por exemplo. Mas amávamos o relógio e a sala de jantar que se debruçava sôbre o quintal, e na sombra podíamos ver a silhueta dos abieiros, da caramboleira e, ao fundo, a majestade da mangueira secular. Só não ouvíamos o cantar de pássaros, infelizmente presos em viveiros, porque naquela hora estavam todos dormindo.

— Tudo que há de bonito e de bom no mundo dorme cedo: os pássaros, as árvores, as crianças, dizia minha mãe, tentando convencer-nos da necessidade de ir para a cama.

— Acho dormir muito ruim, comentava eu, que sempre julguei dormir perder tempo.

Seu Lima — perdão, senhor Lima — não vinha sempre à nossa casa. Meu pai era comandante de navios na Amazônia. Fôra pobrezinho, muito pobrezinho — gostava de contar — mas a borracha um dia começara a dar dinheiro. — O explorado virou explorador, — falava minha mãe, que era muito entendida em Bakunin e Kropotkin.

O marinheiro fêz negócios, enriqueceu. O Amazonas estava no seu sangue e no seu coração: um amor caudaloso, tão grande que ninguém, em nenhuma época, pôde afastá-lo do seu rio e daquelas viagens. Elas duravam um mês, dois meses, às vêzes mais.

— Onde anda papai?

Depois chegava um telegrama de Manaus, contando que atrasara sua volta porque um afluente secara, estivera prisioneiro esperando que o rio enchesse, o navio encalhara. Mas nada havia de mais alegre do que sua chegada. Com êle vinham pássaros de vários nomes e diversos cantares, vinham estórias maravilhosas, vinham macacos e tantos bichos que, posso dizer, fui companheira de infância de muitos dêles. Só uma chimpanzé e um pavão foram mandados para o Museu Goeldi. O pomar e os jardins davam para que todos vivessem em paz. Vinham frutas, e cada uma delas provocava nosso entusiasmo. Meu irmão adorava uxis; eu adorava piquiás. Depois, quando o mais môço tomou ares civilizados e declarou sua paixão pelos melões, ficamos muito tristes. Estaria êle traindo a Amazônia?

Voltemos a seu Lima.

Quando meu pai viajava, êle sumia. Não tinha amizade com nenhum de nós nem

com minha mãe, tão expansiva, tão alegre, tão paciente e compreensiva. Só quando meu pai chegava, êle vinha.

— Êsse homem parece que vive agarrado ao noticiário marítimo dos jornais. Quando teu navio chega, êle sabe logo.

Era infalível. Entrava. Dava boa noite, apertava as mãos, perguntava se meu pai fizera boa viagem, e como num canto da sala houvesse duas cadeiras de embalo, seu Lima sentava numa, meu pai na outra, tomavam um cafèzinho — o visitante não aceitava nada além — e começava um estranho diálogo. Tão estranho que me leva a reproduzi-lo aqui.

As cadeiras iam e vinham. No quarto de estudo, junto à sala, fazíamos os deveres escolares. Minha mãe superintendia nossas tarefas lendo um livro. (Andava sempre agarrada nêles.) Ouvíamos nìtidamente o vaivém doce (frim-frim), leve, das cadeiras de embalo austríacas, perturbando o silêncio. Súbito a voz de meu pai dizia:

— Pois é isso, seu Lima.

E a resposta:

— É verdade, comandante.

As cadeiras continuavam indo e vindo: frim-frim. Minha mãe comentava:

— Coitadinho do Guilherme, deve estar cochilando. Está tão cansado.

Frim-frim, gemiam as cadeiras indo e vindo. O silêncio e logo a voz forte do caboclo amazônico:

— Pois é isso, seu Lima.

— É verdade, comandante.

Deveres prontos, estudos feitos, mamãe fechava seu livro, íamos dizer boa noite a papai. Eram dez horas. Seu Lima levantava-se, despedia-se, partia.

No dia seguinte, às mesmas horas, pontualmente e com a mesma fidelidade, seu Lima chegava e a cena se repetia marcada pelo doce embalar das cadeiras. Nunca ouvimos uma opinião de seu Lima. Entre os dois nenhuma discussão ou conversa longa. Às vêzes, menos cansado, meu pai falava em política ou contava casos, mas logo emudecia porque o visitante se restringia a declarar sempre e em tôdas as ocasiões:

— É verdade, comandante.

Depois que a vida veio e começou nosso redemoinho, tenho encontrado muitos Seus Limas. Tanta gente silenciosa, tímida, medrosa, concordando sempre, incapaz de ter opinião e dizê-la. Tanta gente terrìvelmente agitada e consciente, vivendo todos os momentos como foi meu pai e tendo paciência e doçura para os imutáveis, homens que possuem cérebro e não o usam; se têm opinião, não a dizem.

Jamais esqueci ou esquecerei Seu Lima; se as cadeiras de embalo austríacas desapareceram das salas de jantar, nem por isso os Seus Limas deixam de ficar indo e vindo, num embalo doce — frim-frim — numa calma enorme, como se a noite não avançasse, como se não houvesse cansaço ou sono, como se o mundo não exigisse colaboração ativa de tôda gente.

Que homem seria Seu Lima? Que buscaria êle na companhia de meu pai? Faltava-lhe família ou não possuía em casa cadeiras tão confortáveis? Não tinha amigos que suportassem sua mudez complacente?

Nada sei. Não posso responder a nenhuma das minhas próprias perguntas. Mas Seu Lima ficou em minha vida como um símbolo. É triste recordá-lo sempre que encontro pessoas que somente aprovam, que por mêdo ou timidez não têm opiniões nem capacidade para defendê-las.

— Por que Seu Lima é assim?

— Porque é um pobre diabo, falava minha mãe. Quem não sabe querer alguma coisa e defender opiniões, é pobre diabo.

Há muitos Seu Lima neste mundo. O que é terrìvelmente lastimável.

BANHO DE CHEIRO

De Santo Antônio não sou íntima, tampouco de São Pedro. Remexendo lembranças, acendendo o passado, não os encontro impressos ou esboçados em nenhuma fase de minha vida.

De Santo Antônio sempre ouvi falar maravilhas em matéria de amor: fêz casamentos que pareciam irrealizáveis, uniu lares desfeitos, alimentou sonhos, esperanças, desejos, ambições sentimentais. Emprego os verbos no passado, se bem que saiba que o santo português — que é tenente-coronel do Exército brasileiro — continua, hoje como

ontem, em sua bela faina de proteger amôres, e mais do que protegê-los, resolvê-los satisfatòriamente. A Santo Antônio nunca solicitei favores; nunca sei pedir nada para mim mesma a ninguém, nem mesmo a meus melhores amigos. Consegui, nos momentos precisos, resolver sòzinha meus romances. Hoje dêle nada mais espero, desejo ou quero.

De São Pedro quase nada sei, a não ser que guarda as chaves do céu, lugar que com certeza jamais conhecerei.

Mas com São João o caso muda inteiramente de figura; São João é personagem de minha infância; de São João sou velha e dedicada amiga.

Aprendi a amá-lo muito cedo. Creio mesmo que êle deve ter sido um dos primeiros amôres de minha vida, e ora contarei por que São João e eu somos tão íntimos: em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama o banho de cheiro ou banho da felicidade. Quereis aprender a fazê-lo? A receita é simples, e transmitindo-a, cumpro um dever, pois de coração vos desejo, a todos, muitas felicidades.

Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai fôlhas,

raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas — verdes pela juventude ou amareladas pela velhice — darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem.

Perdoai se os nomes dessas ervas parecerem selvagens aos vossos ouvidos habituados aos caros, raros e belos perfumes franceses, cujos rótulos lembram romances e poemas. Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da floresta e, com êles, naturalmente nossos avós índios também se perfumavam; se não recendiam aquêle odor, é porque — sabeis — os índios têm cheiro de terra.

Eis as plantas necessárias ao banho da felicidade: catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, priprioca, cipó catinga, arruda, cipoíra, baunilha (só uma fava) e corrente. Deixai ferver e ferver muito. Depois — ah depois... — deixai esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de tôdas as venturas. São João ajudará.

Manhã cedo, no meu tempo de menina — perdoai se gosto tanto de ressuscitar meu passado — nas vésperas de São João, a cidade amanhecia festiva, com a correria de homens carregando à cabeça tabuleiros cheios

das ervas da felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizavam as praças e ruas da Belém de meu tempo.

— Cheiro cheiroso! (a pronúncia local: chêro chêroso.)

Eram muitos, muitos; janelas e portas se abriam em tôdas as casas. Quem deixava de comprar seu banho para aquela noite? Nos fogões e nas fogueiras — as mesmas que iriam iluminar a noite do santo, — a grande lata fervendo. São João ia chegar encontrando nossos corpos perfumados, prontos nossos corações para a felicidade. No cabelo das curibocas, jasmins e maços de patchuli recendiam.

Na casa de meu pai, meninos, brincávamos com balões, soltávamos estrelinhas em pontas de varas para não queimarmos as roupas, lançávamos para o ar as pistolas. Naquele tempo não havia, como hoje, bombas e morteiros trágicos, violentos, barulhentos, que tornam nesta cidade chamada Distrito Federal — e tão minha amada — o mês de junho um mês de guerras. No meu tempo de menina os fogos eram líricos, e a todos em conjunto chamávamos foguetinhos.

Os foguetinhos: as estrelinhas saindo daquele bastonete, tão bonitas, tão claras enquanto gritávamos: "Minhas estrêlas são

as mais bonitas! Tenho mais estrêlas do que tu!" Cada bola de côr que nascia de uma pistola era um grito de alegria. Naquele momento não compreendíamos por que havia pistolas se negando a soltar bolas de côr; não sabíamos ainda da existência de pessoas e foguetinhos que jamais realizam seus destinos.

Alto, muito alto, subia a língua vermelha das fogueiras. Tínhamos o direito de, naquela noite — rara noite — dormir mais tarde, porque no dia de São João nascera meu pai e, à meia-noite, mesmo com a mesa cheia de iguarias, mesmo que ela estivesse coberta de cristais, no quintal corria, em cuias pretas, o munguzá.

Armavam-se ou aproveitavam-se as fogueiras que haviam servido para ferver o banho da felicidade. Saltávamos gritando: "São João disse, São Pedro confirmou que havemos de ser compadres que Jesus Cristo mandou." Podíamos ser compadres e comadres, primos, noivos, tudo que escolhêssemos em parentesco, porque o dom das fogueiras juninas é criar e ampliar novas famílias, formar laços até então inexistentes.

Somos muito amigos, por tudo isso, São João e eu. Nunca houve na minha infância o raiar de um dia 24 de junho sem que minha família tivesse sido aumentada; à sombra da fogueira onde corria o munguzá, muitas vêzes madrinha fui; meus primos se tornaram multidão.

— Irmã, não. De irmã não pulo com ninguém. Irmã só mesmo de meus irmãos! (Tolices de menina, perdoai. Só depois aprendi, com orgulho e alegria, a grande quantidade de irmãos que tenho espalhados pelo mundo.)

Havia muito mais, e isto dizendo, estou a vê-la agora mesmo sentada num trecho do Mercado, sôbre um banquinho, tão cheirosa na sua roupa cerzida, muito limpa, muito limpa. O cabelo em coque, e dentro dêle um ramo de jasmins bogaris. Ah, os jasmins bogaris de minha terra, tão escandalosamente perfumados que, se muito usados, podem até provocar vertigens; foi o que me contou, aconselhando cuidado, a preta Marcolina.

Mas quero falar é da outra, a do banquinho, e a seus pés um mundo de plantas, raízes, favas, ervas de vários feitios, cheiros, formas. Chamava-se Sabá e foi uma das pessoas mais estimadas de minha mocidade. Contava-me estórias maravilhosas do mundo vegetal, estórias que depois dela não mais encontrei em nenhum livro, em nenhum pedaço da vida.

Sabá era, como já disse, uma cabocla paraense que vendia banhos de felicidade no mercado de Belém. Eu perguntava, segurando uma batata:

— Que é isto? Para que serve?

— Isso é batata de vai-volta. Se você tiver um namorado, se êle lhe deixar, tome um banho com essa batata que êle volta correndo.

Narrava casos excepcionais: sua prima um dia fôra largada pelo marido. Coitada, cheia de filhos. Sabá preparara um banho com a batata de vai-volta. Terminava assim:

— Foi dito e feito. Estão aí felizes, muito juntos.

Sabia com dignidade e eficiência a ação de tôdas aquelas plantas. Mulher precisa agarrar marido, namorado ou outro qualquer amor que começa a ser infiel? É só tomar banho com carrapato.

— Esfrega-se no corpo dizendo três vêzes seguidas: carrapato, assim como tu te prendes nas árvores, faz com que fulano se agarre em mim.

— E agarra mesmo?

Sim, eu gostava de acreditar, e Sabá afirmava com tanta convicção a eficiência da trepadeira, ilustrando-a com novelas vividas. Muitas plantas para vários efeitos: para se

arranjar namorado, para se ter sempre dinheiro, para que a inveja e o mau-olhado não perturbem nossa vida.

— E isto para que serve?

— É cachorrinho, meu bem; é a melhor coisa do mundo para amansar gente de mau gênio.

Sabá vendendo banhos miraculosos no Mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amôres, fortalecendo com plantas lares quase arruinados. Sabá amansando, colaborando, construindo. Homens com tabuleiros gritando "chêro chêroso", balões subindo aos céus sem constituírem perigo, fogueiras crepitando, banho de cheiro fervendo, castanhas pulando quentes do meio do fogo, munguzá em cuias, famílias crescendo, as festas caipiras, os ramos de jasmins e os Boi-Bumbá vindo para a porta de nossa casa pedindo licença para entrar. Quantas bandeirinhas de papel de côr! Que mundo de lanternas japonêsas!

São João e eu somos velhos amigos; distanciados agora porque moradora de grande cidade, no meu bairro, São João é uma guerra. Longa, interminável guerra que começa antes do dia nascer e entra pela noite sem modificações. Não há poesia no São João carioca, mas foi justamente o barulho ensurdecedor das "cabeças-de-negro" e dos

"buscapés" (não serão bombas atômicas?) que me levaram a evocar o São João de minha infância.

Não posso assegurar que o mesmo quadro do passado se reproduza hoje na cidade onde nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste e envelhecida cidade, arrasada pela miséria e os maus governos.

A primeira vez que voltei a Belém, depois de quinze anos de ausência, procurei Sabá. Morrera havia muito — disseram — e infelizmente não deixara a receita de nenhuma erva que dê à gente de minha terra um pouco de dinheiro.

O banho de cheiro ainda existe até hoje e é cultivado por muita gente (inclusive por mim, mesmo a distância); pode ser comprado já pronto no mercado ou em casas que se dedicam aos perfumes da Amazônia. Não resolve nenhum problema, nem sequer traz esperanças, mas continua perfumando os corpos, nêles deixando o cheiro de mata virgem.

Presumo qual a pergunta que nasce neste momento em vossos corações. E assim respondo:

— Sim, continuo como no passado, tomando o meu banho de cheiro, não mais à meia-noite, mas sempre nas vésperas de São João. Se sou feliz? Plenamente. Nunca

acreditei que o banho de cheiro desse felicidade, mas asseguro que a possuo construída com minhas mãos, minhas ações, minha cabeça. Minhas mãos e minha cabeça, é verdade, encharcadas de banho de cheiro.

São João abandonou minha cidade e sua gente. Por quê?

A REVOLUÇÃO DE 1930

Realmente quase eu ia esquecendo aquela noite. Não fôsse uma *enquête* de jornal, a pergunta feita por um repórter, e eu jamais ressuscitaria êsse episódio de minha vida: uma noite com tantas tintas de tragédia e tão vistosas côres de comédia.

Éramos um bando alegre de criaturas irresponsáveis, porque jovens. Morávamos numa casa muito bela, de dois andares, florida e elegante, a única elegante e florida de uma rua triste, com um capim rebelde crescendo até o meio-fio. A Prefeitura de minha terra, — como de muitas e várias

terras — nunca se preocupou com a limpeza das ruas; sempre deixou que o capim crescesse em liberdade e que o sujo tomasse conta das estátuas.

De nossa casa víamos o grande terreno do Quartel-General do Exército, seu palácio imponente dominando uma praça, seus campos destinados a não sei que treinamentos, pois nunca fui entendida nem entusiasta de assuntos militares. Éramos, por assim dizer, vizinhos, o Quartel-General e nós. Não será necessário dizer que tudo isso e o que ainda vai ser narrado, ocorreu em Belém do Pará, a minha tão e sempre amada cidade natal.

Antes, numa manhã — ah! as maravilhosas manhãs da Amazônia, tão claras, tão claras — tinham vindo prender em nossa casa meu irmão mais velho, que me contara, sob promessa de absoluto e total silêncio, sob terrível juramento de guardar segrêdo, que estava conspirando contra o govêrno Washington Luís e aderira à Aliança Liberal. Expusera longamente as razões de sua atitude tão inesperada num mocinho gostando de dançar, namorar e fazer esporte. Analisou para meus ouvidos atônitos a situação política local e do país inteiro. Falou demoradamente em assuntos que pensei não entendesse, contou casos de opressão e de desregramentos governamentais. Ouvi tudo

sem proferir palavra e — confesso — naquele momento, conhecendo a família de moleques que éramos, o fato não me causou a menor emoção, apenas sentida depois, quando o jovem querido foi prêso.

Prêso meu irmão, comecei a sentir muita aflição, principalmente porque criados em pleno sol e alegria da Liberdade, nunca suportamos jugos, cerceamentos, escravizações e, por isso mesmo, cadeia. Os dias corriam agora dando-nos obrigações novas: visitávamos fielmente o prêso, que se comportava com bravura e dignidade, se bem que sempre se declarasse faminto, exigindo comidas feitas em casa, especiais quitutes. Mantinha, porém, seu bom humor constante, contava ou inventava estórias engraçadíssimas da prisão, de tudo se aproveitando, como até hoje o faz, para criar anedotas e piadas.

Uma noite — creio que dois ou três de outubro — saíra o chefe da família, e dentro de nossa casa bonita estávamos apenas quatro crianças, duas empregadas e eu. Já estávamos preparados para dormir quando sentimos estranho movimento na rua, geralmente silenciosa e triste: gente correndo, cornetas tocando, nosso vizinho fardado num vaivém agitadíssimo, automóveis indo e vindo, ordens dadas em vozes altas e ríspidas. Que teria

havido? Chegamos todos à janela. Estava acontecendo alguma coisa importante, isso não havia dúvida, mas que seria? Apenas eu sabia — sempre gostei de saber coisas da política — que se esperava um movimento insurrecional em todo o país, que aqui e ali muitos focos da revolução haviam já explodido. Sabia da existência da Aliança Liberal e de seus desejos.

Achei mais prudente fecharmos a casa, esperar a volta do ausente, mas um tiro soou. O primeiro, outro mais, e então recolhemo-nos a um dos compartimentos da casa, aquêle onde se enfileiravam meus livros, minha mesa e usava o título pomposo de escritório. Ali, principalmente, eu construía ingênuos sonhos literários.

Reunimo-nos no escritório, pequenina peça que até hoje, tantos anos decorridos, posso descrever ainda e rever em detalhe: numa parede o grande retrato de minha mãe sorria.

Os tiros se sucediam, secos a princípio, parecendo sem direção, mas depois localizados em cima de nossa casa, quebrando vidraças e vidros, espelhos e louças, furando móveis e paredes. De todos os sêres agasalhados naquela saleta, apenas eu sentia a gravidade da situação. Para as crianças,

aquilo parecia um grande e maravilhoso espetáculo. Meu filho pequenino se encarregara da classificação de cada um dos tiros:

— Viram como êsse foi gordo? Coitadinho dêste, magrinho, feio! Ih! que beleza êsse grandão!

Era um menino que jamais imaginara fôssem tão bonitinhos os tiroteios. A menina, minha filha, sempre agarrada aos livros, já com um bruto sentido de responsabilidade pelas coisas da vida, perguntava a todo momento:

— O que é que êles querem?

Minha irmã, nos seus maravilhosos dez anos de idade, muito ponderada — guardou êsse tom até morrer — protestava:

— Não vejo por que tu ris; o caso é muito sério, precisamos fazer alguma coisa. Pensa! E se puséssemos um lenço branco?

As empregadas, tristes, mudas, esmagadas, não compreendiam que eu ria para não causar perturbação às suas inconsciências, para não preocupar as crianças, esforçando-me para ficar ao nível destas últimas, tão corajosas, tão ingênuas, desconhecendo a realidade da situação. Não lembro se as empregadas rezavam; creio que sim, mas recordo que não causaram o menor atropêlo ao nosso heroísmo, inconsciente nas crianças, forçado em mim.

Estávamos bloqueados. O dono da casa não pudera voltar porque no momento em que tentara alcançar a rua fôra impedido pelo "não se passa" de soldados armados de carabinas e baionetas. O tiroteio continuava. Uma coisa eu sentia: tôdas as vêzes que acendíamos as luzes, êle se tornava mais intenso. Mas como não acendê-las muitas vêzes, se as crianças queriam água, leite ou ir ao *toilette*? Na escuridão, apenas minorada pelo clarão dos tiros (haviam sido apagados os tristes lampiões da rua) não poderíamos continuar por muito tempo, tínhamos sempre que recorrer à luz.

Percebi que o tiroteio era dirigido contra nossa casa; pensei que todo aquêle ódio era devido a meu irmão, "revolucionário". (Que êle me perdoe as aspas.)

— Sabes — dissera-me êle no momento da confidência — vamos ficar na História neste ano de 1930. Eu sou um "revolucionário". Meu pai, pensava eu, um revolucionário com um coração daquele tamanho, será que pode? Depois mudei de opinião, mas naquele momento eu era uma mocinha cheia da alegria de viver. Queria ter apenas direito a sonhar.

O tiroteio continuava, as horas corriam e meu irmão mais môço sofria: estava com treze anos e depois de muita luta conseguira

me convencer que devia sair das roupas infantis para usar calças compridas. O terno — a primeira indumentária adulta — chegara naquela tarde; houvera uma verdadeira festa. Aquêle menino, tão amigo, lançava sua proclamação adulta. Com que orgulho exibira suas calças compridas, com que alegria comunicara a todos que agora, sim, agora era um homem!

Dono de uma alegria contagiante, enquanto as balas choviam, êle ia declarando:

— Fizeram esta revolução só por causa de minhas calças novas. Gente ruim, acontecer isso no dia em que o alfaiate mandou minha roupa de gente. Ah! se êles furarem minhas calças...

E saía de gatinhas a todo momento para ir ao quarto onde, no guarda-roupa se perfilava, solene, aquêle terno que iria marcar uma nova fase na sua vida.

Às seis da manhã a campainha da porta de entrada vibrou fortemente. As crianças depois de uma noite tão cruel de vigília, dormitavam no grande divã da saleta. Com a campainha e cessado o tiroteio, descemos todos. Agora batiam à porta com as coronhas de carabinas. Abri.

Não posso lembrar quantos homens fardados entraram no pequenino "hall", mas sei que o mais graduado (perdoai, jamais

soube intitular homens pelos galões que trazem no braço ou no quepe) perguntou por meu irmão. Naturalmente tive um espanto: — então não sabiam que êle estava prêso havia uns quinze dias?

— Pois o senhor não sabia?

Mas nisso êle viu um quepe na chapeleira. Avançou sôbre o pobre chapéu militar, agitando-o no ar. Gritou:

— Onde está êle?

— Êle quem?

— O Magalhães Barata.

Aí compreendi tudo. Com as proezas de meu irmão mais velho nascera o boato de que em nossa casa estava instalado o quartel-general dos revolucionários de 1930 em Belém do Pará, e que o chefe do movimento estava escondido naquele palacete tão calmo. O homem avançou para o cabide; meu irmão mais môço declarou forte:

— Cuidado, não suje o meu quepe do Ginásio...

Expliquei que jamais vira o chefe revolucionário, o que não impediu que a casa fôsse vasculhada, invadida, numa busca infrutífera.

— Sairão daqui com a escolta.

Ordem sêca, que julguei de grande ridículo: aquêle ser fardado e soberbo estava prendendo quatro crianças, o mais velho com

treze anos, duas esmagadas domésticas e eu em plena juventude. Que mal poderíamos estar causando?

Saímos para a rua. Espanto geral, protestos, à medida que atravessávamos a cidade como heróis, achando tudo engraçadíssimo. Pessoas amigas ou apenas conhecidas vinham para as janelas, enquanto aquela escolta ladeava os terríveis prisioneiros. Sùbitamente fomos deixados numa rua. Atrás de nós dezenas de curiosos vinham naturalmente querendo saber o nosso destino. Depois um amigo recolheu-nos, abrigou-nos, pois tínhamos ordem de não voltar para a casa bombardeada, o que não poderíamos fazer mesmo que quiséssemos: as balas haviam deixado marcas terríveis.

Mas o dia quatro de outubro — creio — foi uma festa: meu irmão em liberdade, aplaudido como líder, nós também saudados como se heróis fôssemos. Dias mais tarde naquele querido "Estado do Pará", jornal que abrigou meus primeiros trabalhos, eu escrevia arrogantemente um artigo, declarando: "essa revolução não é a minha". (Até hoje me espanto como naquele momento — tão jovem — eu pude ver longe ou melhor prever o futuro.)

É essa a lembrança que tenho da revolução de 1930, se bem que guarde, como o

melhor dela, o terem sido respeitadas as calças compridas de meu irmão. Quando êle afinal as vestiu, bem merecia, pois defendeu-as como um herói na noite trágica.

A revolução de 1930 para mim é a estória das primeiras calças compridas do mais amado e do melhor irmão do mundo.

DELÍRIO NÚMERO UM

A primeira vez que senti o que depois chamei apêlo dos pés, foi num café, se bem me lembro da rua Álvaro Alvim, onde, sentada diante de uma mesa, conversava com um amigo. A porta, cortada embaixo, era bastante alta para não mostrar cabeças; uma porta movediça e irrequieta, comum a vários restaurantes e cafés, egoísta porta consentindo apenas a exibição de pequeninos trechos de pernas e pés em trânsito.

Logo que o espetáculo se apresentou a meus olhos, estranha sensação invadiu-me, inquietando meus pensamentos. Pensei em

comentar o fato com a pessoa que comigo conversava. Devia estar falando em assuntos tremendamente sérios, com certeza política, e far-lhe-ia mal qualquer perturbação; não julgaria acertado se pedisse seu auxílio para a análise do cenário, ou talvez achasse ridículo alguém, naquele momento, querer examinar a vida através de uma porta que nem sequer se apresentava completa, definida, total. Desejei mudar de lugar, porém meus olhos e meu raciocínio não podiam, de nenhum modo, abandonar aquela singular contemplação.

Quis distrair-me, penetrar na conversa, tomar parte no assunto, não abandonar o amigo, prestar atenção às suas frases e opiniões, apoiá-lo ou divergir, mas nada consegui. Palavras que em qualquer momento me despertam e agitam — fome, miséria, injustiça, opressão, liberdade, direito, saúde, alegria — naquele instante eram fluidas, sem côr e ressonância. Minha vontade desaparecera ante a eloqüência do apêlo dos pés.

Tentei pensar em coisas diferentes, fugir para assuntos diversos, esconder-me em ocorrências passadas ou embarcar em planos futuros. Tentei sentir crianças famintas, lares tristes, mulheres doentes, mas os pés chamavam-me, exigiam minha presença, re-

clamavam minha participação no espetáculo que estavam realizando.

Sapatos cambaios, de quem seriam?

Como será o rosto daquele homem, com aquêles sapatos? Não são sempre parecidas as pessoas e suas coisas de uso diário? O que passou agora torna feios os sapatos; adultera as linhas, transforma os detalhes. Êsse homem deve ter pés horríveis, dedos acavalados. Será doente? Terá reumatismo?

Não creio que êsses sapatos sejam dêsse dono; são grandes demais, parecem soltos, prontos a fugir. Sente-se mesmo que há um certo emprêgo de fôrça para mantê-los no pé. Quem seria o dono real, aquêle que os comprou? Para um casamento ou um batizado? Por quem os deu depois?

Êste sim, deve ter um bom emprêgo, ganhar bem. Seus sapatos são novos, lustrosos, cuidados; com certeza não é criatura de um só par, tem outros, vários, um para cada roupa, faz combinações, estabelece horários. Diz: "hoje o marrom, pois saio de azul-marinho" ou "onde estão os meus pretos para *smoking*?" Se percebe uma leve camada de pó — êste, sim — é homem de procurar um engraxate, estender os pés, deixar o menino ou o velho com uma caixinha ajoelhar-se até que, sem manchas e com bri-

lho, possa andar por aí, cortando ruas, atravessando avenidas, exibindo elegância. Político, industrial ou honrado comerciante de nossa praça? São sapatos de quem anda mais de automóvel do que a pé.

Meu amigo continuava falando, gesticulando, sorvendo pequenos goles. Palavras iam, frases surgiam enquanto indiferente a tudo, eu continuava apenas prêsa àqueles sapatos, àqueles pés.

Há tragédias nestes, cheios de lama. A camisa de seu dono deve estar suja, o colarinho puído, as meias rôtas. De onde vêm assim, se não está chovendo? Por onde andou para apresentar pés marcados pelas estradas sem calçamento? Estará chovendo em algum subúrbio distante? Não os sujou na cidade, pois há dias não chove. De onde vem êsse homem? Quanto ganhará êle? Terá uma grande família, mudas e mortas estarão as bôcas de seu fogão? Pequeno funcionário ou biscateiro? Que faz nesta rua a esta hora?

Por que veio ela agora com seu sapatinho branco, todo branco e todo aberto, criar nova personagem no espetáculo que meus olhos já começavam a definir e classificar? Onde vai assim leve, leve, como se voasse? Como consegue equilibrar-se em

tão altos tacões? As que passaram depois dela — e foram muitas — as que haviam passado antes dela — e foram algumas — não lembravam sexo. Onde irá aquela mulher? Estará procurando alguém ou alguma emoção? Anda por andar ou tem hora marcada? No dentista, no cinema? Será fiel ao seu amado? Terá um amor?

As de salto baixo carregam livros, tenho certeza; muitas usam uniformes, algumas têm ainda cabelos soltos e riem muito.

Outras dizem, pelos sapatos, que trabalham demais; são as mulheres saia e blusa que ficam furtando minutos ao trabalho para sonhar. Ainda não serão as mocinhas de balcões de casas de modas e armarinhos. Essas só virão mais tarde, quando o comércio fechar e elas invadirem a cidade como pássaros de uma gaiola provisòriamente aberta.

Estava tão empolgado agora meu amigo, falando em Paz universal e Direito dos Homens, que nem sequer reparava naquele meu silêncio tão longo; nem procurava ver em meus olhos a partida realizada; não podia ver que eu viajava longe, muito longe, em pés.

Uns vinham mesmo querendo atravessar a porta. Alguns conseguiam balançá-la levemente, talvez apenas com a fôrça do hálito.

Outros entravam; abriam violentamente a porta; procuravam ou fingiam buscar alguém; partiam ou ficavam sentados como nós, diante da mesa.

A porta, durante muito tempo, ia e vinha, se embalando, marcando uma entrada, ia e vinha contando uma saída, dizendo adeus a uns, boas-vindas a outros.

Os que ficavam perdiam interêsse para minhas pesquisas. Eram pessoas descobertas, sem mistérios, sem estórias para serem adivinhadas; ficavam vizinhos, entravam para a nossa comunidade. O mundo, o mundo novo a ser descoberto eram os outros, os que passavam arrastados ou ágeis, lentos ou rápidos, com um enderêço ou uma tarefa, os sem mais nada a fazer, sem esperanças nem ambições; outros iam depressa, muito depressa, tanto queriam chegar ràpidamente aos seus destinos; os preguiçosos não haviam ainda escolhido um caminho; os vacilantes iam e vinham caminhando em dúvidas; outros pisavam forte, na certeza da estrada conquistada, aquêles sabiam por onde andavam. Havia os que, diante da porta que ia e vinha, humildemente cortada, pobre porta incompleta, lutavam contra um desejo

muito alimentado; os vencedores dela fugiam; os vencidos nela ficavam. Ora a porta ganhava, ora a porta perdia.

Por maior e mais rápida que fôsse minha imaginação, como poderia eu dar rostos a tantos pés, dar tantos corpos, tantas mãos a tantos pés, tantos pés. Sim, porque agora eu estava empenhada em dar corpos àqueles pés; mais do que corpos, queria dar-lhes sentimentos, pensamentos, ações.

Sim, sim, como agirá aquêle homem de sapatos rotos? Suas mãos de unhas sujas e veias grossas estariam sempre estendidas. Saberiam acariciar? Teriam algum dia passado de leve nos cabelos de uma criança?

Como pensará a cabeça daqueles pés? Julgará o mundo apenas um lugar próprio para se pedir esmolas ou foi levado a isso pelo desemprêgo forçado, pela falta de trabalho, pelas vicissitudes? Por que não reagiu? Que pensará do govêrno, da situação de nosso país e do mundo, aquêle outro com sapatos tão bonitos, sem cordões?

Deve ser um desportista, êsse que se levantou arrogante como um bailarino, para olhar por cima da porta. Alto, forte, sadio, cheguei a ver ràpidamente, porém com muita clareza, um trecho de sua cabeça. Não me enganei: cabelos revoltos, camisa aberta e sem gravata. Julgará êle a rua como sua

própria casa, a cidade inteira o seu quintal, o mundo o seu parque de diversões?

Senti que delirava; quis sair daquele tumultuoso estado de espírito, lembrar coisas engraçadas, tentei recordar anedotas, pensei em sambas. O delírio continuava, sem que eu pudesse reagir.

Por que delirava eu? Como caíra naquele estranho mundo de pés? Começara manso e simples meu delírio, querendo apenas dar um corpo aos pés, aproveitando a existência daquela porta mutilada. Mas crescera tanto e tanto que, levando-me além, muito além, obrigava-me agora a adivinhar cada vez mais: corpos, pensamentos, ações através de sapatos transeuntes.

Não vi tamancos; apenas um ou dois pares de pés descalços. Compreende-se: aquela rua exige sapatos.

E se tudo aquilo fôsse anúncio, e eu, bôba, querendo procurar a vida naquela gente que desfilava apenas demonstrando a beleza e a resistência dos produtos da sapataria tal? Não poderia ser anúncio: a maioria exibia sapatos feios, ruins, pobres, baratos, e muito pior, pior ainda, sapatos humilhados, esmagados.

O amigo continuava falando: ouvia-lhe, entre um e outro sapato, entre o descobri-

mento de uma e outra vida, palavras sôltas, belas algumas: alegria, felicidade, amor. No preciso momento em que disse Liberdade, o sapato que passou parecia arrastar escondidas correntes de escravo; aquêles pés saberiam o valor da Liberdade?

Quando meu amigo pronunciou a palavra Justiça, um mundo de pés agitados passou diante da porta. Onde iriam êles procurá-la? Num palácio, nas ruas, onde? Agora, quase que eu tinha certeza de que pela palavra Justiça corriam e se reuniam aquêles sapatos de muitas côres, feitios e preços; apesar da tarde quente de verão, quente e tão clara, bem vi, juntando-se à multidão, uns sapatos de camurça apregoando o calor dos pés que abrigavam. Estavam correndo todos agora em direção à Justiça. E se não a encontrarem, voltarão? Não a encontrarão, eu sei, e quando voltarem virão tristes, arrastando mágoas. Devo segui-los? Devo dizer-lhes que antes de partir em sua busca precisamos construí-la dentro de nós?

Não sei quanto tempo durou êsse delírio. Posso apenas afirmar que, a partir dêsse dia, sou perseguida pelos pés e seus destinos. Encontro-os sempre, indo e vindo; apenas agora, mais experiente, tenho muito

cuidado para que êles não me arrastem a julgamentos ou atrapalhem encontros, conversas. Com estas muito se aprende, e o que aprenderei com os pés que andam pelo mundo, calçados ou descalços, cortando ruas, atravessando avenidas, se misturando até com a relva dos jardins e com areias da praia? Que aprenderei eu com pés que viajam em trens, ônibus ou bondes? Que lucrarei eu aprendendo a linguagem dos pés que procuram emprêgo, ou com sapatos que correm à farmácia em busca de remédio para uma criancinha doente? Nada posso resolver sòzinha no destino de criaturas, mas sempre e sempre sinto que gostaria de vê-las mais felizes, melhor realizadas.

Penso em pés desbravando a Amazônia, pés construindo estradas, pés plantando, pés cuidando de terras e civilizando-as, pés trabalhando, pés preparando açudes, pés criando, pés produzindo. São os mesmos que eu gostaria de ver dançando, amando, pulando, cantando.

Na noite daquela tarde em que tive meu primeiro delírio ou apêlo dos pés, já em casa, pronta para dormir, não pude fechar os olhos. Fechá-los era rever sapatos passando, pés indo e vindo. Para onde iriam? De onde vêm?

Contei essa estória a um amigo que disse:

— Uma alucinação como outra qualquer. Também já tive uma delas, com cangotes de mulheres, num ônibus...

Sabia que a minha era diferente: jamais deixaria de pensar na multidão de pés que carregam homens e seus destinos.

DELÍRIO NÚMERO DOIS

Desde aquêle dia em que pés transeuntes provocaram meu primeiro delírio, dêles nunca mais pude fugir. Cheguei mesmo a verificar que qualquer lugar pode servir de pôsto de observação para o exame e a pesquisa de sentimentos, ações e reações impressas em pés que desfilam.

Aprendi com segurança a linguagem dos passos e as vozes dos sapatos; sei da luta que é de muitos para a escolha de um caminho; vejo agora, sem mistério, os dóceis que apenas acompanham a multidão. Irão aonde ela fôr; outros se procuram sempre e sem-

pre, alguns com exagerada persistência. Asseguro que para mim não há mais dúvidas nas caminhadas.

Desvendada a linguagem dos pés, dediquei-me a observar a fôrça e a fraqueza das mãos. Há algumas muito bonitas. Fazem gestos maus, com a beleza que só a doçura possui. Outras parecem galhos secos de árvores, pegadores de roupas, garras de pássaros lendários, raízes de plantas desconhecidas.

Às vêzes parecem mãos de assassinos, outras vêzes de hipócritas, sem que se possa explicar por que assim se rotulam. O assassino tem mãos de crime? Há alguma teoria que o prove?

Já vi mãos carpideiras; sentia-se nelas, claramente, o hábito de chorar muito e sempre, chorar por prazer, chorar com alegria.

Outras vêzes encontro mãos de outros corpos. Vejo que estão emprestadas, fora do lugar, em busca da pessoa a que pertencem. Entre estas, há as inadaptadas, querendo libertar-se da prisão e fugir; outras se acomodam; preguiça, talvez, de procurarem seu devido lugar. Há mãos cheias de veias e de rugas; são as marcadas pelas dores sofridas. As alegrias não marcam mãos.

Estarão todos os homens, tôdas as mulheres, contentes com as mãos e os pés que têm? Não creio. De muita gente já ouvi protestos e lamentos: — Não sei por que tenho mãos e pés feios...

Não poderei lembrar olhos, voz, nariz de ninguém. Nem mesmo de certas pessoas que ficaram em alto-relêvo na minha vida. Sei que eram escuros os olhos de minha mãe. Escuros, mas como? Não sei a côr de muitos olhos que me olharam com muito amor ou muito ódio. Olhos, vozes, narizes, são para mim conhecimentos imperfeitos. Também não lembro bôcas; relembro apenas algumas palavras que delas ouvi.

Mas pés e mãos exigem de mim profundas análises. Quantas vêzes já me perguntei por que são feias, inexpressivas, tristes, as minhas mãos? Por que envelheceram assim, tão depressa? Sempre que nelas reparo, sei e sinto que viveram muito mais profundamente do que o resto de meu corpo. Não que destoem do conjunto; seria mesmo impossível separá-las de mim, tanto somos uma só. Mas dão a impressão ou a certeza de terem vivido na frente, muito na frente.

Minhas mãos não foram jovens nem mesmo no tempo da juventude total. Marchavam na vanguarda; agitavam-se incessante-

mente; nunca se pouparam. Abriram caminho para a minha e outras passagens; viajavam quando eu ficava; não voltavam comigo quando eu regressava; partiam antes, chegavam depois, tanto e tanto queriam viver. Lutavam muito para sentir e raciocinar antes dos meus sentimentos e raciocínios; pretendiam ser mais velozes do que meus pensamentos. Procuravam sempre; que procurariam? Tiveram muito trabalho para dar de comer à minha bôca, para alisar meus cabelos como se êsse gesto bastasse para acalmar certos dissabores; tentaram arrumar em minha cabeça o exagêro de muitos sonhos. Pesquisaram sempre, estudaram muito, explicaram e aprenderam.

Quantas vêzes negaram e quantas vêzes afirmaram? O que as envelheceu não foi, com certeza, o número de vêzes que disseram adeus.

Quando acariciaram — houve sempre uma quantidade enorme de adormecidos carinhos em minhas mãos — demonstraram a profundidade de meu afeto, disseram que refletiam um sentimento alicerçado em outros sentimentos, colaboração, inclusive, de outros órgãos.

Quando odiaram — houve sempre uma quantidade enorme de acordados ódios em minhas mãos — exprimiram claramente êsse

ódio. Nítida, lúcida, transparente foi sempre a manifestação de meu ódio.

Nunca viveram pela metade. Nunca aprenderam a sabedoria do meio-têrmo. Nunca fizeram gestos de perdão; nunca pediram; jamais imploraram. Foram ingênuas e sábias. Apertaram mãos amigas com um calor comunicativo e confiante; acariciaram cabecinhas de crianças sem o hábito das carícias e fecharam-se com fôrça quando começaram a sentir as injustiças, as dores, a miséria e o sofrimento dos homens.

Nunca mentiram. Nisso são virgens. Mesmo quando erraram — e erraram muito — não mentiram; por isso talvez estejam tão velhinhas agora. Foram jovens em algum tempo? Nunca foram belas. Antes de mim meu pai já as trazia assim: viera de uma vida difícil de luta, fôra muito pobre e muito só; quando enriqueceu, o passado gritava em suas mãos de veias fortes.

Quantas vêzes erraram, quantas vêzes acertaram, que gestos usaram fora de tempo, que gestos negaram em certos momentos?

Se os homens fizessem como eu um rápido exame de suas mãos, que diriam delas, que nelas sentiriam? Lembrariam a infância quando as mãos descobrem o tato e dêle se enamoram? Lembrariam a voz materna aconselhando: "Não mexa nisso, menino?"

Lembrariam depois a adolescência marcada pelo primeiro namôro? O primeiro contacto com a mão amada? Os acontecimentos iniciais que irão se repetir pela vida afora, como se fôssem eternos?

Desde aquêle dia em que pés transeuntes provocaram meu primeiro delírio, dêles nunca mais pude fugir. E a prova é a narrativa dêsse meu delírio número dois:

Eu passara dois meses prêsa na Sala de Detidos da Polícia Central. Durante sessenta dias vira, ouvira, sentira, sofrera tantos e tantos sofrimentos, estava tão cheia do cheiro de sangue, meus olhos e meus ouvidos tão impregnados de dor, que quando fui mandada para a Casa de Detenção, senti alívio. Não sabia o que iria acontecer; mas ficar onde estava era caminhar para a loucura.

Precisarei dizer a data dêsse fato? Quem já esqueceu os trágicos, sombrios, inquietantes e longos dias de 1935: prisões cheias, espancamentos, torturas, arrancar de unhas, surras de chicote, ditadura policial, terror? Quem já esqueceu?

Quando cheguei à sala das mulheres, no Pavilhão de Primários, logo meus ouvidos se encheram do ruído de pés. Monótono e

angustiante. Não podia ver corpos, mas escutava vozes. E o ruído incessante: eram tamancos, tamancos que andavam entre quatro pequeninos pedaços de chão, entre pedacinhos de parede: eram tamancos, e bem que eu sentia que aquêles pés não estavam acostumados, não tinham nenhuma prática de andar assim.

Havia tamancos que se agitavam como castanholas. Outros que a todo momento escapuliam dos pés, fugiam, eram procurados e afinal pescados. Como lutava para caminhar em tão limitado espaço, aquêle mundo de tamancos? De quem seria êsse que parecia tão cheio de ódio? Alguém embalava, com música muito doce no andar, o sono de uma criancinha recém-nascida e distante.

— Por que andam todos de tamanco?

— Por causa da umidade do chão. Não vês que isso é lajedo? Os sapatos de nada valem; os chinelos muito menos. O frio e a umidade atravessam calçados de qualquer espécie, daí ser preciso o tamanco.

Às seis da manhã êles começavam a andar, cantar, gemer. Eram mais ágis e menos barulhentos às primeiras horas do dia. Quando a noite ia chegando, o ruído aumentava, os pés pareciam mais fortes, numa luta

desesperada para sobreviver. Deviam fazer mais ruído nessa hora, porque era a da volta ao lar. Onde andariam as crianças que os recebiam tão contentes?

Comecei a querer adivinhar, através das espêssas paredes, de quem seriam os pés. Conheceria aquêle, ou não? Quem pisaria assim? Êsse parece um bailarino; deve estar fazendo ginástica; suas pernas doloridas exigem movimentos. Como poderei reconhecê-los, conhecê-los pelo caminhar dos tamancos? Como poderei pedir-lhes que me ensinem quem são pelo andar? Cantam muito, estão sempre criando canções e não posso sequer saber se a voz que canta é aquela mesma que pisa tão forte, neste momento.

No dia em que, pela primeira vez, depois de muito e muito tempo, foi estabelecido o "banho de sol" para os presos políticos, os tamancos subindo e descendo escadas, os tamancos que afinal se libertavam dos cubículos escuros, o ruído de pedaços de madeira batendo no chão, pareciam a mais bela das canções jamais escritas sôbre Liberdade.

Depois o tempo foi longo, tão longo que meus ouvidos aprenderam o ruído dos pés e dos tamancos. Não precisavam mais identificá-los; não me provocavam mais, como

de início, a perturbação dos pés que andam, que marcham, que vão e vêm. Era capaz de saber o nome daquele que pisava o lajedo anunciando sua fome; conhecia bem todos os pisares. Meus tamancos eram irmãos de seus tamancos.

O tempo foi longo, tão longo que todos caminhávamos com o mesmo ritmo; nossas vozes tornaram-se parecidas. Aí comecei a sentir imperiosos desejos:

— Gostaria de ouvir a voz de uma criança...

— Como seria bom ver uma árvore...

Crianças e árvores: um outro mundo.

CAPÍTULO DOS RELÓGIOS

Êste caso nasceu da miséria, mas no decorrer da narrativa toma um certo ar de grandeza e confôrto, falando inclusive em dinheiro e outras comodidades. As ocorrências do presente podem misturar-se a outras, do passado, são detalhes no conjunto de uma realidade, frutos de pequeninos fatos comuns a tôda gente.

Nenhuma relação, contacto ou influência entre esta estória e outras, já lidas, relidas, aplaudidas em vários escritores nacionais ou estrangeiros, impecáveis, fabulosas estórias em que relógios são obsessão, grandes e graves relógios de parede evocando tragédias, menores relógios companheiros de trágicos acontecimentos, relógios cômicos, relógios dramáticos, relógios que com seus tique-taques ressuscitam mortos e fazem passar no fundo do salão em penumbra fantasmas recalcitrantes; relógios que emudeceram precisamente na hora em que a mulher loura partiu com o caixeiro viajante ou em que a dama protagonista bebeu veneno, relógios marcando crimes e assombrações, ciúmes e traições, mundo de relógios literários ou policiais. Nada disso. Esta estória é o relato de um fato banal, que pode começar sendo contado assim:

Um dia quebrei um relógio e isso só teve realmente importância porque aconteceu num momento em que eu vivia longe de minha pátria. Os acontecimentos também obedecem às côres das bandeiras, têm íntima ligação com o chamado "país natal".

Naquele país, mulher desconhecida e sem raízes, nenhum amigo relojoeiro me fiaria qualquer coisa, quanto mais um novo relógio.

Antes devo dizer que as jóias em geral me metem mêdo. Já as tive, formosas, de valor, denunciadoras de outras idades, nas quais eu não trabalhava porque meu pai trabalhava para mim e, logo depois, aquela ou-

tra em que eu não trabalhava porque meu pai trabalhara para mim. Êsse passado que tempos de verbos tornam diferentes não é uma vergonha, nem dêle tenho direito de arrepender-me. Foi a época em que outros construíram minha vida, até o dia em que me encontrei a mim mesma, encarei de frente os acontecimentos e comecei a viver novos momentos pelos quais posso ser acusada, criticada ou aplaudida. Outra vida de cuja construção sou a única responsável.

As belas jóias que tive, perdi em casas de penhôres que chamamos pregos, na etapa em que encontrei o meu caminho; justamente no momento do qual me orgulho: o da escolha de um futuro. Perdi uma a uma no prego; deram-me de comer, afinal; não foram inúteis ou ingratas e, mais do que isso, saíram definitivamente de minha vida no momento em que eu precisava, justamente, adquirir confiança em mim mesma, na minha capacidade de trabalho e de luta.

Há uma tese a ser desenvolvida aqui; mas não o farei. É que a jóia verdadeira que dá dinheiro nos pregos, acaba constituindo um vício, uma degradação, uma falsa esperança:

— Ponho meu anel no prego e comerei uma semana.

— Devo tirar, urgentemente, meu anel do prego, se não vou perdê-lo.

Nos primeiros dias não se pensa em mais nada: o anel rendeu. Nos outros dias deve-se trabalhar exageradamente para comer e reaver o anel. Antes de falar no assunto dêste capítulo, dedicado aos relógios que tiveram papel saliente em minha vida, deixo esboçada a tese sôbre jóias verdadeiras e casas de penhôres. Espero que ela não me crie inimigos entre os joalheiros e os pregos; mas se isso ocorrer, nenhuma importância terá. Sou uma mulher sem jóias e sem desejos de possuí-las.

Depois de me libertar do pêso dos brilhantes, pérolas, esmeraldas e outras pedras, as prendas que possuo são sentimentais e evocativas: isto ganhei de Natal, aquilo foi de minha irmã, esta a última lembrança da amiga morta. São objetos honestos, simples, sem pretensões, que nada dizem aos outros mas falam aos meus sentimentos, incapazes de provocar brigas quando minha morte chegar, indignos de figurar em qualquer testamento quanto mais no meu, que jamais será feito por excesso de herdeiros.

São principalmente objetos verdadeiros; nêles não há nenhum tom de dubiedade que sempre me revolta: — tão bonitos os teus brincos, parecem verdadeiros.

Espero que tenha chegado o momento de falar dos relógios. Recomeço a narrativa:

Um dia, num país que não o natal, meu relógio quebrou. Lá fui eu, de casa em casa onde via escrito relojoaria, procurando alguém que quisesse me atender. O primeiro consultado aconselhou-me a descer a rua em busca de outro. O serviço não o interessava.

O segundo tinha um avental branco, um ar douto; pegou meu relógio como um médico examina uma senhora grávida. Entrou com êle numa cabina forrada de vidro, através da qual pude assistir à operação. Deitou-o numa almofada arroxeada e abriu-lhe o ventre. Estaria eu num anfiteatro? Aquilo era um hospital?

Comecei a ver cair, uma a uma, as peças do pequenino que tanto e tanto me acompanhara nas minhas sempre longas caminhadas. Seria um tumor, um quisto ou um câncer?

O cirurgião usava longas pinças, fazia pesquisas naquele ventre aberto, procurava minuciosamente, sem pressa, as causas daquela doença. Onde estaria o mal? Qual a sua causa?

Sentiria aquêle homem a minha angústia? Pressentiu, com certeza, minha aflição diante daquele mal agravado agora pelo cenário.

Foram longos os minutos nos quais brilharam ferros de vários feitios; ora eram pinças delicadas de pontas finíssimas, ora bisturis pesados com diversos formatos.

Depois, com a mesma lentidão com que iniciara o ato operatório, tornou a vestir o doente, peça a peça, utilizando exageradamente os fórceps.

Quando tudo terminou e senti seu olhar, vi que estava diante de um caso desgraçadamente perdido. Mas só obtive a plena confirmação dêsse fato quando, com profunda piedade estampada em seu rosto, o sábio operador jogou-me a pergunta inclemente:

— Sempre funcionou mal?

Tomei o ar natural às criaturas que assistem a intervenções cirúrgicas em pessoas muito amadas da família e são sùbitamente levadas a encarar o irremediável; banhei-me em restos de esperança e creio que dei à voz uma doçura que não lhe é propria:

— Atrasa sempre cinco minutos; mas anda bem.

— Se atrasa cinco minutos é porque não funciona direito.

Por que vinha êsse homem para minha vida querendo demonstrar, com as luzes da Ciência e pela Lógica Formal, que aquêle velho companheiro de tanto tempo, meu pequenino relógio de pulso que sempre atrasa-

ra cinco minutos, era um mau relógio, um doente, um objeto incapacitado para a vida? Já estava tão acostumada a seu êrro que vivia cinco minutos na sua frente, sabendo respeitar sua fraqueza. Entre pessoas ou para pessoas, e mesmo para objetos, sempre é preciso fazer certas concessões. Por que não?

Conhecíamo-nos tão bem, êle e eu. Andamos juntos tantas horas; quando saímos de nosso país êles eram dois: um de pulso e outro de cabeceira, pequenino despertador barato comprado na rua Uruguaiana. Êste, logo na chegada, negou-se a funcionar. Era excessivamente temperamental; gostava do mar, de Copacabana, das canções de carnaval, dos livros seus vizinhos, gostava também da minha ausência ou da minha presença.

Viajamos os três sem incidentes, até que o despertador se negou a funcionar. Levei-o a um relojoeiro que, naquele país que não o meu, é declaradamente, médico de relógios.

— Não vale nada, disse quase sem olhá-lo. É melhor comprar outro.

Aquêle homem sêco, velho, triste, que assistiu a duas guerras, que deve ter perdido filhos e netos, aquêle homem que sofreu demasiado e precisava estar agora descansando, ainda trabalha: aquêle velho de vida pare-

cida com o físico poderia lá compreender que ainda existem no mundo pessoas ingênuas, sentimentais, que julgam um velho despertador mais importante do que um novo, principalmente porque uma boa amizade significa companhia? Como poderia compreender que aquêle amigo servia de companheiro na solidão?

Chegávamos a conversar:

— Estás batendo mais forte hoje. Que há contigo?

— Bôba. Não faças literatura de relógio. É que aqui o silêncio é tão grande que me ouves melhor.

Entre mim e o relógio de pulso houve um contacto mais demorado, mais afetivo, mais direto. Sentia minha pele com o mesmo carinho com que ela gostava de sentir sua capa de aço. Sempre fôra preguiçoso e sonolento, mas mudando de pátria comecei a sentir o crescimento de sua má vontade. Não gostava de sair, andar, ver coisas, conhecer gentes, descobrir fatos.

Irritava-se com um carrilhão vizinho que vivia noite e dia batendo forte e bem alto os quartos, as meias horas e as horas. Viu que, com a mudez definitiva do despertador, suas obrigações aumentavam. Era consultado a todo momento. Enciumava-se ouvindo minha voz contar um, dois, três, sem compre-

ender que naquele momento eu estava fazendo o curso de solidão em que me diplomei.

Quando saímos de nosso país, passando o Equador, a aeromoça ordenou: "Adiantem seus relogios." Antes de chegar a Paris, ela ainda disse: "Acertem seus relógios. A diferença entre Rio de Janeiro e Paris é de quatro horas." Tudo isso fêz mal, muito mal ao pequenino, que nunca tivera muita saúde. E agora, depois do exame clínico, a mágoa imensa de perdê-lo para sempre.

Olhei o pulso. Quando de noite o retirava, estava impressa ali sua forma. O médico falara em rubis, coisas gastas, órgãos mortos. Não posso dizer com segurança o diagnóstico, porque não quis ouvi-lo; sei apenas que êle me assegurou a presença do irremediável.

Agora olharia os relógios dos bares, penetraria aflita em casas comerciais procurando ponteiros, percorreria praças em busca de mostradores públicos, olharia mais atentamente para o alto das igrejas e das repartições públicas; tôdas devem ter relógios. Escutaria, como sonâmbula, os carrilhões; meu curso das horas seria mais sério, mais doloroso, se bem que mais profundo.

Nas noites de insônia, se perdesse uma badalada erraria o compasso de minha solidão. Nas manhãs, quando houvesse sol, não poderia gozá-lo, nem mesmo através da pequenina janela do quarto, porque devia esperar que a Sorbona me dissesse as horas.

Não poderia mais fechar os olhos; também não poderia ler, nem pensar, nem sonhar, nem dormir, nem escrever; teria apenas que esperar, ficar atenta, muito atenta para que minhas contas não saíssem erradas, para que as badaladas de distantes relógios se gravassem em mim.

Como iria agora diferenciar os quartos e as meias horas, se elas são tão parecidas? Então só as horas iriam influir nas minhas ações e nos meus pensamentos?

Não teria mais a tristeza ou a alegria de conversar:

— Sempre atrasando cinco minutos, hein Fouzinho?

Fouzinho. Assim o chamei desde o momento em que deixamos de falar e ouvir nossa língua. Fouzinho: mistura de francês e português, uma palavra bôba, sentimental, especialmente criada para êle. Chamei-o Fouzinho quando um dia, sem mais aquela, adiantou uma hora. Quais as razões dessa

atitude imprevista num ser sempre em atraso? Jamais consegui saber.

Que há contigo, Fouzinho?

Com quem conversar agora?

*

Contarei também a estória de outro relógio:

Uma noite, numa de minhas prisões (quem já esqueceu os trágicos dias do fascismo brasileiro?) fui levada da Casa de Detenção para a Polícia Civil. Ia ser novamente interrogada.

Quando cheguei ao sombrio prédio da Rua da Relação, puseram-me num cubículo onde já havia alguém. Era noite; estava escuro demais naquele pedacinho frio. Não consegui ver a pessoa presente. Perguntei:

— Quem é você?

Ouvi um soluço e uma voz feminina começou a contar:

— Não sou política, nunca me meti nisso, mas me prenderam. E você quem é? Não entendo de nada. Só se foi porque andei dizendo, na repartição, que precisamos ter liberdade no Brasil. Tenho também uns parentes que foram presos, mas eu sou eu (e soluçava)... Que horas são?

Disse-lhe a hora, contei quem era e de onde vinha, esperei que meus olhos se habituassem à escuridão. Conversamos. Era uma bela mulher morena que chorava, chorava muito. Ia perder o emprêgo com certeza, ia sofrer, iam bater-lhe:

— Você acha que vou apanhar? Vocês apanham muito, dizem. Não tenho mêdo não, mas não posso perder meu emprêgo. Que será de minha mãe se eu ficar sem emprêgo. Diga: êles matam?

Chorava e falava; a todo momento, uma vez atrás da outra, ela perguntava as horas. Os ponteiros mal andavam.

Passei a noite injetando-lhe coragem, explicando nossa vida, contando-lhe estórias de outras mulheres que haviam também perdido empregos; falei-lhe de prisioneiras corajosas, narrei estórias e mais estórias de mulheres valentes. Falei, falei e a todo momento era interrompida:

— Que horas são?

Quando voltei do interrogatório, que durou muito, ela estava mais prostrada, chorava mais alto, sofria mais. Quis saber se eu sofrera, se apanhara, o que tinha havido. Pediu como se dependesse de mim:

— Fique comigo. Não me deixe sòzinha. Acho que vou ficar louca. Se eu perder meu emprêgo, que vai ser de nós? Você

sabe o que é sustentar família? Olhe, conte outras estórias. Que horas são?

Impacientava-se com aquela noite parada no espaço. O relógio não andava, com certeza. A cada hora pedida por ela e dada por mim, a môça se irritava:

— Não pode ser. Ainda duas horas? ainda três horas?

Não dormimos um minuto sequer. As horas se arrastavam com tanta lentidão que eu me sentia exausta ao responder:

— 3 e 15; 3 e 20; 3 e 40.

Quase vivendo minuto a minuto estávamos as duas. Seu sofrimento era tão grande, estava tão pouco preparada para êle, tão incontrolável era seu desespêro, que resolvi dizer como consôlo:

— Sabe, meu relógio não vale nada. Atrasa sempre. É um relógio muito vagabundo, muito velho. Não se impressione com êle. Deve estar errado.

Soltaram-na ao amanhecer. Ninguém a chamou para saber sequer seu nome. Era assim o Brasil daquela época.

No primeiro domingo depois dessa noite, chegava-me à Casa de Detenção um grande cêsto com frutas, queijos, doces e, numa caixinha escura, um relógio.

Não trazia o presente o nome do ofertante. Naquele momento, conhecer um prêso

político era ser prêso também. Mas eu sabia de onde vinha, pelo relógio. Era bonitinho, delicado, funcionando maravilhosamente.

Como era mesmo seu nome, não sei. Mas o presente maior que dela recebi foi encontrá-la sempre depois a meu lado, saudando-me com as mãos e grandes sorrisos. Nunca mais perguntou as horas.

*

Outros relógios tive, muitos morreram, apenas êsses têm estórias para se contar.

PÉ DE CACHIMBO

Só agora reparei na falta que a família faz aos domingos.

Durante a semana, o trabalho é companheiro e amante, tem o compasso — "medida dos tempos em música" — de um relógio marcando horas e obrigações, de um despertador não consentindo que, naquele minuto, nosso sonho seja mais forte do que o nosso dever.

Não creio, Rimbaud, não creio, senhores tradutores — e maus — de "Voyelles", não creio que as letras tenham côr; as palavras, sim. Melancolia é cinza sombrio; vermelho

de sangue coagulado é saudade; amor é azul, eu sei: côr de céu e mar reunidos. Também são coloridos os dias da semana: é de um branco pastoso o domingo, mesmo quando há sol e verão.

Domingo: existirão ainda aquêles meninos e roupas de marinheiro saindo dos armários? As meninas irrequietas estão — hoje como ontem — esperando a hora da matinê? Sempre o ajantarado, a leitura dos jornais que se esparramam pelo chão?

Por que se agitam tanto os chinelos aos domingos? Dia para subúrbios e províncias, dia feliz para os que ainda moram em casas e possuem quintaizinhos. Domingo, que grande dia para se criar galinhas e olhar como estão crescendo as plantas; que vontade de possuir uma roseira para regar e com ela namorar.

Faz falta uma família aos domingos. Devo ter tido dedos muito leves entre meus cabelos, em outros passados domingos, porque nesses dias minha cabeça deseja sempre idênticos afagos. Envelhecem tristes e sem domingos, os meus cabelos.

Gostaria de ter, agora, uma companhia que fôsse muito simples: água, sol, doce de côco. Quando a companhia chegasse, só então eu sentiria: — ah! hoje é domingo. E

entregaria simplesmente minha cabeça para o deslizar muito leve de dedos.

Não seria uma companhia para assuntos triviais nem para discussões líricas, políticas, econômicas ou sociais. Não seria tampouco uma companhia de amor ou de volúpia. Digamos mesmo: seria apenas um croqui de companhia.

Especiais para o dia, só valeriam palavras de côres leves; o raciocínio livre da cadeia de tôda lógica. Conversas inúteis, já que tôdas as úteis estariam repousando, pois era domingo.

— Hoje é domingo, falaria a companhia, como se estivesse anunciando uma descoberta.

— Domingo? Que beleza!

E em silêncio pensaríamos: pé de cachimbo, o galo monteiro pisou na areia, a areia é fina que dá no sino, o sino é de ouro que dá no besouro, o besouro é de prata que dá na mata...

As palavras vinham magrinhas e altas, fazendo bailados.

— É tão bonito o mar. Para que navios, náufragos ou gaivotas. Para que pescadores? Êle sòzinho é tão belo; paisagem que não necessita complementos. Sou contra tudo o que suja o mar, até os peixes; sou também contra os rochedos, os bancos

de areia e os cascos de velhos barcos soçobrados. Sou principalmente contra os iates e as regatas. Ninguém devia jamais sujar com uma presença, uma voz, ruído ou côr, a beleza do mar.

— Criar um Departamento de Limpeza Pública do Mar ou uma Comissão de Defesa do Mar. E as praias?

— São capitulo à parte. Vizinhos apenas. Sem essa vizinhança ficariam prejudicados alguns poetas e perderíamos ou não teríamos um grande número de trovas populares que falam do mar com a praia. Bobagem.

Dedos continuam passando nos meus cabelos: o galo monteiro está pisando levemente a areia e o sino ri alto, brincando de bater no besouro. Mas o besouro é de prata e muito mais ágil do que o sino.

Domingo, pé de cachimbo continua dentro de nós. Está fora também, brincando com tôda a paisagem.

— Qual a melhor etapa de tua vida?

— Tôdas, tôdas. Não perdi um minuto; vivi intensamente tôdas as minhas horas. Não tenho saudades especiais, apenas cultivo certas lembranças e lições e experiências. Depois de certo tempo, vitórias e derrotas se confundem.

É domingo, não esqueçam; a frase, por mais bêsta que seja, tira do armário sua roupa de marinheiro; é uma criança que vai à matinê do cinema próximo.

— Na casa de meu pai, quando nasci, minha mãe mandou plantar um pé de açuceneira. Cresceu comigo junto à janela de meu quarto. Quando meus desejos mocinhos chegaram, a açuceneira — um arbusto — queria ser árvore e crescer, crescer também, muito e mais ainda para se debruçar na minha janela, colaborando nos meus sonhos. Nesse momento o repuxo do jardim já despertara em mim sentimentos poéticos. Lembro que então me perdia nas estrêlas do céu e nas estrêlas perfumadas da açuceneira. São sempre assim as meninas ingênuas: julgam encontrar a poesia com facilidade e começam sôfregamente a procurá-la em tôdas as manifestações da natureza. Quem não teve na vida sua fase bucólica? Nunca mais pude separar as açucenas das madrugadas. Sou uma velha amiga dos dias que estão nascendo, e êles jamais chegam sem o acompanhamento — em cheiro e côr — daquele arbusto que enfeitou a janela de meu quarto de mocinha.

— Gostas muito de árvores.

— Muito e sempre. Outro dia um amigo convidou-me para vê-las no Jardim Botânico. Fiquei encantada com o convite, mas acabei

me decepcionando. Pareceram-me árvores muito desgraçadas porque estão no colégio interno. Depois, meu amigo se encarregou de estragar a visita: cantarolou todo o tempo tangos argentinos. As árvores não perdoam asneiras.

Dedos continuam passando e passeando nos meus cabelos: a mata é valente que dá no tenente, o tenente é mofino que dá no menino, o menino é valente que dá em tôda gente.

— Será que há no mundo um lugar onde os domingos sejam alegres? Nos subúrbios? Nas províncias?

— Não creio. Domingo é sempre um dia triste; só os vi alegres no cemitério *Père Lachaise.* Há uma multidão constante e fiel de franceses diante do túmulo de Musset, e no de Chopin sempre alguém depositou flôres naquele dia. Creio que nunca Chopin deixa de ter flôres frescas.

— Ainda?

— Talvez Musset e Chopin sejam pessoas apropriadas ao amor apenas dos domingos.

— Que gostarias de ter agora?

— Que os tenentes mofinos nos deixassem em paz, principalmente aos meninos. Que ensinássemos aos meninos a serem valentes, não para dar em tôda gente mas para cresce-

rem viris; queria um mundo claro, muito claro, muito cheio de paz e de luz; queria estômagos cheios, fogões acesos em todos os casebres, queria que desaparecessem as mãos estendidas e as crianças famintas. Queria que todos os pequeninos tivessem mãe, que tôda gente fôsse alegre principalmente aos domingos. Para mim bastariam dedos passando e passeando nos meus cabelos, trabalho, muito trabalho durante a semana que começará amanhã: quero sempre a voz e a ternura de meus amigos e quero que viva, até à minha morte, a açuceneira que se debruça hoje na minha janela nas madrugadas. Queria um mundo de Paz; homens, mulheres, crianças, todos cantando:

"Hoje é domingo
Pé de cachimbo
Galo monteiro
Pisou na areia
A areia é fina
Que dá no sino
O sino é de ouro
Que dá no besouro
O besouro é de prata
Que dá na mata
A mata é valente
Que dá no tenente

O tenente é mofino
Que dá no menino
O menino é valente
Que dá em tôda gente.

*

Deixai — ó vós que tendes dedos constantes a deslizar em vossos cabelos — que êles façam domingo em vossas cabeças. Explorai vossas perseverantes companhias; formulai diálogos sem maldade e sem sabedoria; olhai o mar sem sujeiras, a vida sem lama; riscai o ódio e implantai o amor em vossos corações; desejai um mundo limpo, sem guerras. Usai vossos chinelos à vontade. Vesti — se julgardes necessário — vossas passadas roupinhas de marinheiros.

Hoje é domingo, pé de cachimbo, e se tiverdes uma roseira regai-a agora, dando-lhe lembranças minhas.

Hoje é domingo, o besouro é de prata, o tenente antipático é mofino, mas a mata e o menino são esperança porque são valentes.

Feliz domingo.

COMPANHEIRAS

Durante o inverno a sala era tão úmida, tão fria que enregelava mãos e obrigava os pés a manter um constante sapateado; no verão a sala era quente, tão quente que parecia querer matar-nos sufocadas a qualquer momento.

Os dias — no inverno como no verão — se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas para que êles não fôssem parecidos. Enchíamos com coragem e alegria tôdas as horas: ginástica, estudo, conversas, cânticos, passeio. Tão pequeno o espaço que pos-

suíamos para caminhar, e o ruído dos tamancos cortava-o, ferindo o lajedo; as saudades impressas nos olhos; as constantes evocações. Quando se falava em quitutes variados, quando alguém dizia como se preparava êsse ou aquêle prato, podia-se olhar os olhos: estavam todos famintos. Quando se contavam passeios e se falava de mar, praia, montanhas ou planícies, podia-se ver nos olhos famintos uma ânsia de voltar à vida da cidade, da terra, do mundo.

Éramos vinte e cinco mulheres prêsas políticas numa sala da Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários, 1935, 1936, 1937, 1938. Quem já esqueceu o sombrio fascismo do Estado Novo com seus crimes, perseguições, assassinatos, desaparecimentos, torturas?

De um lado e do outro da sala, enfileiradas, agarradas umas às outras, vinte e cinco camas. Quase prêsas ao teto alto, quatro janelas fechadas por umas tristes e negras grades. Encostada à parede, uma grande mesa com dois bancos. Ao fundo da sala, os aparelhos sanitários. Por maior que fôsse a nossa luta para mantê-los limpos e desinfetados, nunca conseguimos fugir do cheiro forte que exalavam.

Vinte e cinco mulheres, vinte e cinco camas, vinte e cinco milhões de problemas. Havia louras, negras, mulatas, morenas; de ca-

belos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias. Algumas ficavam sempre, outras passavam dias ou meses, partiam, algumas vêzes voltavam, outras nunca mais vinham.

Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibráteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todos os momentos para não se deixarem abater. Os filhos de Rosa eram nossos filhos. Sabíamos as graças e as manhas com que embalavam aquela mulher forte, arrogante, atrevida sempre mas tão doce, tão enlevada pelos "meninos". Quando Rosa falava nos "meninos" ficávamos tôdas em silêncio. Onde andariam êles? A polícia arrancara-os daquela mãe, negava-se a informar onde se encontravam, não admitia que Rosa soubesse notícias da família: o marido foragido, a irmã distante. E os "meninos"? No silêncio das noites, Rosa fazia com que assistíssemos aos nascimentos, aos primeiros passos, à primeira gracinha, ao primeiro sorriso, e depois o crescer rápido, a escola, os livros, idade avançando. Onde andariam êles?

Problemas de uma, problemas de tôdas. O noivo de Beatriz era o nosso noivo. Queríamos saber suas notícias, coisa que nem a própria noiva conhecia. Problemas co-

muns, destinos comuns. Os filhos de Antônia estavam em Natal, mas onde andaria o marido de Nininha, prêso no Rio Grande do Norte?

— Aquêle eu conheço muito. É um cabra da peste. Ninguém dobra êle, não.

Nininha alourada, de voz cantante, opunha às cenas de doçura suas palavras de energia. Contava a vida do marido como a de um herói.

Pobres mulheres jogadas numa prisão infecta, sem o menor confôrto. Maria pensava no seu chuveiro elétrico, Valentina ensinava literatura inglêsa (como estudava e lia Valentina) e queríamos à viva fôrça que Nise desse lições de Psicologia.

Um dia — jamais esquecerei êsse dia — fazia muito calor e havia sol. Pareciam maiores as paredes da sala onde escrevêramos desabafos. A vida lá fora devia estar bela; era verão e com certeza ruas e avenidas ensolaradas viam passar mulheres de vestidos claros e leves. Na sala, aquela tarde, havia tanto calor que descansávamos nas camas, abanando-nos com pedaços de papel. Como não tínhamos espaço para andar tôdas ao mesmo tempo, quando umas o faziam, outras eram obrigadas a ficar sentadas ou deitadas nas camas. Jogávamos paciência,

algumas, e o calor era tanto que nem tentávamos falar. Qualquer gesto, qualquer palavra ou movimento iria aumentar o suor que escorria de nossos corpos cansados. Não podíamos perder a menor de nossas energias: devíamos sobreviver. resistir

Foi nessa tarde que tenho gravada na memória que ela entrou na Sala das Mulheres. Nunca esquecerei seu ar de espanto nem aquêles sapatos que haviam sido brancos. Estavam manchados de terra ou de sangue? Nunca esquecerei o vestido sujo, as mãos trêmulas, os cabelos brancos revoltos.

Ouvimos os passos do guarda subindo a escada; as chaves na porta de grades; depois ela entrou. Estatura mediana, vestido estampado, olhos curiosos. Entrou em silêncio. Em silêncio o guarda a deixou ali.

Olhou em tôrno. Procurou examinar uma a uma as mulheres, envolvendo-as tôdas num olhar imenso. Sentou-se na ponta de uma cama próxima, curvou-se, meteu os dedos por entre os cabelos.

— Quem será?

— Que mulheres serão estas? — estaria se perguntando.

Aproximamo-nos. Tínhamos sempre o cuidado de fazer o reconhecimento e o nosso

próprio interrogatório: de onde vem, que fêz, por que foi prêsa, seu nome, etc. Muitos etc.

Perguntamos quem era ela. Nenhuma resposta. Ninguém a conhecia; não nos conhecia. Insistimos. Levantou os olhos, encarou-nos de frente, parecia um animal pronto a se defender. Nossas perguntas foram feitas em várias línguas. E ela continuava firme, sem a menor perturbação fisionômica.

— Não sabemos quem é você. Mas nós somos antifascistas, nós somos prêsas políticas. Cada uma de nós tem sua estória; esta veio prêsa do Norte, aquela está aqui como refém porque o marido sumiu. Somos tôdas brasileiras.

Uma de nós adiantou-se e lhe disse:

— Eu sou comunista.

Foi a êsse grito que aquela mulher despertou. Agarrou-se à companheira, beijou-lhe o rosto e pôs-se a exclamar com grandes lágrimas descendo pelo rosto alquebrado:

— Camarada, minha camarada!

O olhar com que agora envolvia as vinte e cinco mulheres era diferente; queria entender as palavras nas paredes, pergun-

tava, sorria, abraçava tôdas, chorava e ria. E contou. Contou com voz firme o quanto sofrera. A Polícia Especial a maltratara monstruosamente. Mostrou-nos os seios onde trazia impressas marcas de dedos. Colocavam-na no alto da escada, amarrada e nua para forçá-la a declarar ou delatar, enquanto dois homens enormes lhe puxavam os seios.

Falou-nos do sofrimento, da fome e da sêde que lhe haviam impôsto. Falou-nos de seu companheiro e das barbaridades que ambos padeceram. Falou sempre com voz clara, precisa, serena, em tudo que passara nas prisões desta cidade. Seu corpo guardava ainda as vergastadas do chicote policial. Jogavam-na de prisão em prisão. Ora era metida em celas de prostitutas, ora no meio de ladras ou ébrias. Durante mais de dois meses sofreu humilhações físicas e morais.

— Muito ruins, muito ruins, comentava.

Uma de nós falou:

— Ela precisa comer, tomar banho, mudar o vestido.

Houve um corre-corre geral. Tôdas queriam dar-lhe roupas, tôdas queriam dar-lhe um pedaço de pão, de doce, uma fruta. Comia sorrindo. Sua fome tinha dois meses, seu sofrimento mais algum tempo.

Minutos depois voltou o guarda. Explicou que fôra engano. A prisão para ela seria outra. E sorrindo:

— Muito pior.

Quando partiu, deixava vinte e cinco amigas. Não lhe dissemos adeus, não tivemos um momento de fraqueza. Mas quando as grades se fecharam atrás dela, cinqüenta olhos choravam.

A tarde tão quente de verão foi mais longa e dolorosa naquele dia. Ninguém falava. Voltamos ao jôgo de paciência, ao silêncio, à angústia de saber que a vida lá fora devia andar linda.

Três meses depois ela voltou. Veio viver conosco. Tôdas as noites, à meia-noite, levantava-se e andava, andava de um lado para outro, sem uma palavra.

— De meia-noite às duas da manhã ela devia apanhar; ficou-lhe uma psicose.

Essa mulher se chamava Elisa Soborovsk, a Sabo Berger, mulher de Henry Berger. O govêrno Getúlio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a.

Sabo, para mim, foi uma revelação; jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei.

Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hi-

tler, era inverno e tiritávamos de frio. Sofríamos ainda mais, porque tínhamos aprendido a amá-la.

Recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários.

Grandes mulheres; boas companheiras.

CLÓCLÓ ENTRE OCEANOS, MARES E RIOS

Talvez porque o sol esteja hoje tão claro, talvez porque não tenha dinheiro para mandar lavar roupa na lavadeira, ou talvez porque minha solidão seja enorme, sento diante da janela de meu quarto e fico olhando o azul do céu, uma cúpula verde que nunca saberei se é de uma igreja ou de uma universidade, a tôrre escura da Sorbona, a janelinha de uma água-furtada bem na minha frente, êsse vizinho e tão triste *Hotel de Flandres* onde a miséria é ostensiva mas alegre, onde há em cada quarto trapos, panelas e livros, e cabeças que nêle se debru-

çam. São essas janelas e êsse cenário que me dão bom dia quando abro os olhos, e que me falam dêste país tão diferente do meu. E' a paisagem nova para meus olhos cheios de outras paisagens.

Olho o céu e começo a lembrar a vida, como se assistisse à passagem de um filme. As comparações, quanto mais simples e comuns, mais humanas. Essa vai me levando agora, levando.

Estou com Clóclô, a minha Clóclô com os seus seios grandes.

(— Não diga que sou gorda, isto não!)

Seu enorme riso de um só dente, sua voz que conta coisas, seus olhos de globos brancos e pretos, espantados muitas vêzes, muitas vêzes em calma. Clóclô, o melhor apelido que encontrei para demonstrar minha ternura, apesar de seu nome bonito: Cláudia. Clóclô que põe indiferença aparente no enorme afeto que sente por mim.

Conhecemo-nos há oito anos. Há oito anos que ela trabalha para mim, enquanto trabalho para outros. Não moramos juntas; sentimos juntas.

Quando ela chega de manhã (nunca se sabe a que horas Clóclô vai chegar), e me encontra dormindo, vem até o pé da cama:

— Puxa! Isso é hora de se dormir? Chega no fim do mês e ela está aperreada

com falta de dinheiro. Pudera, dormindo até essa hora...

Outras vêzes, encontra-me já batendo e batendo máquina:

— Puxa! Isso é hora de todo mundo estar ainda dormindo, e ela já está na máquina.

Ela, sou eu. E *ela* é uma forma de ternura que sua própria voz não pode esconder.

Clóclô gosta muito de contar estórias sôbre sua família, seus vizinhos, coisas que ouve na rua, que acontecem sempre, porque Clóclô sempre assiste a coisas. Assiste muito. Ouço-a com o mais profundo e leal dos interêsses, suspendo todo e qualquer trabalho que esteja fazendo, e chego mesmo a ficar desgostosa quando não consigo saber certos desfechos que ela também desconhece. Nossas vidas estão de tal forma entrelaçadas que nossos assuntos são perfeitamente comuns. Clóclô é uma parte séria e ponderável da minha vida.

Amou, sofreu, e eu amei e sofri com ela. (Não que cultivemos confidências, mas porque já temos a compreensão e o entendimento naturais às grandes amizades.) Depois fixou-se num amor a Alexandre, um belo negro alto, risonho e de cabelos que começam a embranquecer. Fiquei também prêsa a Alexandre, tornamo-nos amigos. Gosto de

passar com êles os domingos no alto do Morro do Leme, ouvindo-o tocar sanfona (— Alexandre, você acha que eu poderia aprender?) enquanto Clócló faz o almôço numa cozinha que tem por teto o céu e as paredes acabam lá na praia, dentro do mar. Sanfona pede sempre uma cachaça; Alexandre afirma que nunca bebi outra igual àquela; há muitas marcas, e tôdas são tão especiais que Alexandre e eu quase atingimos um mundo diferente, até que o almôço fumegante e tão bom nos leva à realidade e cura as experiências realizadas. E que também fique registrado: Clócló é a mais completa das cozinheiras que conheço.

Vivi dia a dia a construção daquele barraco.

Êles moravam embaixo, numa rua cujo nome não me lembra, lá para as bandas do pôsto 3. Era uma casa de cômodos escura, acachapada, suja, triste. A Prefeitura precisou derrubá-la porque, afinal, era impossível deixar ali, entre prédios tão novos e tão bonitos, aquela cabeça de porco. Estava mesmo no plano de reconstrução de Copacabana liquidar com tôdas as sujeiras. Os turistas enchem a cidade, e ela precisa apresentar-se bela, fresca, jovem.

Acompanhei a tragédia. O proprietário, naturalmente já reembolsado do valor do

imóvel, feroz, exigia que os moradores saíssem, que fôssem plantar batatas, morar no inferno. Como os insultos não constituem solução, uns foram para os subúrbios longínquos, embora isso lhes prejudicasse e muito a vida, e outros, mais práticos, correram para os morros próximos.

Um dia Clócló falou:

— Afinal arranjamos um terreno. Damos uma gorjeta para o fiscal fechar os olhos e vamos construir um barraco.

— Mas, Clócló, de quem são as terras?

— Sei lá? Sei que tem um fiscal para a gente não construir novas casas. Mas com um pouco de dinheiro tudo se arranja...

A construção começou lentamente. O trabalho quase só podia ser realizado aos domingos e feriados. Uma parede hoje, outra depois, até o final.

— Agora já temos onde morar. O barraco já tem teto.

Não pude assistir à festa da cumeeira, mas meu interêsse pelo novo lar aumentou muito. Comecei a separar coisas do meu para o dela:

— Talvez precises disso: é bom levar aquilo. Olha, leva também isto.

Tudo pronto, houve a festa de inauguração, com a sanfona gemendo, a cachaça

correndo, um amigo levou um violão, apareceu um cavaquinho, um mundo de doces e comidas, o morro todo e eu com êles, festejando o acontecimento. Como a noite era clara, de verão, havia também uma lua decorativa, muito bonita, se bem que — por que não esqueci êsse detalhe? — na vizinhança, uma criança recém-nascida, de chôro ainda vacilante, gritasse desesperadamente.

Clócló estêve muito doente, quase morreu.

Fiquei quase morrendo, vendo-a assim. Será que ia perder sùbitamente minha vista, meus olhos, minhas mãos? Será que eu ia ficar inválida, paralítica, eu que amo tanto viver? Clócló morrendo, qualquer coisa morreria em mim.

Mas sarou, e quando reiniciou seus trabalhos, quando seus rins voltaram a funcionar e suas pobres pernas perderam o ar monstruoso da inchação, foi desde logo achando que tôda a minha vida doméstica estava errada, que a substituta que tivera de nada valia, que tudo estava imundo, que haviam roubado tôda a minha roupa, que eu era, afinal, uma dona de casa relapsa e uma verdadeira otária pagando uma empregada, para quê?

Depois, um dia, sùbitamente, sem mais aquela eu é que ia morrendo. Clócló beijava minhas mãos, telefonava para meus amigos, chamava o médico, beijava minha testa, trazia-me ora chás quentíssimos, ora coisas geladíssimas, num atarantamento desordenado. E só dizia uma palavra, a única que sabia me fazer bem:

— Coragem! coragem!

Nem os médicos, nem Clócló nem eu, soubemos o que foi aquilo. Durou dezesseis horas e no dia seguinte era como se nada tivesse acontecido. Como começou e como acabou, é uma estória que ninguém pode contar. Clócló não pôde deixar de comentar, com um muxôxo:

— Credo! Até parece coisa de feitiçaria!

Quando ela trabalha e eu trabalho e há um silêncio grande entre nós duas, (só no auge do Carnaval, Clócló é capaz de cantar) muitas vêzes paro de bater máquina para perguntar:

— Clócló, estás aí?

— Ué! Onde podia estar?

— Tu me amas?

— Não; mulher, não.

Um riso enorme enche o apartamento. Volto à máquina, na certeza de que a todo momento ela virá com uma xícara de café que vai numerando sempre com uma frase:

— Quinta xícara hoje. E' por isso que ela não engorda. Parece um doido bebendo tanto café.

Só os conhecimentos psiquiátricos de Clóclό são capazes de levá-la a declarar que um doido bebe muito café. Não respondo, porque sei que a frase vai ser repetida logo depois com a sexta, a sétima, a oitava. Com tôdas que ela trouxer. Não peço também nada, porque sei que ela está vigilante.

Um dia Clóclό chegou e, sem rodeios, foi declarando:

— Vou a São Paulo. Minhas irmãs pagam tudo. Fico por lá um mês.

Entristeci-me, mas afinal Clóclό tem direito de viajar como todo mundo, e quem pode deixar de sentir, um dia, o chamado ímpeto de Marco Polo?

Assisti e ajudei os preparativos para a viagem. Clóclό é de um grande bom gôsto para as coisas da moda. Sabe tudo que vai bem ou que vai mal, o que se usa e o que não se usa mais. Muitas vêzes faz com que eu mude um vestido:

— Não! com êsse você não vai sair. Está horrível. Depois, completamente fora da moda.

Troco tudo. São tão bons e creio tanto nos olhos de Clóclό que não quero feri-los.

Outras vêzes é o sapato que merece uma crítica tão violenta que é logo substituído. Houve mesmo um dia em que resolvi comprar uma cinta e aí cheguei a ouvir palavras muito duras:

— Tire isso! Besteira! Para apertar o quê?

A viagem foi feita portanto com o critério do seu bom gôsto. Compra de vestidos, sapatos, coisas para levar, tudo vinha para meu julgamento. Despedimo-nos com certa emoção. Um mês de ausência é longo demais para duas grandes amigas tão úteis mùtuamente. E como Clóclό sabe os perigos da vida e a minha vida, não esqueceu de recomendar:

— Muito cuidado, hein?

Quinze dias depois, ouço um rumor na porta.

Estava nos meus dias de manha: olhos fechados para o dia claro, uma preguiça enorme alastrada pelo corpo todo impedindo-me de levantar, de trabalhar. Uma bruta vontade de não ser ninguém. Certos dias que costumo chamar "por que não nasci eu um simples vagalume?"

Ouço a porta abrir-se devagarinho (Clóclό é tão dona da casa quanto eu); alguém entrou. Continuo quieta, morta, apenas pensando: quem será? Clóclό não pode ser, mas

afinal só ela tem a chave. Talvez tivesse mandado alguém ver como andava a casa; talvez eu estivesse ouvindo mal; talvez fôsse um ladrão. Tantos ladrões agora na cidade. Os jornais contam histórias terríveis; parecem até coisas de ladrões dos filmes americanos... O silêncio voltava. Pouco demorou: foi aberta a torneira da pia da cozinha. Um fiozinho de água começou a correr, muito doce, muito leve, amedrontado. A outra empregada, a substituta, não tem a chave da porta, bate a campainha. Um ladrão não precisa lavar as mãos. Devo reagir à manha, levantar, ver o que há. Faço tudo ràpidamente.

— Clócló!

O riso grande do dente único:

— Ué! não estava dormindo?

— Não. Estava manhando.

— Manhando? Está doente?

Não respondo nem pergunto nada, principalmente porque, apesar de entre nós duas nunca ter ficado estabelecido qualquer espécie de acôrdo para os sentimentos e suas reações, sabemos ambas como agir. Volto à manha, na certeza de uma conversa desabafante. Ela não demora. O assunto é tão sério que Clócló chega mesmo a sentar-se à beira da cama e vai dizendo:

— Não agüentei São Paulo. Só gosto mesmo é daqui. (Esqueci-me de dizer que Clócló nasceu em Minas Gerais.) Imagine que os negros de lá só querem namorar e andar com brancas. Também não se encontra um negro bonito. Uma sujeira! Depois também pensei: ela a estas horas está às voltas com uma nova empregada que não deve valer nada. E' capaz de ser novamente roubada, de estar tudo sujo e quando eu voltar vou morrer para ajeitar tudo de novo.

— Quer dizer que pensaste em mim, hein?

— Não foi por sua causa que eu voltei, não. Voltei porque não gostei. São Paulo é muito bonito, mas é uma terra em que negro só quer branco, imagine...

— Por que não arranjaste um branco?

— Um branco? Deus me livre. Haverá coisa pior do que acordar de manhã cedo e encontrar junto da gente uma pele de outra côr? Deus me livre! Gosto é de gente como eu.

Clócló não tem preconceitos raciais, posso garantir; mas ao seu paladar e para o seu gôsto estético as preferências vão para as pessoas de sua côr. Apenas um ponto de vista pessoal.

Compreendi: voltara mais por mim do que por ela. Voltara pela certeza de minha

ineficiência diante das coisas domésticas. Mas confessar que voltara por mim, envaidecer-me, dar-me armas para melhor explorá-la? Isso não...

Nunca rio das coisas ridículas que acontecem a Clócló, nem mesmo quando ela apanhou uma surra de namorado. Ciúmes. Vi que nesse dia manquejava, havia um círculo roxo, inconfundível, em tôrno de um de seus olhos. Vi claramente o que acontecera, mas esperei a confidência que, dessa vez, veio em forma de revolta contra mim:

— Puxa! Você me vê doente e nem pergunta o que tenho.

As peripécias amorosas de Clócló são tôdas anteriores a Alexandre. Agora ela conta as brigas do casal, apareceu-me orgulhosa porque êle foi eleito — grifou vaidosamente e com razão: eleito, sabe? — vice-presidente da Escola de Samba Unidos do Leme... Algumas vêzes fica muito triste porque êle perde o emprêgo, outras vêzes muito contente porque êle arranja outro melhor. Alexandre é operário em construção civil, e essa coisa dos arranha-céus que param de ser construídos de repente — por falta de material, dizem — prejudica muito a vida de Clócló. Houve ainda um desastre que o levou ao hospital, um acidente que o impossibilitou de trabalhar mais de seis meses. A

Caixa de Aposentadorias e Pensões paga tão pouco, mas nada importa, porque ela continua sempre trabalhando, trabalhando e rindo sempre com uma enorme coragem forrada de bom humor.

Clócló sabe ler e escrever, e conhece por meu intermédio alguns intelectuais brasileiros. Recebe mesmo, de alguns, palavras amáveis ao telefone. Gosta dêles mas não tem curiosidade de conhecer-lhes as obras. Quando às vêzes (e isso acontece muito) leio versos em voz alta, pergunta:

— O que é isso?

Geralmente seu julgamento é muito cruel para com os poetas:

— De...? Imagine, e eu que pensava que êle era um homem sério...

Mas ama os livros em geral e me chama atenção quando as estantes estão se enchendo de poeira. (Também, tantos prédios se construindo em frente...)

Há em Clócló uma enorme facilidade para quebrar as coisas. Um dia lá se foi aquela minha jóia que era um cachorrinho de barro da Bahia, minha paixão pela escultura popular. Nesse dia irritei-me:

— Ah! Clócló, meu cachorrinho... que pena...

— Porcaria! Uma mulher dessa idade guardando besteirinhas...

— Clóclô, isso é uma coleção. Toma cuidado, por favor...

Ela não admite críticas nem procura demonstrar compreensão para certos gostos. Mas sua sensibilidade, dias depois, levou-a a dizer:

— Estou chateada hoje. Sabe aquela mulher bailarina?

— Mulher bailarina? pergunto, já prevendo o desastre.

— Sim, aquela porcariazinha de barro pintado de côr-de-rosa. Ela era bem bonita. Tá aí, daquilo eu gostava.

Seus desastres foram tantos que me ordenou em tom peremptório:

— O melhor mesmo é comprar um colatudo. Êsses calungas são danados para quebrar. Quebram sòzinhos...

Outro ponto de união entre nós, (sim, porque tenho também especial facilidade para quebrar coisas) é o amor aos chocolates. Compro sempre bombons, velho vício de roer à noite, e quando compro penso em Clóclô. Mas um dia a coisa foi tão exagerada que protestei:

— Clóclô, acabaste com todos os meus chocolates. Deixei um mundo dêles, e quando voltei não encontrei um só. Que diabo, isso não é direito, podias ao menos...

Seu riso enorme:

— Também foram os mais gostosos que você já comprou...

Dêsse dia em diante estabelecemos um pacto: os chocolates seriam divididos irmãmente, mas uma não tinha em absoluto o direito de comer a parte que não lhe pertencesse. Nunca houve um pacto mais fielmente cumprido. E como nossos gostos muito se assemelham em questão de paladar, ampliamos a aplicação do pacto a tudo que a isso dissesse respeito. Apenas, comecei a comprar em doses duplas.

Clóclô foi a primeira pessoa a quem falei da minha viagem, essa viagem que começou em Copacabana com um verão de mar muito verde, de céu muito azul, de sol muito ardente, num mês de fevereiro, quando já havia cuícas roncando, os tamborins estavam sendo aquecidos, as fantasias iam surgindo nas vitrinas, nas ruas e nos bondes. Viagem que foi depois até os igarapés da Amazônia, com suas águas cristalinas e o verde das plantas aquáticas escrevendo coisas debaixo da água; viagem que saiu dos igarapés para o deslumbramento do Capibaribe, viagem que parou do outro lado do Sena ou dentro do Sena, para prosseguir depois na mistura de tôdas as águas do mundo.

Clóeló ajudou os preparativos da viagem.

Na véspera da partida fui obrigada a sair muito cedo sem saber a que horas voltaria. Pedi:

— Clóeló, espera por mim; quero me despedir de ti. Não esqueças que parto amanhã, de madrugada.

Ao voltar, não mais a encontrei. Havia apenas um bilhete aberto entre a desordem das malas, dos caixotes, dos embrulhos. Dizia assim:

"Não esperei porque não gosto de despedir.

Não esperei para não chorar como uma bêsta. (Aqui há um borrão. Naturalmente, compreende-se, Clóeló não está habituada a escrever com tinta e pena.) Volte logo, meu bem. Seja feliz, meu bem. Cuidado, meu bem. Está tudo arrumado. Olhe, meu bem, eu beijo muito você, muito, muito. (Um borrão enorme encobre duas frases mas pode-se ler pelo menos mais duas vêzes "meu bem", "meu bem.") Meu bem, meu benzinho."

Logo depois, a assinatura: sua Clóeló.

Trouxe comigo êsse bilhete, através de oceanos, mares e rios. Não sei chorar, mas não posso olhar, como estou fazendo agora, essas palavras de Clóeló. Sinto hoje a mes-

ma sensação do momento em que as recebi. Pensei em ir à sua casa, pensei em dizer-lhe adeus, mas achei melhor respeitar seus desejos. Depois, também não gosto de despedidas.

Dissera-me:

— Alexandre não quer vir. Êle disse que dizer adeus é chato.

Ninguém gosta de sofrer, nem Clóeló, nem Alexandre, nem eu.

Olho seu bilhete e penso em tudo que fêz parte de nossa vida. Nunca ela me chamara meu bem. Nunca me dissera tantas e tão repetidas palavras de carinho:

(— Mulher, não!)

Nunca me mandara beijos; nunca me escrevera bilhetes. Os raros beijos que dela tivera, foram apenas, em oito anos, aquêles rápidos e imprecisos, das dezesseis horas em que vivi numa incompreensível ameaça de morte. Afinal, minha viagem desvendava-me os sentimentos de Clóeló, tão iguais aos meus sentimentos. Tôda a ternura do mundo, escondida nas duas pequeninas palavras: "meu bem".

E Clóeló não sabe que meu bem para mim é a expressão mais completa da mais completa ternura do mundo.

O sol está tão claro e a tarde avança sem tropeços.

Na esquina de minha rua desfilam estudantes gritando seus desejos.

Minha solidão foi vencida.

AMIGO MAIOR

A ninguém deve parecer estranhável que eu cante meu amigo maior, principalmente quando declarar que agora, último dia de uma semana de sombra e cansaço, senti necessidade de remexer papéis íntimos: cartas de *copains,* algumas outras de amor, não tão velhas que o tempo — como nas descrições literárias — tenha amarelecido; coisas idas que marcaram minha vida, e entre elas, bilhetes, recados, cartas e mesmo lições do meu amigo maior.

Nada que fale de amor e suas conseqüentes exaltações, ânsias, decepções ou desejos,

mas antes e sempre a imensa compreensão das grandes amizades. Há dezoito anos vivemos juntos sem morar na mesma casa; a janela de meu quarto dá para a sua janela, sem que sejamos vizinhos. Conhecemo-nos na redação de uma revista literária que logo depois morria. (Não é êsse o destino de muitas e muitas revistas literárias neste país?) Desde aquêle dia, nenhum outro mais se passou sem que estivéssemos juntos, sem que mandássemos um ao outro o mais cordial bom dia.

Encontrávamo-nos, de comêço, na Livraria Odeon, avenida quase Rua da Assembléia. A livraria também não mais existe; quando um qualquer motivo impedia nosso encontro diário, deixávamos um bilhete com a caixa, uma criaturinha feia, muito simpática e sempre gentil, logo depois substituída por uma môça alta, morena, de grande beleza. Chegáramos à conclusão de que desfazer encontros pelo telefone não é digno de amigos; escrever é mais compreensivo, menos decepcionante: o papel com uma ou duas frases, fica com a gente, com a gente anda e vive, pode acompanhar-nos e mesmo atender-nos se houver saudade.

Nossa amizade cresceu, cresce sempre e vem caminhando, vigilante, inclusive com as grandes e pequenas modificações da cidade, pois uma de suas características é viver sempre o quotidiano.

Lembro uma noite em que meu amigo maior confessou seu grande desejo de correr pelas ruas — desde menino não o fazia — fomos vistos, como dois moleques, contornando em doida corrida a área já traçada para o nascimento da atual Praça Barão do Rio Branco; mais tarde, encantou-nos um lago que ali nasceu e agora não mais existe. Depois, depois muitos prédios caíram, outros surgiram, ruas desapareceram, avenidas nasceram, jardins despontaram, tudo sob a nossa fidelíssima fiscalização.

— Hoje precisamos ver uma pracinha que está nascendo na...

Nossa amizade pode escrever um guia sentimental da cidade: nesta esquina brigamos discutindo política; ah! foi nesta rua que falamos literatura e ficamos de acôrdo...

Quando derrubaram o Palace Hotel — onde fôramos algumas vêzes assistir a exposições de pintura ou tomar coquetel no bar (— Um só, para ver a cara daquela gente) descobrimos que no alto do edifício havia duas estátuas. Nesse dia o amigo maior aborreceu-se comigo:

— Por que são colocados anjos num prédio como êsse?

— Não são anjos.

São, não são, e só deixamos de visitar o local quando uma das figuras brancas que era a última apareceu, melancòlicamente apenas com suas pernas em exibição. Se até hoje afirmo que eram anjos é porque tinham asas e bem vimos quando elas morreram.

Discutimos muito todos os assuntos; (nenhum nos escapa) divergimos muitas vêzes, entendemo-nos sempre.

Numa destas últimas tardes, estávamos com opiniões tão divergentes em diferentes assuntos que quando eu disse: — Que tarde bonita! — e êle afirmou: — uma beleza! — fomos ambos atacados de violento ataque de riso: afinal concordávamos naquela tarde, com alguma coisa.

Tivemos várias manias: creme-pistache, descobrir sorvetes complicados, encontrar velhas confeitarias com rótulos de 1900. Assim houve a época do sorvete "Bataclan", do "Rosicler", do "Cubano", pois nesta moderna cidade ainda existem casas que mantêm, como um culto, o passado.

Mas nossas manias passam; resta-nos até hoje, apenas, aquela que mais nos une: o gôsto de buquinar. Os velhos livros nos enlouquecem, vencendo até mesmo seu amor pela média com brioches, meu amor pelo ca-

fèzinho tão difícil hoje nas mesas; estão desaparecendo também os velhos cafés e na minha envelhecida cabeça não entra o gôsto pelo "café em pé".

Vou vendo os velhos bilhetes que me levaram a falar agora do amigo maior. Num dêles chama-me de zêbra, querida zêbra, (que asneira fiz eu?) em outro chama-me fôrça e manda que eu distribua fôrça, continue com fôrça, (que boa atitude tomei?). Aplaudindo e criticando, exigindo e colaborando, ninguém mais lúcido, mais útil e mais claro do que êsse amigo, o amigo maior.

Quando lhe conto um sofrimento que julgo terrível, trágico, irremovível e êle ri, meu sofrimento se avacalha, vira anedota.

Quando lhe falo de minha vida — que êle conhece em seus menores detalhes e diz como agora: — Deves te poupar, descansar — então sinto que tenho uma parede nua para me encostar.

"Alô, Frisco!" diz um bilhete; na véspera assistíramos a um filme com um mocinho danado de valente chamado Frisco. "Alô, Frisco" — repito-lhe eu hoje e sempre.

Se é dever dos cronistas fugir de assuntos pessoais para só tratar dos coletivos, que esta crônica valha para aquêles que não sa-

bem o que é ter um amigo como o meu, para aquêles que não souberam conquistar um amigo assim.

Seu nome? Ninguém o ignora, mas eu não o escreverei aqui; êle está nessas linhas, numa fotografia tão clara e nítida como está gravado em meu coração.

INSÔNIA

Um bonde passando na esquina de minha rua — primeiro anúncio da manhã — arrastando-se como se estivesse ainda cheio de sono, aquêle bonde e esta forçada vigília, levaram-me a conviver com os passageiros matinais, tristes personagens de caras amarfanhadas pela noite, mãos pesadas de unhas escuras, olhos mal despertados a caminho do quotidiano trabalho com os corpos cansados pela véspera, pequena marca de centenas e centenas de fatigantes vésperas.

Tomo também aquêle bonde; tento compor, para cada um daqueles homens, um des-

tino. São todos dolorosos e idênticos: vida mesquinha se arrastando como o bonde, crianças doentes em casa, uma ou várias mulheres sacrificadas em tanques, fogões, ferros de engomar. Tão banal e comum a ida para o emprêgo com os músculos e nervos exigindo repouso. Como teriam dormido? Em camas ou em catres? Em rêdes, esteiras ou no duro chão? Teriam realmente dormido?

Acostumara-me àquele bonde naquela hora rompendo o silêncio da morta madrugada, dizendo em ferros sôbre trilhos que a luta pela vida ia recomeçar; escutara-o várias vêzes, mas nunca dêle precisara para viajar assim, não o usara para fugir à angústia da costumeira insônia. Os homens estão descendo; sente-se isso mesmo a distância, pois travões gemem, a campainha dá sinal de parada e logo depois de partida.

Uns correm para uma casa que ainda não existe plenamente, mas já promete ser de grande beleza, tanto seu esqueleto anuncia esplendor. Dentro de alguns minutos estarão com roupas mais sujas e de pior aspecto, trepados em andaimes, realizando equilíbrio no espaço. Um dia encherão de bandeirolas de papel o alto do prédio para a festa da cumeeira. Depois a casa será habitada, ficará outra, mais bonita com o vaivém dos elevadores carregando crianças e

adultos. Dêles nada restará ali, estarão em outro lugar, outros andaimes, outros equilíbrios, outras festas de cumeeira.

Alguns correm para as padarias, onde substituirão os que trabalharam de noite. Há os que levantam, com fôrça de músculos, portas de ferro pesadas: dentro da madrugada o ruído que elas fazem é como se eclusas fôssem abertas para a libertação de águas.

Agora sim, estão acordando os homens daquele bonde que é o primeiro a passar na esquina de minha rua. Num café alguém assovia. Que música quererá mandar para o nascimento dêste novo dia?

Outros ruídos vão nascendo: leve, muito leve, o leiteiro empurra um carrinho grávido de garrafas brancas; um martelo arrogante está gravando o primeiro prego daquele dia; soa uma sirena, chamando os homens do bonde para o trabalho. Vida mesquinha, salários pequenos. São homens que morrem como vivem e nascem: rasteiros, sem vôos, sem conhecimentos, engolindo desejos, esmagando vontades. Não crescem, aumentam. Não amam, procriam; não se alimentam, comem.

— Decididamente hoje não poderei dormir.

Não há sombras nas paredes do quarto. Quando a noite é escura e o vizinho do apar-

tamento em frente abre sua luz, ela corta a rua e vem desenhar na parede uma flecha enorme, às vêzes um leque de plumas; uma vez chegou a realizar um pássaro estranho, pronto para voar. Pássaro ou avião?

— São sempre boas companheiras as sombras nas paredes. Com elas se pode imaginar tanta coisa. Nunca brinquei com figuras criadas pelas mãos nas sombras. Gosto de vê-las é escritas pelas águas da chuva e pelas luzes de lâmpadas distantes. Por que não consegui dormir nem dez minutos? Dentro em pouco o despertador vai também chamar por mim, como chamou os homens do bonde que furou a recente manhã. Quantos terão um despertador igual ao meu, barulhento, vermelho, barato, funcionando como uma consciência vigilante? Quantas e quantas pessoas vivem agarradas como eu às ordens prepotentes de um relógio despertador?

O sol está querendo invadir meu quarto. Bem sei que êle virá tìmidamente lambendo o chão e, depois de iluminar tudo, partirá, ficará sòmente brincando com as amendoeiras da rua.

— Bom dia, sol. Faz um cavalo para mim.

Quando alguém teve uma infância feliz, não importa o envelhecer. A criança con-

tinua viva, acordando sempre que dela necessita o adulto. Quando pedi ao sol que me contasse uma estória, que me desse um desenho, por que pensei em cavalo se com êles nenhuma intimidade tenho?

— Como foi mesmo que eu imaginei que pudesse ouvir agora o caso de um cavalo? Veio misturada à minha ternura e a ternura gosta de inventar coisas novas. Pedi a alguém, alguma vez, que me contasse uma estória assim?

Dou um balanço no passado. Penso em pessoas, vozes outrora amadas, tento recompor trechos melhores de minha vida. Não consigo. Para que acordar mortos? Estou passeando em jardins com árvores sêcas. Ou num cemitério, para ser mais simples a imagem. Triste gente, sem despertador para acordá-los.

Não gosto de cemitérios, nunca pedi a ninguém que me contasse casos de cavalos. Muito longe ainda ouço minha voz menina pedir:

— Mamãe, conta uma estória.

Vovó não contou jamais nenhuma, a não ser a de sua vida:

— Seu avô me amou porque viu um retrato meu nas mãos de meu irmão.

Merandolina, a lavadeira, contava muitas. Muitas mesmo. Mas contava sem que

eu lhe pedisse: gostava de contar, contava por contar.

— Queria que me contassem uma estória de cavalo.

Por que êsse cavalo, se nunca vivi em fazenda, nunca fui a um prado, nunca vi cavalos correndo aflitos para ganhar prêmios?

Lembro agora: um diretor de revista me encomendou por telefone hoje de manhã: — Precisamos de uma crônica sua sôbre cavalo. A revista vai sair com um número especial para o *sweepstake.* Tentei dissuadi-lo. Como poderei escrever sôbre coisas de que não entendo? Êle insistiu: — Faço questão de sua crônica.

Acontecem coisas tremendamente sérias aos cronistas. Escrever sôbre cavalos, assunto bonito como todos os assuntos e muito amado pelos freqüentadores das tardes elegantes do Jóquei Clube, é impossível a uma criatura que nada entende de cavalo, a uma pobre mulher que nem sequer consegue entender direito a humanidade.

Procuro cavalos na minha lembrança: no meu passado nenhum existe. No meu presente nada lembra relinchar, crina, galope, cavalhada. Nenhum cavalo se anuncia no meu futuro. Não tive nem tenho contacto

com prados ou campos onde passeiem, pastem, procriem ou corram êsses animais.

Farei a crônica declarando-me ignorante em cavalos, se bem que considere belíssima a palavra "solípede" com que êles são tratados no Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa.

— Tem as pernas lindas como um cavalo de corrida — ouvi uma vez certo cavalheiro dizer a uma mulher que passava. Foi aí que aprendi que as pernas de um cavalo de corrida são esculturais.

— Tenho tôda uma biblioteca sôbre cavalos — disse um senhor, e foi aí que eu aprendi a seriedade e a importância dêsse animal.

A História está cheia de cavalos, eu sei. Dêles gosto dos de Chirico, o que é nenhuma vantagem, pois são cavalos amados por todo mundo. Gosto também e muito do ruído dos cascos de cavalos correndo nos filmes. Para que falar em hipocampo e citar cavalos célebres? O de Tróia está demasiadamente explorado.

A rua começa a se agitar. Estão acordando os moradores, há transeuntes correndo para não perder o bonde que os levará ao trabalho. Será o mesmo bonde que trouxe gente de outros bairros, de distantes subúrbios para o nosso bairro?

O despertador bate com violência. Buzinas anunciam ônibus e lotações. Minhas pálpebras agora estão pesadas de sono. Mas é impossível dormir. A sonolência será afastada não só porque o trabalho me espera, como porque estamos em época escolar e crianças alegres, barulhentas, risonhas, estão chegando para o colégio de minha rua.

Adeus, bondes matinais, homens sonolentos, adeus insônia. As crianças vão cantar antes de entrar nas aulas. As crianças tomaram conta do dia.

Foi então que escrevi para aquela revista uma crônica sôbre cavalos. Afinal, preciso trabalhar para viver.

CONVERSAS DE MULHER

Conheço-a há pouco tempo, mas tenho por ela a maior das simpatias. É mulher vibrátil, inteligente, bonita e espirituosa. Fala-me de coisas belas e boas da vida, e outro dia sùbitamente perguntou-me se não cogito de fazer uma operação plástica facial, que acabe com as minhas rugas, devolvendo-me ao rosto a louçania de passadas eras.

Isso aconteceu num encontro de rua, banal encontro de duas mulheres, não fôsse a longa explanação que dela ouvi sôbre a técnica do rejuvenescimento. Citou nomes

de mulheres nacionais e estrangeiras muito jovens hoje e que realmente conheci maduras quando eu era menina.

— Veja, por exemplo, a Marlene Dietrich...

Conta-me que essas operações já estão sendo feitas no Brasil, que antigamente, para desenrugar-se, a mulher precisava ir a Paris, Londres, Viena ou Nova Iorque, onde a operação, sendo a mesma, é inteiramente diferente quanto ao custo.

— Em nosso país há médicos especializados e competentes realizando a operação pelo preço baratíssimo de cinqüenta mil cruzeiros.

Assim ela fala e eu ouço encantada: convenhamos que tem razão; a recuperação da mocidade, mesmo e apenas aparente, vale muito mais do que qualquer quantia.

A conversa continuou, e ouvi então esta enorme revelação: o perigo, o grande perigo é que muitas mulheres, quando saem da casa de saúde despidas de rugas, trazem no rosto um ar de total imbecilidade. Por isso é importante — muito importante — saber o que tirar, qual a ruga ou grupo de rugas que devem permanecer. O médico, além de bom operador deve ser também um esteta

e um psicólogo para não liquidar na máscara feminina a marca da personalidade conquistada através de anos vividos.

Como estávamos ambas apressadas — ela para continuar fazendo compras e eu para trabalhar, despedimo-nos. Sua frase final andou comigo pelas ruas, gravada em mim:

— Essa coisa está ficando tão comum e obrigatória que daqui a cinco anos ouviremos uma mulher dizer que está com hora marcada num médico: — "Hoje vou fazer minha operação plástica" — como hoje diz que tem hora marcada no cabeleireiro ou no dentista. Tiraremos rugas como tiramos sobrancelhas.

Não desaprovo essas operações nem nego às mulheres o direito de defender e conservar a beleza, mas depois dessa conversa pensei um pouco nas minhas rugas, pobres rugas que jamais serão desfeitas e que até aquêle momento não tinham vivido um minuto sequer em minhas cogitações. Cinqüenta mil cruzeiros. Com êles, se os tivesse, quantos meses passaria em Paris? Ou viajaria o Amazonas? Que livros compraria?

As rugas de minha testa apareceram cedo. Depois li que elas são o prêmio con-

cedido, a partir dos dezoito anos, às pessoas que costumam se preocupar com problemas seus e do mundo. Quantas preocupações tive, ainda menina, com as definições, os problemas da Metafísica, os sentimentais e mesmo os políticos. Quantas rugas criei as poucas vêzes que votei?

Operando minhas rugas, eu poderia depois pensar sem que outras rugas nascessem, ou a operação me proibiria, cassaria meu direito a pensar? A quem estaria enganando sem rugas, a mim ou aos outros? E se depois da operação plástica eu ficasse com uma cara imbecil se bem que formosa? Se eu me procurasse e não me encontrasse? Pensei em minha mãe muito jovem ensinando que o importante é ter sempre saúde mental, física e moral. Pensei em George Sand dizendo: — "Quando me examino vejo que as duas únicas paixões de minha vida foram a maternidade e a amizade." Com essas duas paixões quantas rugas terão nascido naquela tão fabulosa mulher?

De qualquer modo, cumprimentemo-nos: dentro em breve, neste país, com as operações plásticas a preço módico — cinqüenta mil cruzeiros — não mais haverá brotinhos, balzacas ou coroas. Infelizmente a divisão de classes continuará por algum tempo, e por

isso no Brasil, daqui a pouco, só serão velhas as mulheres trabalhadoras como eu e centenas de outras, e as mulheres operárias, aos milhares.

Manteremos as rugas; elas contam nosso destino.

ARGUMENTO PARA UM FILME

— Êsse dinheiro não dá!

Falou minha funcionária, aquela que trabalha para mim, permitindo assim que eu trabalhe para os outros. E afirmou:

— Tudo está aumentando. Nem sei onde vamos parar...

Olho minhas mãos que batem infatigàvelmente os teclados da máquina de escrever. Penso em meus olhos que estão cada vez mais desbotados — êles que foram muito verdes — e imagino como tem sido grande minha luta, tão persistente em dificuldades é a minha vida. Mas foi êste o caminho

que escolhi, e por isso sinto uma bruta vontade de rir, de achar graça, já que devo esperar mais tempo, confiar sempre no futuro.

Mais tarde, entro numa livraria.

— Os livros estrangeiros vão aumentar cinqüenta por cento no preço atual que já é altíssimo, comenta comigo o livreiro.

— Seus cigarros aumentaram trinta por cento, diz o charuteiro, antigo e fiel fornecedor dêsse meu vício, único que cultivo na vida.

Por que neste dia tão claro todos resolveram atribular-me com preocupações financeiras? Meu dinheiro, êsse ganho com tanta dificuldade, não aumentou, não subiu e a vida vai crescendo, vão crescendo as despesas, as cifras se avolumando. Justamente neste dia tão belo — é verão, há sol, as árvores estão escandalosamente verdes — só ouço falar em despesas maiores.

— Onde iremos parar? — perguntou alto uma senhora, conversando com outra no lotação que trouxe meu corpo cansado para casa. Antigamente a senhora fazia a feira com cem cruzeiros, hoje... Imagine...

Não gosto de ouvir conversas alheias, nada tenho que ver com a vida de ninguém, odeio lamentações que nada resolvem, mas

aceitei o convite daquelas senhoras e imaginei o seguinte:

Uma terceira, quarta, quinta pessoa do autolotação se intrometeria na conversa das duas senhoras, e começavam tôdas a contar suas mágoas, quanto gastam para viver, as dificuldades, os preços dos gêneros.

— Parece mentira, mas só com o colégio dos meninos — tenho dois filhos — meu marido gasta uma têrça parte do ordenado. E ganha bem...

— Os meus estão na escola pública, mas assim mesmo trabalhando eu e meu marido, nosso dinheiro não chega. De apartamento pago sete mil cruzeiros...

Um homem gordo e sonolento, com um charuto também gordo, acorda apoplético:

— É uma vergonha! Não temos mais direito nem sequer a um pequeno prazer. Sabem a quanto está a dose do uísque nas *boîtes*?

Aquela jovem senhora, que abre e fecha a bôlsa a todo momento, grita alto o preço dos sapatos, o jovem linfático de grandes olheiras protesta contra o aumento das entradas de cinema.

Todos falam ao mesmo tempo; vibram no ar orçamentos domésticos, o custo de vestidos, o aumento das passagens, preço de táxis, de casas, de bebidas, de cigarros. Todos

falam em suas aperturas econômicas pessoais, todos contam em voz alta a ginástica que realizam para viver.

O motorista, ouvindo a conversa que agora tomou conta de todos os passageiros e está cada vez mais vibrante, tendo também o que contar, pára o veículo. Entra para o côro das lamentações.

— E os senhores ainda são felizes, moram em Copacabana; nada nada, ainda têm praia de graça. E eu? Digam! E eu que deixo o carro e tenho que ir para o subúrbio muitas vêzes pendurado nos trens superlotados, morto de cansado, porque dirigir êsses monstros cansa muito. Meu dinheiro não dá para nada; a mulher reclama, os meninos estão crescendo ao deus-dará. Isso é vida?

Um outro lotação pára; querem saber o que aconteceu. E como o mal é de todos, passageiros e motorista entram para a conversa, todos têm queixas, no ar se misturam preços de tomates, aumento da carne, o custo do feijão.

— Leite, então, quase que não podemos dar às crianças. Não há leite. Digam: por que não há leite?

Outros lotações, ônibus, automóveis param querendo conhecer o que está acontecendo. Agora vêm os ônibus, carros de praça, automóveis particulares. Descem pas-

sageiros e motoristas, invadem calçadas, crescem em número, falam todos ao mesmo tempo.

— E dizem que vai aumentar ainda mais...

— Já não posso mais com tantas prestações...

— E ainda por cima a falta de água, a falta de condução, a falta de...

As vozes estão cada vez mais altas. Todos têm seus problemas de dinheiro pequeno para despesas grandes, o trânsito fica interrompido, coisa aliás sem importância na vida desta cidade. Mas as vozes e a multidão crescem e começam a meter mêdo. Chega a Rádio Patrulha, (imaginei a cena: fundos do Palácio do Catete, na Praia do Flamengo) a polícia civil e depois a militar, metralhadoras, o Exército, os bombeiros, mas como ninguém ganha para viver, como todos estão na miséria e querem contar, um profundo entendimento se faz e agora maior — imenso — é o rumor das vozes. Civis e militares confraternizam contra o alto custo de vida.

Um "tira", dêsses que para viver precisam ver sangue alheio correndo, puxa o revólver; vai defender as instituições ameaçadas, acusa os comunistas, procura agitadores, grita:

— Quem começou isso? Comunistas canalhas, vocês vão ver.

Exército, polícia, rádio patrulhas, bombeiros, ninguém liga. As metralhadoras estão inativas e o homem enfurecido dá um tiro. Um tiro apenas, mas é logo jogado ao mar como um fardo. Sua voz desafinara o côro harmonioso das lamentações.

Aqui tive que parar; não tive fôrças para arranjar um final para essa cena que imaginei a convite daquela senhora tão bem palrante. Sei que para um bom filme eu teria que contar um trecho amoroso, talvez o namôro da filha da mulher de prêto ou contar o romance do primeiro motorista. Mas não pretendo escrever um romance ou uma novela; deixo essa tarefa para os que dela podem tirar efeitos magníficos.

Não ficará mal, por exemplo, uma criancinha chorar pedindo pão, nem uma mulher ter vertigens de fome.

Só peço que aquêles que puderem encontrar um final para êste roteiro que o façam com dignidade. Nada de colocar a figura do presidente surgindo dos jardins do Catete e sendo aclamado pelo povo, nada de distribuição de flôres, pães brancos, filés, uísque. Nada de mistificações.

Que acabe digno um filme tão dignamente começado.

MEU AMIGO JOSÉ

Se eu escrevesse um diário íntimo, naturalmente rabiscaria hoje uma página assim:

Registro a entrada de um gato em minha vida. Antes, devo formular uma dolorosa confissão: a companhia humana, neste sombrio momento nacional, é perigosa e arriscada. Não a presença de amigos, que êsses são os que nos ajudam a carregar flôres e fardos da vida, mas a das criaturas em geral no afã de se liquidarem, odiando-se com profunda simpatia, traindo com um sorriso docíssimo e uma simplicidade de copo de

água, ferindo com uma das mãos enquanto com a outra passam, na chaga, suavemente, arnica e mercúrio-cromo.

As relações humanas, as simples relações humanas neste nosso país estão também marcadas pelos sinais dos tempos de despudorização nacional, liquidação inclusive dos menores sentimentos.

Posso falar assim porque não sofri nenhuma decepção, ilusão ou dissabor nestes últimos tempos. Envelheço e seria indigno de meu amadurecimento ainda sofrer decepções; com a idade, as coisas gerais da vida aparecem sob suas côres verdadeiras. Errar é humano, mas como é chato!

Êsse panorama — triste paisagem nacional — levou-me um dia a querer amar os animais. Não estava preparada para tal. Tentei a primeira vez com um cão e fracassei. O cão está cada vez mais parecido com o homem; talvez seja isso. A segunda tentativa foi com um papagaio; dessa vez o fracasso foi dêle: era mudo demais, demasiado burro. Comecei a criar plantas. Mas como poderei exigir de minha turbulência que não envelhece, a compreensão dessas maravilhosas criaturas verdes que não correm, não pulam, não riem? (Não falarei — para não sofrer — que também quis criar uma criança muito bonita.)

Que constante companhia buscar então? Que permanente companhia agora, principalmente agora que os dias vão ficar mais longos, o sol mais fraco, o verão passando, o outono já muito anunciado pelos jornais? Amanhã dirão que é inverno: virão as chuvas, a umidade, o frio e portanto mais dolorosa a falta de companhia.

O gato veio para minha vida como todos os outros acontecimentos: entrou para os meus dias simples, natural, banalmente. Ganhei-o num sábado de manhã. Sua pobre mãe abusara da paciência dos donos: pusera neste triste mundo de tanta luta e tanta miséria, um número demasiado grande de gatinhos. Salvei-o da morte, do destino que tiveram seus irmãos e felizmente êle nunca saberá que me deve a vida. Iria encher-se de gratidão, essa virtude tão parecida com vício. Trouxe-o comigo numa pequenina caixa de papelão; vim correndo para que êle passasse o menor tempo possível prisioneiro daquela limitadíssima escuridão.

Ei-lo senhor de minha casa; ei-lo ligado a meu destino, personagem na minha vida. Chama-se José, nome que sempre dou a homens de bem. Não tem nobreza nem mesmo longínqua, não descende de realezas ou riquezas, jamais poderá vangloriar-se de sangue azul ou perdida fortuna. É da minha

família, da imensa família dos simples, dos banais, dos sem direitos e sem dinheiro.

É apenas um gato, com os olhos metálicos de ágata já cantados pelo prezadíssimo cavalheiro Baudelaire; tem também uma alegria de criança.

Onde andará José? Na prateleira de uma estante, entre livros (não procurarei saber jamais se possui predileções literárias; é um gato livre, com direito a pensar e agir livremente) ou na gaveta que deixei aberta. Seu corpinho é tão pequeno e leve que cabe num pedacinho de qualquer lugar.

Estamos já em pleno entendimento; conversamos e rimos. Com doçura e habilidade, mostrei-lhe que deve lutar para ser apenas e simplesmente um gato. (— "José! nada de genialidades; nada de querer ser ou parecer homem ou deus; nada de imitações ridículas.") Falei-lhe em Cesário Verde, contei-lhe que o poeta nos pedira: — "Sê natural, meu amigo, sê natural."

Não tenho nenhuma dúvida em declarar que começo sèriamente a amar José. A prova (e eu me conheço muito bem) é que na rua ou bem longe de casa uma pergunta me ocorre, uma preocupação me perturba: que estará fazendo agora José? Tenho vontade de chamá-lo ao telefone, perguntar-lhe se

não está aborrecido, se me está acusando de crueldade por deixá-lo tantas horas prêso num apartamento tão pequeno.

Posso declarar meu amor porque nunca fujo da verdade nem da responsabilidade de meus atos. Juro também que não irei a nenhum poeta nem procurarei na História da Literatura Universal a maneira de se amar um gato. Falei em Baudelaire sem querer; não me inspirei neste amor a José em nenhuma figura literária dona do assunto. (Aqui, sem sentir, a gente pensa em Colette.)

Nada disso; José é simplesmente uma companhia. Que importa agora que meus lápis possam ser encontrados em qualquer lugar da casa, que facas e papéis tenham perdido sua localização anterior? Inútil querer que um gatinho recém-nascido ame o cachorro de borracha especialmente comprado para diverti-lo? (Um cachorro, mesmo de brinquedo, é sempre um inimigo, pensará José.)

Por que iria êle amar aquela bola multicor que tanto trabalho me deu para encher? José gosta mesmo é da vida, e a vida para José é o que estiver perto de suas mãos e de seus olhos.

Podeis chegar, inverno, chuvas, umidade, frio; estou muito ocupada agora com o

futuro de José Quero vê-lo crescer, quero senti-lo forte. José e seu futuro são duas boas, puras e leais companhias.

Tupã, guardai José essencialmente José.

II

Houve inicialmente a época dos descobrimentos; seus olhos procuravam adivinhar não só o meio ambiente, mas de preferência a côr de meus olhos: seríamos parentes?

Depois passava as mãos em meus cabelos: seria uma floresta?

Examinava a casa em seus detalhes, pesquisava meus hábitos, minhas roupas, meus livros, meus objetos. Que ser era eu assim tão carregado de estranhas coisas? Fêz-se amigo das plantas e, em seu grande amor à liberdade, tirou-as da terra, desenraizou-as, libertou-as.

Começamos a conversar; ao começo, simples palestras banais. Mudo e atento, deixava-me falar, como se precisasse tomar posse de meus sentimentos, de minhas opiniões, de meu passado, do presente, do que ainda espero e desejo como futuro. Com os dias e a convivência nossa intimidade cresceu, solidificou-se. Dos seus primeiros dias na minha vida, até hoje guarda a ma-

nia de derrubar lápis, jogar papel no chão, quebrar tudo que considera inútil ou atravanca seu caminho.

Mas somos grandes amigos; tão amigos que se digo seu nome joga-se sôbre mim; quando chego da rua e êle sente minha chave abrindo a porta, vem ao meu encontro cheio de ternura e de saudade. Ouço-o dizer: — Como demoraste!

Conversamos agora todos os assuntos; conto-lhe minhas alegrias e meus dissabores. Sei pelos seus olhos se apóia ou não minhas ações e opiniões. Não posso afirmar que esteja de pleno acôrdo com a minha maneira de viver a vida. Não compreende — por exemplo — minha indiferença pelo vôo das maripôsas, nem que eu fique impassível diante dos bichinhos cujo nome não sei, mas que costumam invadir casas em busca de luz; bichinhos que, na minha terra — dizem — anunciam chuva. Também não compreende que, passando longe um do outro o dia todo, eu use a noite para estudar e a madrugada para dormir.

Dormir de noite, dormir de madrugada, isso José jamais compreenderá. É de noite que seus olhos tomam estranhas fulgurações. É de noite que êle parece perguntar: — essa escuridão não foi feita para se andar pelas

ruas? Para se caminhar a êsmo, procurando, se possível, a felicidade?

Por que meus olhos parecidos com os seus não ficam agitados acompanhando aquêles bichinhos tão leves que cortam o espaço, pousam nas lâmpadas, realizam magníficos bailados aéreos? Por que fico dormindo quando o dia está nascendo? Como posso dormir se com a madrugada a rua é um convite, a terra uma aventura, o mundo uma promessa? Se trabalho — e tanto — por que não guardo as noites para brincar e rir? E essa máquina batendo, batendo horas e horas?

Odeia o seu ruído, passeia pelo teclado num desafio, esconde-se na tampa para olhar meus dedos, e quando fecho a máquina êle toma uma atitude de vencedor de tôdas as batalhas. Deita-se sôbre ela, absoluto, dominador e mesmo desafiante.

Outro dia estêve muito doente; foram chamados especialistas. Gemia e chorava; seus olhos tristes estavam cheios do mêdo da morte. Quando ficou bom recebi esta carta; talvez chamá-la bilhete seja melhor. Deixou-a aberta em cima da mesa.

"Meus olhos são dois sóis para você, Mamaruca. (Mamaruca é o apelido que me deu, creio que uma corruptela de mamãe.)

Eu estive muito doente e fiquei com muita pena de você porque vi que sofreu muito, mas eu não podia fazer nada, podia? Minha barriguinha doía e quando você olhava para mim ela doía mais, muito mais, porque sentia também a dor de seu coração. Tive mêdo de morrer, não por mim que ia embora para um mundo muito bonito, grande, cheio de gatinhos mortos, mas que parecem vivos. São gatinhos que nasceram em muitos países, mas nós, gatinhos, não somos como vocês homens, que cada um fala uma língua diferente e todos se odeiam. Nós falamos uma só língua — a do miau, você sabe — e todos nos amamos, não importa onde tenhamos nascido. Você já viu gato usar carteira de identidade ou precisar de passaporte para viajar? Mas como eu estava dizendo: tive mêdo de morrer, porque você ia ficar muito mais sòzinha depois de mim, não era? Quem iria, se eu morresse, passar nos seus cabelos as mãos — que podem ser chamadas patas, mas são leves — que arranham — mas são arranhões chamados carícias — quem iria agradar seu rosto e sua cabeça? Quem iria ficar olhando para você quando escreve essas coisas que fazem tanto barulho nessa caixa? Diga Mamaruca, por que você escreve tanto? Depois de mim você era capaz de criar outro gato? Já

ouvi você dizer que sou o primeiro e serei o último de sua vida. Você ia sentir muita e muita falta minha, não ia?

Mamaruca, será que você já percebeu o bem que lhe quero? Não amo você por gratidão — sentimento horrível, como você diz — nem falo como os homens: "não sei por que te amo". Meu amor por você, Mamaruca, eu sei, é porque te amo, porque somos ambos sòzinhos; você só tem a mim, eu só tenho a você. Quando a gente sente que somos apenas dois, sòmente dois na multidão, então, Mamaruca, é que se sabe o que é amor.

Estou lhe escrevendo esta carta para você ficar contente porque já estou bom. Agora vamos continuar alegres; vamos viver!"

Que todos compreendam; não é uma carta literária, nela não há preocupações de forma e de estilo. Não foi escrita para ser publicada, seu autor não ambiciona nenhum lugar na literatura brasileira. É um documento de amor, apenas.

Tudo pode acontecer na vida de uma pessoa que tem um gato e êle se chama José.

BANHO DE CHEIRO

Para a minha cidade, na sua pessoa física, que — para mim — é minha mãe.

Para a minha cidade, suas ruas e praças, suas manhãs claras e noites perfumadas de jasmim bogari; para os igarapés e os igapós, para os canteiros dos jardins públicos hoje abandonados, outrora morada de rosas-meninas;
para a minha cidade e tôda sua paisagem;
para a minha cidade, sua gente da Pedreira, do Umarizal, Jurunas; para a gente da S. Jerônimo, Nazaré e Independência.

Para a minha cidade tão pobrezinha agora, mas tão cheirosa sempre a pau-de-Angola e patchuli;
para a minha cidade, meus amigos de lá, minha família de lá, minha gente de lá.

Para a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, êste livro.

Também para Léa, minha filha.
Precisarei falar de amor?

O HÁBITO VEM DE LONGE; *de nossos antepassados índios ou de nossos primeiros caboclos? Não sei; mas cidadã de Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará, sempre gostei e sempre cultivei o banho de cheiro, mesmo agora, há tantos anos morando distante de minha cidade.*

O banho-de-cheiro, ou banho da felicidade, deve ser tomado à meia-noite do dia 23 de junho, véspera de S. João. Dessa prática, já falei em **Aruanda**, *do qual êste livro é uma continuação. Faço, em ambos, o levantamento de minhas recordações.*

No meu tempo de menina, desde o momento em que me entendi como gente, vi amanhecer festiva a minha cidade, em 23 de junho. Homens corriam, carregando à cabeça tabuleiros cheios de ervas próprias para o banho da felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizam as praças e as ruas de Belém, caindo como promessas no coração das curibocas.

— Cheiro cheiroso! (a pronúncia local: chèro chèroso!)

Portas e janelas se abriam. Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, fôlhas, pedacinhos de madeira passavam de suas mãos às da compradora. Ninguém queria perder o direito à felicidade: ricos e pobres. Nos fogões e nas fogueiras — as mesmas que iriam iluminar a noite do santo — a grande lata fervia, com os vegetais perfumados da Amazônia que, ralados, esmagados, verdes pela juventude ou amarelecidos pela velhice, dão, depois de fervidos, um líquido esverdeado com o exuberante perfume de mata virgem. Patchuli e pau-de-Angola, priprioca, catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, cipó-catinga, arruda, cipó-uíra, baunilha, corrente, perfumes selvagens é certo, mas que misturam minha vida de hoje com a de ontem, com a mesma intensidade.

Estou a revê-la como sempre, num trecho do Mercado de Belém, bem próximo ao Ver-o-Pêso, sentada num banquinho, tão cheirosa na sua roupa clarinha de limpeza, nos cabelos jasmins bogaris, rodeada de um mundo vegetal, cercada de tabuleiros com fôlhas, raízes, madeiras. Chamava-se Sabá e foi uma das pessoas mais amadas de minha infância e mocidade. Contava-me estórias maravilhosas dos vegetais de quem era íntima. Sabá, cabocla paraense vendendo banhos de felicidade. Eu perguntava, segurando uma batata:

— Que é isso? Para que serve?

— Isso é batata de vai-e-volta. Se você tiver um namorado, gostar muito dêle e êle lhe deixar, tome um banho com essa batata, chamando o seu nome. O homem volta correndo.

Sabá conhecia o efeito de plantas e raízes no destino dos homens. Mulher precisando agarrar o marido sempre fugidio, namorado ou outro qualquer difícil amor? Ela resolvia, simplesmente, com os seus banhos.

Como era bom ouvir Sabá afirmando, em plena convicção, a eficiência sentimental dos vegetais da Amazônia. Sabá vendendo banhos miraculosos no Mercado, Sabá evitando desgraças, abençoando amôres, fortalecendo lares com ervas, batatas, plantas. Sabá amansando criaturas ferozes, colaborando em venturas, construindo felicidades.

Até hoje nunca me faltou o banho-de-cheiro, o banho da felicidade que vou buscar, anualmente, na minha terra. Enormes garrafas trazem, pelos ares, as águas cheirosas de minha gente.

Tenho sido sempre fiel à minha terra e ao meu povo. A conquista da felicidade é fácil; basta escolhermos um caminho, construirmos com as nossas mãos e o nosso raciocínio, pacientemente, a nossa consciência de viver. Considero-me uma mulher profundamente feliz; sei que o sou porque cedo tomei posse de meu destino e pela estrada escolhida caminho sem desfalecimentos. Mas jamais deixarei de dar, ao banho-de-cheiro de minha terra, uma pequenina parcela na construção de minha felicidade. Daí o nome dêste livro.

Fatos, personagens, histórias, contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo o que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças mais profundas, ocorrências gravadas na memória. Geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais. Êste é um livro banal.

Pudessem todos tomar o seu banho-de-cheiro, o banho da felicidade.

Je ne regrette rien; j'avance.

PAUL ELUARD

1

VINHA DE UMA VIDA muito dura, difícil, aquêle homem. Fôra criança sem infância, ìndiozinho selvagem fugindo de sua taba para o barranco do rio, onde ficava, dias e dias, acenando para os navios que passavam, numa ànsia de libertação. Pedia, com os seus gestos, que o tirassem dali, e depressa, porque seu lugar não era na terra, mas no mar.

Queria — precisava — ver onde ia, para onde andava e corria aquêle mar e nem sabia o que era mar. Não dava nome às águas, não conhecia suas diferenças, mas desejava saber que caminho elas tomavam, porque corriam assim, ora mansas ora tumultuosas, muitas vêzes enchendo tanto que arrastavam casebres e homens, outras vêzes secando tanto que aprisionavam navios, e a paisagem se cobria de enorme tristeza: tanta lama, tantos peixes mortos.

A terra não o interessava. Conhecia bem aquêle recanto da floresta: ali nascera, vivia, crescia. Sabia que as semen-

tes florescem; deviam ser muito velhas aquelas árvores imensas, tão grandes, tão fechadas pelas fôlhas que metiam mêdo, mas não a êle, conhecendo-as uma a uma, como conhecia o cantar de todos os pássaros, o caminhar de todos os animais.

Gostava de olhar, na beira de um igarapé, o pavãozinho do Pará que sua gente chamava Pássaro do Sol, parado, silencioso, enquanto sôbre seu corpo tão frágil que parece o de um franguinho, mas de asas coloridas e penas brilhantes, o sol cai como um manto de rei. Quem estaria agora sendo imitado pelo Japiim, êle que por sua vaidade fôra castigado por Tupã e perdera o direito ao seu próprio cantar, ficando apenas um imitador de todos os outros pássaros?

Daquele curumim não era a terra nem o cantar do uirapuru prometendo felicidade, nem o do acapaçu anunciando trovoadas. Amava num mesmo amor, terra, árvores, pássaros, mas êsse amor não o aprisionava ao chão. Só o mar, o rio, o grande rio, aqui azul, ali verde, mais distante negro, barrento além, límpido mais adiante, interessava sua curiosidade, dava-lhe o desejo de viver e ser gente. Ser gente não era andar na terra; ser gente era andar no mar.

Não conhecia letras; não sabia ler nem escrever, nem contar. Sabia sim, e muito, amar o rio e desejar vivê-lo intensa, profundamente.

Tão perto das águas as margens; os navios passavam tão perto, subindo e descendo. Que destino teriam? As árvores quase se tocavam: iriam apertar num abraço aquêles navios? Para onde iriam aquelas águas afinando aqui, ampliando-se acolá? Como devia ser bom andar num dêles, ir e vir com êles. Olhava os canos grossos de onde saíam apitos enormes. Por que despejariam aquela nuvem de fumaça? Por quem chamariam os navios? O que estariam dizendo? Seriam mensagens como as que os índios mandavam a outros índios batendo na sapopema? Via rêdes armadas no convés, homens e mulheres andando, uns debruçados nos passadiços, querendo descobrir o segrêdo da floresta tão vizinha. A silenciosa floresta. Outros viajavam indiferentes ao rio, às árvores, ao silêncio.

Os olhos do menino sofriam como o seu corpo.

Ninguém atendia ao seu apêlo. Não podia usar, como um náufrago, uma camisa de pano qualquer; seu corpo nu limitava-se a mandar, para aquêles que cortavam o rio — o seu rio — gritos desesperados e desesperados gestos de braços e mãos. Inúteis gritos que se confundiam com o apito angustiante dos navios.

Muitos dias se passaram até aquêle dia: o comandante de um gaiola, olhando a margem, viu o curumim e resolveu saber o que êle queria. Foi assim que o pequenino se tornou marinheiro. E começou a viver não apenas a vida dos outros, mas a sua própria e desejada vida.

Êsse curumim foi meu pai. Um cidadão da Amazônia que veio de um barranco de Santarém para o mar, o seu rio. Costumava contar — e com que orgulho o fazia — que fôra tudo a bordo de um pequeno navio, então chamados gaiolas. Menino, era apenas um criado: faz isto, limpa aquilo. Depois, crescendo e aprendendo: môço da copa, lavando pratos, servindo mesas. Depois desceu às máquinas: foguista, maquinista, segundo, primeiro. Queria conhecer um navio e todos os seus misteres; precisava dêle saber tudo. Que nenhum mistério houvesse entre êles dois. Aprendeu a ler, estudou, fêz-se prático, segundo, primeiro, depois imediato. Tirou diploma de pilotagem de pequeno curso, virou comandante, quis mais e veio para o Rio, onde um dia ganhou um canudo: capitão de longo curso. Longo curso para que, se só o interessava o Amazonas, o seu rio, aquêle rio que ninguém amou tanto quanto êle?

Durante cinqüenta anos ninguém conseguiu afastá-lo de um navio amazônico. Suas viagens eram longas, duravam meses: Purus, Acre, Madeira, Juruá, todos os afluentes do seu Amazonas tão amado que èle conhecia como amigos, os mais íntimos. Quando o rio secava, seu naviozinho ficava parado no atoleiro esperando a cheia; quando o rio enchia, lá ia èle, feliz com o seu navio, que era dos outros até o dia em que também teve o seu próprio navio.

Falava muito de sua pobreza inicial sem considerá-la glória ou humilhação. Fôra pobre, enriquecera. Viu como os outros faziam: compravam barato na cidade, vendiam caro nos seringais: gêneros alimentícios, bugigangas, roupas. A Amazônia nadava no ouro da borracha alta. Os seringalistas eram donos do mundo — aquêle mundo — mas os seringueiros, èsses viviam prisioneiros dos armazéns, aumentando a riqueza dos donos dos seringais, enchafurdando-se em dívidas e misérias. A Amazônia servia de alegria e de dor a milhares e milhares de pessoas querendo uma vida melhor. Uns enriqueciam; outros morriam como tinham chegado: miseráveis, famintos. Vinham todos cheios de esperanças e de sonhos; acabavam desesperados e desiludidos.

Nunca dizia nada da família, dos pais, irmãos. Apenas, logo que pôde, comprou um terreno em Santarém: o grande terreno onde sua gente havia vivido e morrido.

— Êsses meninos são uns selvagens; não negam que vieram do Ituqui, dizia minha avó tão bonita nos seus cabelos louros, na sua gargantilha de rendas. Sua filha, minha mãe, apenas sorria. Não temia o Ituqui, nem queria que ficássemos prisioneiros de sua família, onde passavam personagens chamados aristocratas. Sabia muito bem o que queria fazer de nós, minha mãe.

Mas é dêle que estou falando e dêle continuarei contando. Nada mais soube da família, a não ser mais tarde, muito

mais tarde, quando lhe apareceram, inesperadamente, dois caboclos fortes, dizendo que eram seus sobrinhos. Não precisariam mostrar documentos. Eram iguais a èle: cabelos lisos, olhos amendoados, pele bronzeada, pequenos, atarracados, caboclos legítimos da mata amazônica e, como êle, homens que só queriam uma coisa: viver no mar, andar no mar.

Antes de o navio partir, recomendaram muito ao Comandante aquela mocinha que ia ser professôra em Óbidos. Mas só mais tarde, a noite chegando, encontrou-a chorando muito, debruçada num convés. Era um caboclo extremamente simpático aquêle Comandante com quarenta anos de idade; era extraordinàriamente bela aquela mocinha professôra, de vinte anos.

Achou-se èle na obrigação de intervir naquele pranto. Então uma môça chora porque vai para Óbidos, uma cidade tão bonita ? A conversa foi longa. Ela contou-lhe que seu pai, baiano, militar, morrera; que sua mãe, paraense, ficara com muitos filhos. Imagino agora o diálogo do convés:

— E por que vai para Óbidos ?

— Papai morreu, mamãe não aceitou viver com a família dèle na Bahia (eu e meus irmãos mais velhos somos baianos); a família de meu pai tem dinheiro, a de mamãe é pobre, e ela não se sujeita a viver de favor. Somos oito irmãos. É gente demais para a pobre mamãe, com um pequenino sôldo. Diplomei-me professôra, deram-me èsse emprègo em Óbidos.

Chorava muito a mocinha de nome Júlia; mas mesmo chorando — èle contava muito essa cena — era bonita. Confidenciou mais: estava noiva, o casamento ia demorar porque o noivo, seu primo, andava na Escola Naval do Rio de Janeiro.

A viagem continuou; os olhos da professorinha sempre cheios de lágrimas. O navio chegou a Óbidos, a môça desceu, o Comandante seguiu. Mas na volta, quando atracou em Óbidos, procurou-a e disse-lhe simplesmente que nunca estivera

apaixonado por ninguém, que era um homem só com o seu rio, mas agora queria um lar, uma casa. Pediu-a em casamento. Por que não voltar com êle naquele mesmo dia, para Belém?

— Aceitei — contava ela depois — porque tinha muitas saudades de casa, de mamãe, de meus irmãos. Vivia muito só em Óbidos. Naquele tempo eu não amava seu pai, mas êle foi tão claro, tão simples, tão correto. Desfiz o noivado; voltei logo para Belém.

Ria um riso de dentes claríssimos:

— Foi assim que vocês escaparam de ser filhos de almirante. (Grande ódio sentíamos por todos os almirantes do mundo.)

De meu pai, o Comandante Guilherme Joaquim da Costa — Costa por que, papai? Sei lá. Nome de gente. — Lembro muitas e muitas coisas: o prazer de contar lendas amazônicas, a maneira como comia pimenta e farinha, jogando-as na bôca, de uma distância que parecia impossível de ser atingido o alvo; de seu enorme desprêzo pelas grandezas e honrarias, a confiança em si mesmo, o amor, a paixão, a loucura com que reunia o Amazonas, minha mãe e nós, os seus filhos.

Lembro-o de dólmã de zuarte azul, andando pelo seu palacete como se estivesse a bordo: sua roupa de marinheiro mesmo em terra era a afirmativa de seu amor pelo mar. Lembro-o vestido para sair, com o seu impecável terno de linho branco, todo de branco sempre, mas, na cintura, um largo cinto de fazenda preta; na cabeça um chapéu do Chile. Foi inútil, inteiramente inútil que minha mãe preparasse o seu guarda-roupa com ternos escuros, fraques, *smokings*, casacas. Jamais os usou. Às vêzes, querendo brincar com ela, vestia um de nós com aquelas roupas e mandava-nos desfilar no salão.

Passava horas e horas olhando formigas, plantando árvores. Mas a terra tornava-o impaciente; apenas tratava dela

para dar trabalho às suas mãos. Era um homem sempre preocupado em criar alguma coisa. Uma criatura de mãos hábeis.

Seu desprêzo pela grandeza e principalmente pelos títulos nobiliárquicos, levou-o a jamais permitir que tomássemos conhecimento com parentes — certos parentes — do lado materno, que êle chamava desdenhosamente: parentes do vovô. Achava muita graça quando vovó, tão doce sempre, mas tão cheia de preconceitos, falava em baronesas e pretendia incutir em nossas cabeças as diferenças sociais.

— Todo mundo é igual. Eu não troco a Joana cozinheira por tôdas as baronesas do vovô.

Para casar, meu pai resolveu comprar um terreno e nêle mandar construir uma casa, ou melhor, um palacete. Custou a encontrar o que queria, mas afinal achou, na Rua Benjamim Constant, o terreno enorme — quase um quarteirão — com uma mangueira tão grande e tão gorda que prometia a todos e a todos dava, sombra, amor, acolhimento. Justamente por essa mangueira, comprou êle o terreno.

Naquela casa, nasceu a menina — a primeira filha — numa tarde. Eram três horas e nada aconteceu de extraordinário. Mas é sempre belo nascer uma criança e essa vinha de um casamento de amor. O pai andava ausente; quando voltou de viagem, dias depois, encontrou a pequenina entre rendas e fitas, tão frágil, tão sem parecer com ninguém, tão vermelha e feia que se chegou à mãe e perguntou:

— Então é isso, a nossa filha?

O "isso" era eu.

2

O HOMEM — também podia ser mulher — acabava de ser apresentado a papai. Imaginemos que fôsse um homem e se chamasse Maurício.

A conversa começava; papai era homem de mil estórias, sempre muito movimentadas. Vira várias vêzes a pororoca, sabia como prevê-la, como lutar contra ela; viajara todos os afluentes do Amazonas, tinha histórias e estórias especiais sôbre cada um, gostava de descrevê-los, de mostrar intimidade de uma vida tôda a êles devotada. Eram narrativas vivas, ágeis; mas num certo momento dizia:

— Pois é, senhor Paulo; isso contado assim...

— Não me chamo Paulo, Comandante. Meu nome é Maurício.

— Oh, desculpe, Sr. Maurício.

Voltava à conversa. Prendia seu ouvinte, encantava-o, tão belo e grande o mundo que o fazia viajar. Águas continuavam deslizando, barrentas, pretas, azuis; nuvens de guarás

tornavam vermelho o céu de Marajó. Os guarás que o senhor conhece, no Museu Goeldi, vão perdendo lentamente a côr. É que lhes falta o alimento: um caramujo especial que êles comem para tornar vermelhas suas asas. Vinha a pesca de jacaré na qual o Comandante era perito: a bala colocada de jeito entre os olhos do bicho.

— Porque de outra maneira, Sr. Paulo...

— Perdão, Comandante, meu nome é Maurício.

Nôvo pedido de desculpas; jacarés sendo mortos com muita luta e destreza, apareciam tartarugas escondendo seus ovos nas areias, um cafèzinho fumegante vinha tonificar a conversa:

— Café, Sr. Paulo?

Aí, o Sr. Paulo, que era Maurício, já estava sèriamente enfezado. Começava a sentir-se mal com aquela insistência. Quais as razões que levariam meu pai a trocar-lhe o nome? Estaria êle sem memória? Por que o chamando sempre de Paulo, desconhecendo ou negando o nome de Maurício? Olhava o caboclo forte, sem um fio de cabelo branco na cabeça ou no bigode e queria resolver a razão daquela troca de nomes. Velhice não era, seria maldade, molecagem? O caboclo amazônico, talvez porque seja demasiadamente desconfiado, defende-se com uma espécie de galhofa inteligente. Estaria meu pai debochando dêle como sempre fazem os caboclos?

Papai já sabia que o seu ouvinte estava ofendido, desgostoso, pronto para defender-se. Quando o parceiro explodia pela terceira, quarta ou décima vez — pois há sempre os mais pacientes — dizia, já agora com uma voz cheia de raiva:

— Paulo não, Comandante, Maurício. Meu nome é Maurício.

Aí vinha a explicação:

— Não se aborreça, meu amigo, mas está errado, erradíssimo. Não tenho culpa, você também não tem culpa, mas não há nada, absolutamente nada em você de Maurício: nem cara, nem jeito, nem ar de. Há muita gente assim no mundo, carregando nome que não é o seu. Culpados são os pais que cometem erros horríveis, batizando filhos com nomes de que gostam, e as crianças crescem, ficam grandes com outros nomes

muito diferentes. Seus pais erraram, Sr. Paulo, porque tudo, absolutamente tudo no senhor é de Paulo e seu nome só devia ser Paulo.

Minha mãe sempre se encarregava de afastar aborrecimentos e zangas, mas nunca pôde conseguir, com tôda a sua boa educação, com sua instrução, com a leveza de seus gestos, a beleza de seu rosto, a doçura de sua voz e sua enorme capacidade de convencer, nunca pôde conseguir demover papai da convicção de que há nomes errados em certas pessoas. Impossível fazê-lo aceitar que alguém chamado Joaquim, registrado e batizado como Joaquim, deva ser chamado Joaquim quando está marcado por outro nome.

— Você pode me convencer de muita coisa, menos dêsse negócio de nomes. Sei, sinto, quando êles estão com nomes errados. Acho que não se devia dar nome a ninguém pequenino. Um homem ou uma mulher, só depois de adultos, deviam escolher o seu próprio nome e escolhê-lo olhando para um espelho, examinando bem sua cara, seus olhos, seu físico.

Não creio em atavismo, mas não posso negar que uma das heranças paternas em mim é sentir nomes errados em caras erradas. Não sou capaz de dar nomes certos para certas pessoas, mas isso não impede que — como você, pai — eu sinta que aquela pessoa está usando um nome que não é seu; indèbitamente.

Conheço um rapaz chamado José. José para mim deve ser sempre uma criatura cheia de dignidade, coragem, altivez. Um ser em luta, na certeza de que vai vencer. Êsse José não possui nenhum dos atributos peculiares aos Josés: é uma criatura fraca, sem opiniões ou o desejo de tê-las, sem coragem, mais farrapo do que homem. Que nome deveria ter êle? Como deveríamos chamá-lo? Como me falta a capacidade de classificação nominal de papai, trato êsse José pelo sobrenome. Ìntimamente, gostaria de chamá-lo impossível. O impossível José.

3

PARÁ, CAPITAL BELÉM. Cidades principais...

Foi em 1616 que Francisco Caldeira de Castelo Branco fundou a cidade que denominou Feliz Lusitânia e depois tomou o nome de Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará...

A professôra chamava-se D.ª Hilda e exibia, no indicador, um anel de pedra vermelha. Tão simples e tão boa D.ª Hilda, formada em Direito, mas preferindo ser professôra, dona de uma única vaidade: aquêle anel, naquele dedo.

Falava na sala clara, de janelas abertas e portas altíssimas, um teto bem lá em cima; fora, um vento muito suave, muito sereno, ia mexendo com as mangueiras que arborizam

a cidade, vento bom, amigo dos pobres, derrubando mangas que suavizam a fome dos que não têm muito para comer; bondes passavam rangendo ferros velhos. E D.ª Hilda ensinando:

"O Pará limita-se ao norte com as Guianas inglêsa, holandesa e francesa, a NE com o Atlântico, a leste com o Maranhão, a SE com Goiás; ao sul com Mato Grosso e a oeste com o Amazonas".

Olhava o mapa. Meu Estado tão amado parecia calmo, plantado ali, naquele ponto e, entretanto estava cercado, cheio de vizinhos. Que me importava a existência das Guianas? O amor mesmo era o rio Amazonas que eu iria conhecer depois, mas que sabia, desde pequenina, "o maior rio do mundo". O Amazonas e meu pai contando lendas: o bôto, que nas noites claras se transformava em homem para seduzir donzelas, de calça branca e paletó prêto; a iara chamando homens e mulheres para o fundo do rio; a boiúna viajando como um grande navio todo iluminado; o uirapuru anunciando felicidades.

D.ª Hilda ensinava que o mais importante rio que banha o Pará é o Amazonas, nascendo no Peru, mas vindo viver e amar terras brasileiras. Como eu gostava dessas lições. Quando D.ª Hilda anunciava: hoje estudaremos o Amazonas, eu começava logo a viajar pelos meus rios mais queridos: Tocantins, Tapajós.

Estudar a geografia amazônica, para a meninazinha de grande laçarote de fita nos cabelos, era viver em poesia, navegar em imaginação. Na voz da professôra, na sua mão, onde uma longa vareta apontava o mapa, passavam estreitos e canais, ilhas, cabos, lagoas, lagos. Aqui, a Ilha do Marajó. Só muito depois é que eu soube que há uma lenda contando que ela nasceu do amor de Paqueima, a deusa das madrugadas sangrentas com Surnizuno, nome que os indígenas davam ao rio Amazonas.

Ensinamentos continuavam: produção, clima, borracha, castanha, plantas medicinais, animais, pássaros, minerais.

Espantados e felizes ficavam meus ouvidos recebendo tudo aquilo tão necessário à minha vida, eu que tanto aprendera

com meu pai a amar aquela terra, o rio, a gente. Que importavam os 1.150.000 kms. se o Estado cabia inteiro no meu coração?

Minha cidade. Aqui foi o meu primeiro colégio. Travessa Rui Barbosa, esquina com a Rua Prudente de Morais. Foi nesse mesmo casarão — agora pintado de côr cinza — que aos quatro anos comecei a aprender a ler. Cedo demais? Não. Minha mãe, professôra, sentiu que minha curiosidade precisava ser satisfeita; olhar apenas figuras não mais me interessava.

No meu tempo, a grande casa assobradada era azul; sei que era azul, pois essa côr está gravada em tôdas as minhas primeiras recordações. Andou em pedaços marcados de céus, nas manhãs claríssimas de Belém, em vestidinhos curtos, em fitas nos cabelos. Azul, muito azul, sempre. Depois o colégio mudou para a Avenida Nazaré. A casa não mais existe: é hoje uma outra, construída especialmente para o Paissandu Esporte Clube.

Passei quinze anos sem ver Belém. Quando o cansaço tomava conta de mim, eu fechava os olhos e viajava a minha cidade, tal como era no tempo de meu pai, a borracha alta, muito dinheiro, muita alegria. Meu pai rico, a casa grande e bela, o enorme quintal com sua enorme mangueira, abieiros, a caramboleira, a açuceneira debruçando-se na janela do meu quarto de dormir. Nos dois jardins que ladeavam a casa, floresciam rosas Monte Cristo, tão vermelhas e perfumadas, dálias de tôdas as côres, jasmins-bogaris enchendo com o seu cheiro espalhafatoso as noites.

Viajei muito e muito a minha cidade nos quinze anos que passei longe dela. Aqui é o Largo da Pólvora, se bem que oficialmente se chame Praça da República. Ela está lá, numa estátua de corpo inteiro, cabeça erguida, túnica, barrete frígio, alta e esguia no alto do pedestal, dominando a cidade e tão contente como se estivesse caminhando em flôres jogadas no seu caminho.

A República é ótima para se descer de bicicleta, declarou um dia meu irmão. Para se chegar ao pé da estátua há uma escadaria. Quantas vêzes essa diabrura? Éramos íntimos da República. (D.ª Julinha, cuidado; hoje vi seus meninos descendo de bicicleta as escadarias da República. Mamãe ouvia a queixa; chamava nossa atenção. Devíamos ter mais respeito pela República. Não foi um conselho logo atendido. Mas, um dia, cansamos da proeza e substituímo-la por outra mais arrojada.)

A Avenida Nazaré, ampla e larga, com suas mangueiras farfalhantes, indo até o largo onde há a igreja, uma igreja feia tal o amontoado de coisas de arte de várias épocas. Conheci a primeira, modesta, colonial, bela. Derrubaram-na. Mas, naquele largo, quando chega outubro, é a festa de Nazaré. Antes houve a Transladação e no dia seguinte o Círio, arrastando uma multidão descalça ou calçada, feia ou bonita, carregando passadas doenças em promessas de cêra: uma cabeça ferida, pernas ensangüentadas. Tantas mazelas, enquanto a "onda" vai e vem, feita por aquêles caboclos fortes, vestidos de marinheiros, segurando a corda enorme que rodeia a imagem da Santa. Deviam ser assim violentas e agitadas as ondas do mar quando N. S. de Nazaré chegou à sua cidade.

No meu tempo de menina, com a borracha alta, as elegantes de Belém mandavam buscar na Europa vestidos especiais para as noites da festa de Nazaré. E desfilavam no Largo, como em passarelas.

S. Jerônimo, Dr. Morais, só em Belém Deodoro é generalíssimo (o exagêro amazônico); ruas de minha intimidade; as casas coloniais altas, com azulejos tão belos, pesadas, cheias de janelas, sacadas de ferro trabalhadas, tôdas falando da

Belém colonial. E as mangueiras encarregando-se de dar sombra, faceiras sempre, tão faceiras que adoram a chegada de outubro, momento em que a Prefeitura manda pintar de branco seus troncos. Sempre desejaram ser bailarinas as nossas mangueiras; é o que sinto nelas desde menina.

Quinze anos passei sem ver Belém, a não ser em minhas constantes, imaginárias viagens. Quando realizei o desejado encontro, em 1945, encontrei-a morta, terrìvelmente morta. A miséria comendo de rijo aquelas carnes morenas; capim crescendo livremente nas ruas e nas praças, cobrindo espadas de generais e corpos de mulheres nuas: as estátuas da Praça Batista Campos. Jardins abandonados, sem canteiros nem flôres. Luz não havia e as noites eram mais tristes, se bem que tivessem ainda a acariciá-las o céu sempre cheio de estrêlas e o violento perfume dos jasmins-bogaris.

Foi difícil encontrar, naquela cidade abandonada, a minha cidade. Tive mêdo de rir alto; mêdo de mostrar alegria — essa minha constante companheira — diante da Belém tão desgraçada. Mêdo e pudor de ofendê-la. Nunca levara em consideração o ano de 1616, nem vivia contando seus anos de vida. Para mim ela fôra menina comigo, mocinha comigo; havíamos talvez, ou com certeza, nascido juntas, crescido juntas e agora sentia que envelhecera antes de mim, que envelhecera longe de mim, sem dignidade. Que tristeza encontrá-la assim. Indústria não há, não há comércio, não há dinheiro, era o que eu ouvia dizer olhando minha cidade morta. E foi aí que jurei a mim mesma, jurei que enquanto viva fôsse, iria todos os anos visitá-la, revê-la, a minha amada Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará.

Venho cumprindo meu juramento. Tenho hoje a alegria de sentir que ela melhorou — e muito — que tornou a ser agora uma cidade limpa, que a luz elétrica voltou a iluminar casas e ruas, e que jamais lhe faltará, como o meu amor, o cheiro bom dos jasmins-bogaris.

Hoje, minha cidade foi invadida pelos bangalôs e os arranha-céus e isso me entristece. Ela é uma das capitais características do Brasil, como Salvador, S. Luís do Maranhão e

Manaus, mas deixará de sê-lo em breve, porque também lá se constrói para o alto, quando mais justo seria que fizessem-na crescer horizontalmente. Belém é uma cidade grande e gorda, para que espartilhá-la?

O Ver-o-Pêso manchado de velas de tôdas as côres, com suas grandes barcaças que trazem, dos mais diversos pontos do Estado, peixe e frutas para a vida da cidade. No fundo, a Praça do Mercado com o Palácio do Govêrno e a Prefeitura Municipal, edifícios soberbos, pesados, falando do passado. Uma vez, chegando a Belém, encontrei pintadas de branco tôdas as estátuas, elas que são de bronze.

— Por que estão assim as estátuas? — perguntei.

— Porque estavam muito sujas, respondeu-me o Prefeito de então.

E anunciou-me com certa vaidade:

— Brevemente derrubaremos tôdas essas casas para construir uma praça moderna.

A praça que êle tanto parecia odiar é vizinha ao Ver-o-Pêso: casas de azulejos azuis ou amarelos, sacadas de ferro, sobradões coloniais que constituem um dos mais belos recantos de Belém, a praça do Mercado.

Minha cidade de Belém do Grão-Pará: as mangueiras, as frutas, ah, as nossas frutas? No inverno: pupunha, bacuri, taperebá, cupuaçu, murici, uxi, umari, abios, araçás, maracujás, tantas e tantas outras. As comidas: pato no tucupi, casquinhos de caranguejo, casquinhos de muçuã, tartaruga preparada de muitas maneiras, maniçoba; sempre dominando o tucupi, líquido amarelo claro que a mandioca nos dá. A comida mais requintada do Brasil; e a mais saborosa.

Nas ruas, em mesas armadas, com grandes panelas muito limpas sempre envôltas em grandes toalhas, caboclas vendem

tacacá. É gostoso tomá-lo fumegante em cuias, com goma e camarões boiando entre fôlhas de jambu.

Agora é raro encontrar bandeirinhas vermelhas em portas, anunciando que naquela casa se vende açaí. As máquinas substituíram as gordas amassadeiras, transformando em muitas operações a frutinha da palmeira na bebida mais amada do Pará. Menina, como eu gostava de vê-las trabalhar: lavando em várias águas o açaí, amassando-o em peneiras grossas e depois coando-o em mais finas, até obterem o líquido avermelhado, grosso, gostoso, alimento principal do caboclo amazônico.

Como acontece em tôda parte, há ricos e pobres, hoje como ontem, na minha cidade. Apenas os pobres de hoje são tremenda, monstruosamente pobres. Há automóveis caríssimos correndo pelas ruas e avenidas e, em bairros modestos, vivem trabalhadores de pequenos salários: Cremação, Curro, Pedreira. São bairros pobres, mas muito alegres. É espantoso encontrar tanta alegria em tanta pobreza. Nos botequins rádios berram, gritam, esbravejam sambas, canções, como a querer encher ouvidos de alegria para que cabeças não se perturbem com tristezas. Em tôrno de uma barca ancorada pela falência da firma que a construiu há muitos anos, se criou um bairro palafítico: a Vila da Barca. Uma multidão vive ali plantada, dentro d'água; as ruas são pontes; crianças correm sôbre tábuas podres, num impressionante equilíbrio. Quando a baía do Guajará enche, no bairro trafegam canoas, roupas são lavadas, a Vila se enche de lavadeiras; quando a maré baixa, é a desolação, a lama e o lôdo, os mosquitos.

Mas a cidade cresce, cresce.

Aqui é o Museu Emílio Goeldi; menina, eu me extasiava diante das gaiolas dos pássaros, das jaulas dos animais, dos mostruários que Goeldi, o cientista, criou e organizou em 1894. Agora, depois de anos e anos de abandono, o Museu

Goeldi é outro, claro, limpo, com seus novos mostruários. Há ainda muitos objetos que são do meu tempo de menina. As borboletas de tantas e tantas côres que encantaram minha infância foram desfalcadas. Um governador usava delas para presentear amigos e visitantes ilustres. Mas ainda lá estão empalhados os japus verdes, o pavãozinho do Pará, o japiim amarelo e prêto. Todos têm uma lenda a contar, uma estória que vem do fundo de minha infância, estórias contadas por meu pai ou pela velha Marcolina, a lavadeira, que conseguia a maravilha de narrar, para meus ouvidos atentos e meus olhos curiosos, lendas amazônicas, mostrando ilustrações francesas em livros de estórias de Perrault e Madame de Angoulème.

Tudo nesta cidade onde nasci é parte poderosa, eloqüente na minha vida. Paisagens, personagens, ocorrências. Tanta coisa para contar dela. Nem falei no Bosque Rodrigues Alves com sua flora riquíssima, suas árvores imensas, seus recantos parecendo misteriosos. Não falei da Cidade Velha, onde a Catedral é a voz de nossos antepassados; do Teatro da Paz, tão belo. Das praias: Chapéu Virado, Mosqueiro, Murubira ou, mais perto, Icoaraci.

Não falei de tanta coisa.

Que importam os limites do Estado do Pará se para mim, ao norte, sul, leste, oeste, êle é todo limitado pelo meu grande amor?

4

Muitas e muitas vêzes ouvi aquela história. Dela, da rua, já falei muito e sempre: a Benjamin Constant, naturalmente homenagem ao homem da República e que um dia, para nossa alegria e nosso divertimento, um prefeito, em consideração à família, mandou macadamizar. Lembro meu pai recebendo uma comunicação escrita: a rua seria asfaltada por sua causa. Disse em voz alta: — Atrás dessa mata deve haver algum coelho. Estarão querendo dinheiro?

Antes do palacete soberbo, com seus jardins e seu enorme quintal, ali era um terreno baldio e, ao fundo, sob a sombra de orgulhosa mangueira, uma cabocla vendia tacacá e açaí. Cresci com essa narrativa e quando chegaram os primeiros sonhos, as primeiras descobertas, as exclamações acompanhadas de arregalar de olhos e bater apressado de coração, as primeiras dúvidas, elas que nos tornam ávidos para aprender a vida bem depressa, esperei ver, num pôr de sol ou numa noite de lua, aquela cunhã — diziam-na gorda — com sua

grande saia rodada engordando-a ainda mais, uma matinê branca, os cabelos lisos presos num coque e nêle jasmins; no corpo todo, o cheiro de priprioca e pau-de-Angola, servindo em cuias o tacacá.

Tacacá com camarões boiando em tucupi e a goma escura pondo manchas sôbre o amarelo como uma pintura abstrata; tacacá fumegante e cheiroso passando das mãos da cabocla para outras mãos de pele côr de cóbre ou de chocolate derramado.

— Põe mais camarão, D.ª Joana.

— Credo! Já tem muito, môça.

As grandes panelas envôltas em toalhas muito brancas para que o tucupi e a goma não esfriassem. Ou quem sabe não seria tacacá mas açaí, o mercado da cabocla? No comecinho da mangueira, no seu tronco largo, soberbo, opulento, D.ª Joana arranjara meios de colocar uma bandeirinha vermelha. Ela mesma lavara os grãos da palmeira, amassara-os com seus braços roliços e sua fôrça; requeria muita fôrça aquêle amassar de grãos. Mas açaí pede açúcar e farinha, não pode ser tomado assim, no meio da rua. D.ª Joana vendia-o para que o levassem para casa e fôsse regaladamente bebido, fruto de seu esfôrço, todo seu corpo tendo compactuado na gostosura da beberagem.

Nenhum fantasma jamais andou na minha vida; nunca os cultivei, nunca vi nada de sobrenatural. Meus olhos gostam demais de gente viva para ir buscar visões do além. A mangueira continuou acompanhando nossa vida e chegou mesmo, em certo momento, a atrapalhar muitíssimo o jôgo de meu irmão, desenfreado futebol que reunia um mundo de meninos — sempre enorme o número dos reservas — aos quais, em certo momento, mamãe mandava servir copos de leite ou de laranjada: coitadinhos, devem estar tão cansados.

Depois, a açuceneira de minha juventude acompanhando meus sonhos, debruçando-se na janela de meu quarto de menina, como uma pessoa muito curiosa, querendo saber o que eu fazia, mas me mandando sempre, ao mesmo tempo, ternura enorme com o seu perfume tão bom. A caramboleira

das lutas com a rua tinha passado de época; não me interessava agora subir alucinantemente seus galhos para olhar Sinhàzinha que fazia sequilhos e doces para vender e era a melhor das vizinhas, ou provocar garotos, jogando sôbre suas cabeças carambolas verdes. Nunca se comerá carambolas nesta casa, dizia minha mãe; aqui não são frutas, são armas.

Árvores e mais árvores, sempre andaram comigo e me acompanham até hoje. Castanheiras, palmeiras, tanta gente vegetal tomando parte no meu festejar de dias sempre vividos em profundidade.

Sempre gostei, inclusive, de conversar com elas.

— Estás bonita hoje, hem?

— O que há contigo? Triste ou doente? Certas árvores ficam muito tristes sem que possamos saber a razão, principalmente em alguns pôr-de-sóis.

Sofri muito quando cortaram a castanheira de minha rua nesta cidade carioca, tão diferente da rua da casa de meu pai. Sofri, na Europa, vendo-as perder fôlhas e ficarem de braços secos, erguidos para o alto, em desespêro. Por elas sempre odiarei o outono europeu.

Gosto de encontrá-las no meu caminho; na floresta amazônica esmagam-me com sua soberba e seus segredos. Quantas estórias poderiam contar? Algumas tão duras, tão poderosas, que parecem de ferro; delas se extraem madeiras: acapu, acariúba, angelins, cedros, itaúbas; outras tão belas pelas suas côres: muirapinimas, muirapirangas; outras dando perfumes variados: macaca-poranga, casca-preciosa, louro, pau-rosa e tantas, tantas outras.

As palmeiras da Rua 16 de Novembro, de Belém, são alegres; nem parecem — as insensíveis — que ouvem muito o chôro dos presos da cadeia de S. José. As mangueiras, essas são as árvores sempre amadas da cidade. E elas, quanto poderiam contar?

Fui agraciada – para mim condecorada – na cidade da Guanabara com a Ordem da Árvore. Num canudo um diploma declara que sou amiga das árvores e, por isso, considerada Grande Oficial. Um pequenino emblema reafirma o canudo; uma árvore muito verde e muito folhuda lembra a mangueira da casa de meu pai. Até agora vivera sem títulos nem condecorações; mulher do povo sem grandeza, mas vivendo em dignidade.

Por que considerar-me Grande Oficial da Ordem da Árvore? Ninguém deve obter títulos ou prêmios por muito e bem amar. Quando se ama é apenas pela alegria que o amor nos dá; não estamos concorrendo a prêmios, não esperamos condecorações. Apenas e simplesmente, amamos.

Olho no pequenino apartamento onde hoje móro, tão longe de minha infância e da minha mocidade, as plantinhas que me cercam. A bem julgar, não há lugar para elas, mas como viver sem suas presenças? Também estou longe de minha cidade. Cortaram a mangueira, a açuceneira, a caramboleira da casa de meu pai; não mais existe o quintal nem há mais dálias multicores nos jardins; só um dêles foi respeitado. A casa é de outros e há muita gente que pode viver sem poesia. Para que acusar os novos proprietários se nosso quintal virou garagem, se um dos jardins sacrificados abriu espaço para novos cômodos?

Quando senti a necessidade urgente de ter plantas num apartamento tão pequeno, uma de minhas amigas declarou:

– Cuidado; gostar de plantas, sentir necessidade delas é já a velhice.

Sempre acho graça em opiniões assim. Afinal, por que temer a velhice? Nasci, cresci, andei mocinha sempre amando árvores e arbustos. Talvez tenha aprendido a envelhecer cedo e daí o nenhum mêdo à velhice. O meu pé de Guiné está uma beleza: grande, querendo se debruçar na janela. Guiné é planta que chama dinheiro; meu Guiné comportou-se dignamente. Dinheiro não veio, mas com èle, só em vê-lo crescer, veio maior alegria.

– Trouxe-lhe um pé de Guiné, falou Sebastiana, porque êle dá sorte para dinheiro.

Dinheiro só vem com trabalho, eu sei. Mas para que desiludir minha tão prestimosa funcionária? para que discutir as vantagens ou desvantagens do Guiné? O Comigo Ninguém Pode é meu amigo, cresce livremente, afirmando coragem. Só o seu nome é, com certeza, uma lição.

Olhando-os, penso sempre que, como vegetal, eu gostaria de ser eucaliptos: nunca se vê um sòzinho. Sempre em multidão.

Preciso urgentemente saber o nome de tôdas as árvores, de tôdas as plantas. Não fica bem a um Grande Oficial ser tão ignorante da flora brasileira.

5

Já tentei várias vêzes, já pedi muitas outras a amigos diversos, inclusive escritores paraenses, moradores em Belém do Pará, que pesquisem, procurem saber quem foi o Mulato Rico, porque grande, belo, cheio de aventuras deve ter sido o seu viver. O historiador paraense Leandro Tocantins felizmente muito preocupado em ensinar a Amazônia, fala-nos dêle, em seu livro *O Rio Comanda a Vida.* Não chega a dar-nos aquilo que — creio — precisávamos saber. Apresenta o Mulato Rico como "pândego, estróina, gozador da vida", "solicitado nas altas rodas", "mercador de fama", suprindo a "boa sociedade com tôda sorte de objetos e utilidades pessoais".

O levantamento da vida de Mulato Rico é necessário porque ela está intimamente ligada à vida de nossa cidade, naquele momento em que eu nascia, filha da borracha alta, dinheiro correndo, meninos e meninas educados na França ou Inglaterra, cidade ultramovimentada, com hábitos londrinos, vestidos

mandados buscar em Paris, navios de várias nacionalidades entrando e partindo, cearenses chegando e logo seguindo para os seringais em busca de uma vida melhor, inglêses formando companhias e grandes clubes, êles, que mais tarde levariam para a Índia mudas de seringueiras para depois competir conosco, até liquidar-nos no comércio mundial da borracha.

No cenário de tôdas as grandezas, grandes companhias européias vindo exibir-se no Teatro da Paz, aparece a figura de um homem alcunhado Mulato Rico, cujo nome verdadeiro não sei. Ninguém viajava mais do que êle. Quando o julgavam em Belém, estava fazendo estações de água em Vichy ou veraneando na Côte d'Azur. Mas seu xodó mesmo era Paris.

Ouvir os mais velhos paraenses e dêles querer saber quem era e qual o verdadeiro nome de Mulato Rico, foi em vão. Eis uma história, a história de uma vida aventureira que eu gostaria de contar. O máximo que dêle ouvi foi que Mulato Rico teve a glória — digamos também, a coragem — de trazer para a nossa tão formosa cidade, o primeiro automóvel, daqueles que faziam um barulho ensurdecedor, levantavam nuvens pesadas de fumaça e de pó, exigindo dos choferes uma toalete tôda especial: grandes óculos, guarda-pós, botas. Para fazer andar o automóvel, o pobre motorista tinha de virar uma manivela muitas vêzes. Pegava, não pegava, o motor resfolegante, o chofer todo fantasiado empregava mais fôrça, mais fôrça, até que afinal o carro podia partir, dando pinotes.

Pois foi Mulato Rico quem trouxe, para a mui amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, o primeiro automóvel, o primeiro monstro fumegante. Mocinha, vi, num clube de Belém, — o Esporte Clube — hoje desaparecido, um retrato daquele tempo de Mulato Rico ao lado de seu pavoroso veículo.

Não sei até onde vai minha capacidade de lembrar simplesmente, sem colaborar com o raciocínio atual nas recordações do passado. Creio mesmo que hoje, relembrando tipos de minha infância, uso muito mais da imaginação do que da memória, fato aliás, muito comum aos memorialistas. Mas sei

que Mulato Rico era um homem de quem muito gostava o meu eu pequenino. Na minha lembrança èle ficou como um homem alto, sempre muito bem vestido, muito cuidado, rindo muito, mulato com a fôrça que os mulatos irradiam, a grande fôrça de simpatia dos mulatos.

De onde era? Brasileiro com certeza, mas paraense? Mas é impossível esquecê-lo porque, numa de suas vindas da Europa, Mulato Rico trouxe, por encomenda de meu pai, uma enorme boneca que — disso também tenho a certeza — fechava e abria os olhos e dizia papai, mamãe. Não haja espantos. Hoje as bonecas também fazem tudo isso e há até as que andam, mas posso afirmar com segurança, a minha, aquela que Mulato Rico trouxe — creio que da Alemanha — já era uma boneca com todos èsses requisitos humanos. E isso há cinqüenta anos!

Sempre tive horror às bonecas. Por temperamento e formação, desde pequenina, os sères inanimados me irritam. O que é afinal uma boneca?

Dizem que brincando com bonecas, as meninas aprendem a futura maternidade. Não me parece certo: o pior que pode acontecer às mães é pretender tratar e fazer com seus filhos tudo aquilo que fizeram com suas bonecas.

Foi tumultuosamente alegre, sadia, livre a minha infância. Brincava, pulava, vivia com as pernas escalavradas. Jamais desci uma escada sem ser pelo corrimão, jamais afastei uma cadeira para passar. Pulava por cima dela, o que muitas vêzes levava-me a tombos enormes. Subia em árvores, jogava futebol, acompanhava meu irmão mais velho nas suas estripulias.

Não chorava, porque meu avô fizera um mau sonèto dizendo que um soldado não chora. Quando o pranto vinha, vinha com êle a voz de minha mãe repetindo o sonèto, que papai ridicularizava sempre:

— Um soldado não chora.

Nesse momento de minha vida, chegou Mulato Rico trazendo a boneca. Mamãe tentou convencer-me de que é muito próprio às meninas gostar de bonecas. Aquela me enjoava mais do que as outras. Tão bem vestida, tão rica, com um chapéu irritantemente chapéu (sempre odiei também os chapéus) e parada, morta, incapaz de correr pelo quintal, de brincar com os meninos da rua através dos muros. (Brinca-se dentro de casa, no quintal, nos jardins, na rua nunca, dizia meu pai e acrescentava: Para não ver filho meu na rua comprei todo èsse terreno.)

A boneca ficou, inicialmente, sentada no salão de espera, inútil e inofensiva, mas chata. Na outra viagem de Mulato Rico, mamãe, tão conhecedora da filha, encomendou livros de estórias. Ah, como foi bom! Veio Perrault, veio Anderson. E descobriu-se então que o mais traquinas dos soldados, ficava horas e horas vendo gravuras, ouvindo a governante francesa, uma Mademoiselle Plat, alta, magra, rígida, ler as estórias de fadas.

Havia também, na Belém dessa época, uma casa de brinquedo chamada Malakoff. Não sei porque — e isso ainda tenho que apurar — mas creio que Mulato Rico ou era sócio dela ou para ela trabalhava. Pela Malakoff, algum tempo depois, papai mandou buscar na Alemanha duas bicicletas com as quais meu irmão e eu fizemos misérias. Só podíamos usá-las de tarde, na volta do colégio, mas como abusávamos do pôr de sol e do comecinho das noites.

Mulato Rico é um personagem de minha infância, — creio que me acompanhou dos quatro aos oito anos — que preciso estudar. Foi um aventureiro ou apenas um homem sabendo bem viver? Que negócios fazia? Que era antes de obter o apelido com que ficou na minha memória?

Dèle nunca perdoei aquela boneca, coisa tão morta e tão metida a sebo, tão cheia de riquezas e tão ignorante. Lembro que um dia, com um ar no qual procurei imprimir candura, disse à minha mãe:

— Sabes? os olhos da boneca sumiram.

Ela olhou-me com aquela sua doçura sempre tão inteligente:

— Puseste os olhos da boneca para dentro?

Um soldado não chora; havíamos sido promovidos já a sargentos e um sargento não mente. Apenas afirmei com a cabeça. Dias depois a boneca voltava do consêrto com os olhos no lugar. Não repeti a façanha, mas me foi dado um prêmio: poderia escondê-la no fundo do guarda-roupa. Não posso lembrar-me que destino tomou. Esqueci-a na certeza de que não se deve lutar contra sêres indefesos.

6

DEVO, NATURALMENTE, o otimismo e o prazer que sempre encontrei em viver e até em envelhecer, à alegria, enorme alegria, à saúde, grande saúde, à enorme sabedoria de minha mãe, que foram a base de minha infância até os quinze anos, quando ela morreu. Por mais que eu busque nos meus primeiros anos de vida uma dor, uma tristeza, um sofrimento, não os encontro. Alegria, saúde, liberdade e minha mãe, encarregaram-se de afastá-los de mim. Isso sem esquecer, naturalmente, que havia o dinheiro de meu pai. Não é a miséria, a doença, a falta de carinho e de alegria que tornam tão desgraçadas as crianças?

Aos oito anos, um dia, o quadro negro onde a professôra ensinava matemática, começou a tremer. O que era aquilo? Os olhos boiando em água, mas não de chôro porque um soldado não chora.

Por mais que enxugasse aquela água correndo, não via bem o que a professôra ia escrevendo. Dei um grito de angustia. Estaria ficando cega? Corre-corre, médico oculista, conjuntivite.

— Ela precisa usar óculos.

A vaidade não nascera ainda, mas já havia aquèle horror — o mesmo que me acompanha até hoje — de não ser igual a tôda gente. Óculos diferenciam pessoas; gostava tanto de não ser diferente. Essa foi a única tristeza, se bem que sem profundidade.

Depois, os anos correndo, a vaidade crescendo, horror a óculos, *pince-nez* seriam mais simpáticos, horror aos ditos, *lorgnons*, ah, sim, *lorgnons*. E aí a vaidade dando-me sempre o desejo de *lorgnons* de ouro, de prata, de âmbar, de esmalte. Havia muitos dèles, lembro sem saudades. Se alguém perguntar que destino tiveram, poderei responder honestamente: nunca ninguém sabe — e muito menos eu — o destino dos *lorgnons*. Depois a volta aos óculos e a criação de tipos: com êste sinto-me ictiologista, coitados dos peixes, com êste sinto que posso voar, etc.

A dor só veio quando ela morreu. Justo eu acabava de chegar do colégio interno e fizera quinze anos. Dor enorme com a morte da amiga maior, melhor, da companheira tão grande, da mãe tão amada. Sempre que ouço um galo cantar na madrugada, sempre que morre alguém que eu muito preze ou estime, quem morre novamente é ela, tanto está na minha vida até hoje, misturada com a minha velhice, ela que morreu môça, como se eu estivesse vivendo agora para continuar a vida que ela não teve. Diferentes? Não creio. Tão iguais que qualquer ato meu, quando certo, sinto que é dela, quando errado sinto ainda que é dela. Errar e acertar é de todos os sêres humanos e ambas nunca quisemos ser outra coisa. Não

sou espírita, não acredito no Além nem na existência da alma, mas converso com ela:

— Dura vida, mãe.

— Estou muito contente, mamãe.

Dela guardo, nìtidamente, o riso de dentes muito claros, a graça dos gestos de mãos longas e dedos esguios, de sua capacidade de explorar o ridículo alheio. Evitem o ridículo sempre, olhem o ridículo, cuidado para não serem ridículos. E a repetição: Sejam simples. Sejam naturais.

De mim ela recebeu poucas tristezas. Gostaria muito que eu soubesse tocar piano, gostava de música, amaria ficar ouvindo-me brilhar no salão grande do palacete onde um Playel negro e mudo precisava viver. Tentou tudo. Foi impossível o piano. Sentia-me prisioneira do banco prêto, daquele móvel; prisioneira horas e horas de escalas, de notas, de solfejos. Nenhum amor, nenhum interêsse, nenhuma vontade.

— Você escolherá o instrumento que gostará de tocar. Considera o piano uma prisão e por isso odeia-o. Escolha então outro.

O colégio interno, cinco anos de cartas que iam e vinham, visita nas férias, a saudade enorme de seu carinho, a saudade grande de minha cidade, do seu calor, do seu sol, da nossa casa, das ruas, da nossa vida.

Mas gostaria tanto de atender ao seu pedido musical. Tanta coisa a estudar, tanta coisa a aprender, tantos livros para ler, tão bom ler.

Perguntei a uma das minhas colegas qual era o instrumento mais fácil, o menos aprisionante. Nem sei mesmo porque ela me respondeu que era o bandolim. Uma professôra vinha, duas vêzes por semana, ao Internato, ensinar bandolim. Aceitei a idéia, inscrevi-me no curso, papai nadava em ouro, comprei um bandolim espetacular, cheio de fricotes. As aulas

começaram. Sentia-me humilhada, despersonalizada, imbecil mesmo com aquela palheta indo e vindo, tremelicando notas, agarrada naquele instrumento que é bonito numa fantasia de Pierrô, mas nunca numa menina terrìvelmente irrequieta e curiosa pela vida. As aulas continuavam, tripas virando coração, coração virando tripas; vieram aquelas horríveis musiquinhas iniciais; *"La voix du cœur"*, que já fôra tocada — e mal — no piano, gemia agora no bandolim. Tudo valia como sacrifício, porque era para ela.

— Sabes? — dizia-lhe numa carta — não te mandei contar nada para te fazer uma surprêsa. Estou tocando bandolim. Não te digo que seja uma revelação, mas parece que desta vez a coisa vai.

A coisa iria, não fôsse o cheiro tremendo, medonho, que exalava da professôra, cheiro suportável quando ficava parada, insuportável quando levantava os braços, cruel quando agitava seu corpo grande e gordo. O pior era que ela se agitava muito mais do que ficava quieta. Então era um cheiro que até hoje encontro em certas pessoas: um acúmulo de perfumes baratos e variados, sem banho entre um e outro; acúmulo de pó de arroz, crosta grossa de maquilagem jamais desfeita, roupas suadas, suor guardado em armários, cheiro mais de morte do que de vida.

A princípio pensei que era criação minha, explosão de ódio contra o bandolim caindo na pobre professôra. Consultei as colegas. A mais velha e a mais sabida informou:

— As freiras não sabem quem é essa mulher. Uma prostituta velha, hoje regenerada pela idade. O cheiro é disso. Horrível.

Ninguém deve atacar a explicação da mocinha; examinando-a bem, se verá que nela há muita sabedoria. Como poderia eu, cidadã da mais asseada cidade do mundo, cidadã de uma terra onde se toma banho várias vêzes por dia, onde as mulheres mais pobres escondem jasmins nos cabelos e mesmo nas roupas modestas e até remendadas, há sempre o cheiro de pau-de-Angola, patchuli, macaca-poranga? Como poderia eu continuar vivendo, duas vêzes por semana, naquele tremelicar de cordas sob a atuação daquele horrível cheiro?

Outra carta, mandava-lhe dizer: — Desculpa; ninguém te ama como eu, mas lutei, lutei para te dizer que sabia tocar algum instrumento. Fiz tudo o que podia com o bandolim, mas havia, houve uma coisa que tu também não suportarias: a professôra fedia. Podia te dizer que ela cheirava mal, ficaria mais elegante, mais digno de ti, mas para quê, se a palavra é essa: fedia. Cheirar mal não exprimiria, jamais, o que dela exalava. Ah, mamãe, nenhuma música, no mundo, pode ser sentida ou vivida com o fedor da professôra de bandolim.

Nossas cartas eram longas e assíduas. Nunca me faltaram as dela; nunca lhe faltaram as minhas. Quando fui prêsa pela primeira vez em São Paulo — 1932 — a polícia tomou-me tudo o que então possuía (ah, a minha coleção de quadros de Fujita, onde andará ela?) e também as cartas que mamãe escrevia para o Internato, cartas dela e minhas que me acompanhavam como amigas sempre atentas, companheiras das quais parecia impossível a separação. Gostava de relê-las; era uma maneira de revivê-la em gestos, alegria, risos, voz e beleza.

Dias correndo, corpo crescendo, bandolim parado; mais tarde tive a audácia, já mocinha, de volta a Belém, de tocar nas novenas da Igreja de Santana. Tocar não tocaria, mas arranhava. E sempre a vontade de atender aos desejos musicais de minha mãe. Eu bem sabia que aquêle colégio interno era um castigo: a menina andava saliente demais. Um internato é sempre uma lição de disciplina. Depois era preciso que eu tomasse contato com a realidade; não seria justo continuar vivendo sòmente em sonhos.

Num dia de grande e boa intenção, resolvi, nem sei mesmo porque, estudar cítara. No colégio, uma freira ensinava o instrumento muito do uso dos anjos e de alguns santos. Inscrita no curso, cítara comprada, lá comecei eu nova odisséia. Dizer que algum dia aprendi será desonesto; mas confesso

que achava o instrumento de grande beleza: deitado, os dedos da mão esquerda apertando cordas, buscando notas, enquanto a mão direita deslizava sôbre elas. Sentia-me muito anjo, Santa Cecília, sei lá.

"Sabes? resolvi agora. Estou aprendendo a tocar cítara. Não te espantes. Os progressos não são muitos, a coisa é difícil, mas meus respeitos por êsse instrumento são tão profundos que creio, desta vez, encontrei meu caminho na música. Cítara, não te parece? é uma coisa celestial".

Depois, um dia, uma carta contava-me seríssimo acontecimento: nascera-me uma irmã, "nem imaginas como ela é bonita e risonha", "uma alegria enorme encheu esta casa que andava triste com tua ausência. As meninas são muito necessárias e fazem muita falta numa casa".

Pela primeira vez o ciúme tomou conta de mim. Um ciúme violento. Numa família de três irmãos, dois homens, sendo eu a única mulher, ninguém me ganhava em nada; era absoluta e dominadora. Mas aquela irmã, ah, aquela irmã era ela, eu mesma, a minha substituição; sentia-me deposta, perdera todos os mandatos, cassada fôra a minha soberania. Meus quinze anos iam chegar e aquela menina ia tomar para ela tôda a ternura que era só minha.

"Pensei muito; pensei demais e resolvi: quero ser freira. Vou ficar aqui mesmo, vou continuar até o noviciado, a tomada do véu".

Por que fiz isso? Meninice, tolice de menina feliz, egoísmo natural da idade. Tanta bobagem se faz quando adultos, imaginem crianças. Um telegrama chamou-me para o gabinete de Notre Mère. Minha ordem de embarque era imediata, urgente, sem discussões. Nem tempo para dizer nada a não ser adeus ao colégio, às irmãs, tão boas, tão gentis. Jamais esquecerei Mère Alipius, grega de nascimento, contando-nos histórias no recreio da noite: *"Il y avait des grandes corridors, et Sainte Marie était blème"*. Sua voz era baixa e quente. Sentíamos arrepios ouvindo-a narrar.

Voltei. Não era mais a meninazinha que partira, mas uma mocinha já libertada dos vestidos azuis e brancos que me aprisionaram até a morte de minha avó.

Na bagagem, um bandolim todo enfeitado e uma cítara solene. Mamãe um dia quis ouvir-me tocar; depois riu docemente:

— Minha querida, viva sua vida; não pense mais em tocar instrumentos musicais.

Tão bonita minha irmã; tão feliz minha mãe com ela pequenina no colo. Meu amor desdobrou-se. Depois, quando ela morreu, deixando a meninazinha no seu segundo ano de vida, sempre me senti mãe de minha irmã. A mais bonita, a mais inteligente, a mais querida das irmãs. O nosso grande sargento que a morte também levou.

Para que bandolim? Para que cítara?

7

QUALQUER PSICÓLOGO ou psiquiatra é capaz de explicar o que comigo ocorre no terreno das palavras; não os chamarei para ajudar-me neste caso. Prefiro ter guardado em mim, como descobrimento, aquêle momento em que as pequeninas coisas se gravaram em minha memória, marcando uma época: aquêle tempo. O fato acontece com todo mundo e nessas pequeninas descobertas estão, naturalmente, o primeiro encontro com palavras, definições gramaticais, etc.

Posso contar, por exemplo, que quando comecei a aprender gramática, lá estava no compêndio: "homem alto, cinco horas. Alto e cinco (grifados) são adjetivos".

A definição gravou-se de tal modo em minha memória que até hoje não posso fugir ao fato: tôdas as vêzes que alguém, junto a mim, refere-se a outrem dizendo: é um homem alto, logo completo a frase mentalmente: cinco horas, alto e cinco são adjetivos. Algumas vêzes, de molecagem, digo a definição em voz alta e aí, naturalmente, todos me olham com certa piedade. É uma velha mania dos homens rotular de loucos os não rotineiros.

O mesmo ocorre com os polissílabos. Assim explicava meu livro: "liberdade, ortografia, paralelograma, são polissílabos." Por que nada guardei dos monossílabos, dissílabos, trissílabos? Sei lá. Quando muito mais tarde aprendi o sentido de liberdade, sua profundidade como ação social, humana, o que ela representa para um povo, um país, para a vida, eu já estava — digamos assim — viciada com a definição dos polissílabos. O que acontece até hoje. Fala-se junto a mim em liberdade e imediatamente meu raciocínio termina; ortografia e paralelograma, são polissílabos.

Tive, durante alguns anos, um certo namôro com algumas palavras e uma inimizade marcante, profundo rancor a outras. Amante sempre foi, para mim, mesmo antes de conhecer-lhe claramente o significado, uma palavra belíssima. Por que um homem ou uma mulher que se amam não usam a palavra para apresentar um ou outro a conhecidos?

— Esta é minha amante, fulana.

Pensava assim naturalmente antes de conhecer os preconceitos sociais e tôda a hipocrisia dominante na sociedade em que vivemos. Outras jamais usava: pedante, por exemplo. Confesso até hoje horror a certas palavras. Nunca, jamais — e aqui o faço pela primeira vez — escrevi ou pronunciei a palavra óbvio. Quando outros a empregam junto a mim, sinto um certo nojo.

Fico, neste momento de velhice, tanta vida vivida, tanta alegria até hoje dando-me fôrças para viver em paz comigo mesma, com vontade de fazer um levantamento das palavras que jamais escrevi ou pronunciei. Mas para quê?

Muito trabalho teve minha mãe para ensinar-me a pronunciar certas palavras: interpretar, por exemplo. Minha língua enrolava, *rr* eram comidos, saía um som estranho.

— Essa palavra é horrível. Não gosto dela.

Outra que nunca suportei: côdea. Quantas?

Por que até hoje carrego comigo êsse mundo da infância, no qual as palavras deixaram marcas, ficaram gravadas em minha memória?

8

— QUER DIZER QUE VOCÊ não acredita em anjo?

Para que e por que iria eu decepcioná-la? Para que e por que perturbar suas crenças? Ela insistiu, teimosa:

— Você acredita ou não em anjo? Responda, vamos.

Fugi da primeira intimação, da segunda, da terceira, mas conhecia bem D.ª Emerenciana. Assunto por ela levantado era assunto obrigatòriamente discutido, aprovado ou negado, mas explorado até o fim do fim. A pergunta tornava-se insistente, exigindo tomada de posição. Tentei divagar:

— Já vi muitos anjos bonitos, em procissões. Minha avó era muito católica e fazia muitas promessas; promessas para isto e aquilo e como me adorava — fui sua primeira neta — tôdas as suas promessas eram pagas por mim, pequenina e loira. Imagine: — loira. Era engraçada, minha avó. Nunca fêz uma promessa para que ela própria a cumprisse; a vítima era eu. Saí uma vez, no Círio de Nazaré, pagando uma pro-

messa de vovó: vestida de anjo, todo branco, asas enormes, túnica muito clara, tanto quanto as asas, um resplendor equilibrando-se sôbre a cabeça, sandálias como as dos santos. A senhora se lembra de uma casa que existiu em Belém, especialista em asas e adornos para anjos? Sempre quis saber quantas penas de patos eram necessárias para fazer aquelas asas tão grandes. Também me lembro que a tática empregada para o perfeito equilíbrio do resplendor não deu muito certo. Eu, anjo, tive muitas vèzes que segurá-lo para não cair. Mas vovó contava que, com quatro anos, fui um verdadeiro anjo de tão bonita, desfilando pelas ruas da cidade, absolutamente compenetrada de meu papel. Pode crer: ainda que não pareça, também já fui anjo e um anjo muito digno, dizem.

— Mas você não era um anjo de verdade; ou vai me dizer que era? Todos nascem com o pecado original, logo não há anjos. Você morava no céu? Não. Morava aqui na Benjamim Constant. Podia ser anjo morando na terra? Diga. O que lhe pergunto é se você acredita em anjo — veja bem — anjo do céu que mora no céu, anjo mesmo. Pois olhe, eu acredito. Ver mesmo, ver com êstes olhos que a terra fria há de comer, nunca vi nenhum a não ser êsses de que você fala, anjos de procissão, anjos de pastoris, anjos de bobagens. Axi! Eu também, quando era meninazinha, fui anjo do pastoril "Filhas de Flora". Era pequenina e magrinha. Descia do teto amarrada pelos sovacos, mas da platéia ninguém via as cordas. Só de perto. Nos primeiros ensaios tive mêdo de olhar para baixo, chorei, disse que não queria ser anjo. Mas, menina pequenina e magrinha só havia eu e gorda não servia, por causa das cordas. Depois me acostumei; acho que levei umas palmadas de minha mãe que era danada para me dar palmadas. Minha mãe gostava muito de me bater. Dois homens fortes — o Pedro e o seu Joaquim — seguravam a corda atrás do palco e eu ia subindo, subindo, êles iam soltando-a lentamente até que eu ficava bem em cima da mangedoura, onde Jesus — que era um boneco bem grande e lindo, de celulóide, Deus que me perdoe — nascera. Depois eu ficava assim um tempão, até que o pano baixava, o Pedro e seu Joaquim iam soltando a corda até eu chegar no chão. Mas não é dêsses

anjos que eu estou falando, não. Digo do céu, que ser anjo de pastoril para mim era um inferno. Olhe aqui: muitas vêzes você não ouve um barulho: ploc, ploc? Pois é um anjo. Êles vêm quando menos se espera e fazem ploc, ploc. Depois voam novamente, vão embora. Você sabia que anjo voa, mas voa mesmo?

– Nunca ouvi ploc ploc de anjo. Dizem que existem anjos desempregados como certos homens, coitados, que não arranjam emprêgo de jeito nenhum. Êsses anjos vivem por aí vagando sempre e como não têm o que fazer, dizem amém a tudo. Só dizem amém. Por isso é que não se deve desejar coisas ruins. Se alguém diz: sou uma desgraçada, logo um ou vários anjos vadios dizem amém, amém e coitado dêsse alguém.

– Lá vem você com suas bobagens, querendo mudar de assunto. Menina danada pra querer molecar com os outros. Já lhe disse: anjo faz ploc ploc. Nunca ouviu? Duvido. Eu também sei que existem anjos vadios e isso é tão verdade que uma vez dei uma topada bôba, no quintal lá de casa, e gritei pra minha filha: Corre, Mundica, que quebrei a perna. Disse por dizer, doida de raiva e de dor, pois se há coisa que doa é topada. Pois não é que a perna quebrou mesmo? O médico ficou bôbo; disse que não sabe como foi aquilo. Imagine que a topada nem arrancou a unha de meu dedo grande do pé. Foi na certa um anjo vadio que disse amém. Os anjos vadios não são grande coisa, não. Mas não é nada disso. Estou falando de anjos direitos e êsses vigiam muito. Vigiam e viajam. Correm a mandado de Deus para ver a gente, às vêzes quando podem ajudam, mas os anjos não podem ajudar muito, isso é trabalho para os santos. Mas êsses anjos olham e correm para contar tudo a Nosso Senhor. Contam tudo o que viram.

– Anjos espiões, hem?

– Deixe de bobagens. São anjos que abençoam, que vêem se a gente precisa muito de alguma coisa, se está faltando o mais do que necessário para nós. Êsses, quando descem na casa da gente, fazem ploc, ploc. Por exemplo: Você está no seu quarto fazendo qualquer coisa e, de repente, ouve um

ploc, ploc. É o anjo. Preste atenção. É impossível que êles não visitem você nunca. Lá em casa êles vão muito. Até Mundica já ouviu; estava costurando na sala, pensou que era a madeira do armário dando de si. Era o anjo. Hoje ela acredita.

Eu devia estar com uma expressão tão clara de descrença no rosto, devia demonstrar tanta incredulidade nos plocs, plocs de anjos, que D.ª Emerenciana, com aquela dignidade que sempre marcou seus gestos e mesmo seu físico, declarou:

– Menina, a gente deve sempre acreditar em alguma coisa, nem que seja em jacaré.

9

ESTE DESCOBRIMENTO deve ter ocorrido entre os sete e os nove anos, idade em que certas coisas da vida surgem inesperadamente, de começo em nebulosas, mas querendo, com urgência, definir-se. Aos dez anos foi a vinda para o colégio interno e o fato deu-se pouco antes. O colégio interno, única forma encontrada para fazer com que a menina comprida, mas muito menina, deixasse de lado a preocupação de parecer adulta, querendo começar a mocidade tão antes do tempo; era preciso fazê-la pisar terra firme e não viver no mundo dos sonhos; aquele excesso de mimos e de ternura poderia prejudicar seu futuro. A disciplina...

A passagem pela rua, aquela rua, não era obrigatória. Os bondes, limpos, elegantes, dois lugares de cada lado e um pequeno corredor ao centro, bondes inglêses da Pará Electric, que aos domingos tinham a elegância de aparecer com seus

bancos vestidos de branco, os próprios bondes não passavam ali, davam voltas, como se até êles evitassem o encontro com aquela rua.

Passei por ela, ràpidamente, de automóvel, mas não tão rápido que não desse para ver e espantar-me: nas janelas, mulheres muito pintadas, seios à mostra, rindo alto, dizendo palavras que não entendi. Nunca vira uma rua assim, movimentadíssima, homens indo e vindo e aquelas mulheres — na maioria me pareceram gordas — exibindo-se quase nuas.

Quando cheguei em casa, contei à mamãe meu espanto e descobrimento, já que jamais lhe escondi — e como poderia fazê-lo? — qualquer ação ou pensamento.

Estava na idade de tôdas as perguntas: por que estariam assim tão nuas aquelas mulheres? Rir muito alto você não disse que é falta de educação? Quem eram elas? Por que estavam tão decotadas como se fôssem para um baile? (os bailes eram, naquele momento, uma preocupação constante em minha vida.)

— Excesso de imaginação, falou mamãe. Ninguém vai a baile de manhã e aquelas mulheres são como outras quaisquer.

A explicação não me agradou; achei-a simples demais para fato tão alarmante. Aliás, até hoje, certas definições simplistas não me convencem.

— Não pode ser, mamãe. Aquelas mulheres são diferentes.

Como tenho agradecido sempre, pela vida afora, a maneira com que minha mãe preparou, na menina, a mulher que sou. Com que habilidade cortou minhas arestas, com que inteligência me levou sempre a conversar com ela sôbre todos os problemas da vida, jamais permitindo que êles me amarrassem em dúvidas ou mistérios, mas, pelo contrário, abrindo caminhos, ensinando-me que há idades para julgamentos e análises e que o bom da vida é viver a idade que se tem.

Mamãe falou-me longamente em mulheres desgraçadas, muitas infelizes, mulheres que não têm um marido, mas vários, falou, falou e de tudo me ficou, como sempre, a certeza de que tinha razão:

— Ainda é muito cedo para compreenderes certas coisas. És uma menina; o que te adianta agora saber da vida daque-

las mulheres se não entenderias nada do que eu te explicasse? Vive a tua vida de menina e a vida de todos nós que te amamos; vive a vida dos teus amigos, das meninas como tu. Já te disse que há problemas que só se compreendem com o tempo, a idade avançando. Tem paciência, espera um pouco. Vai chegar a tua hora de entenderes tudo.

A vida era demasiadamente bela; joelhos escalavrados contavam peraltices; a açuceneira debruçando-se na janela do quarto era uma esperança; tão bom rir, pular, brincar, dançar, correr de bicicleta, de patins, jogar futebol. O guarda-roupa cheio de vestidos azuis e brancos (aquela horrível promessa de vovó que me aprisionou tantos anos nessas duas côres, enquanto tôdas as meninas vestiam-se de verdes, vermelhos, amarelos). Por que iria eu perder tempo com aquelas mulheres? O dia era curto demais para tanta alegria, para uma sucessão intensa de acontecimentos agradáveis.

Havia principalmente a biblioteca de mamãe e fôra-me dado o direito de ler todos os livros que quisesse. Todos, mamãe? Todos, meu bem. Mas mamãe, tia Emilinha proibiu Acelina de ler *A Carne* de Júlio Ribeiro. Disse que é imoral. Acelina está lendo escondido. É imoral? diga. Não é não; apenas nem você nem Acelina poderão gostar de um livro que fala de coisas que vocês não entendem. Gosta-se de um livro quando se entende o que êle diz. Se você quiser, posso ensinar-lhe a ler os livros de que você vai gostar. Quer? Naturalmente eu quis. Só depois de quinze anos é que li *A Carne* de Júlio Ribeiro. Mamãe tinha razão: aos nove anos aquêle livro não me diria nada, nem de bom nem de mau. Aliás, Acelina cansou-se dêle imediatamente. Achou-o chatíssimo.

Depois, muito depois, um dia, tomei conhecimento do que representava aquela rua na vida da minha cidade. Foi então que ouvi sua história.

Rua larga, gorda, com um botequim mantendo importantíssimo papel: fronteira, linha divisória tão marcada que eram desnecessários os agentes ou guardas armados de tôdas as fronteiras. O botequim bastava, como sentinela vigilante dos limites.

Aquela rua estava dividida em dois quarteirões e entre os dois, o botequim. No de cima, as casas eram iguais: mesmo tamanho, janelas parecidas, mesmas luzes de côr e até semelhantes os cromos das paredes, as folhinhas com mulheres nuas, alguns santos amarelecidos em molduras que as môscas pintavam de prêto. Dormia com o dia e acordava com as noites, quando as janelas se abriam para a ostentação de carnes, corpos — braços, pernas, seios, olhos fatigados, caras pintadas de nôvo ou de véspera, carnes flácidas, macilentas, exaustas.

Nenhuma criança no quarteirão de cima, elas que são tão boas para movimentar ruas, agitando-as alegremente em correrias, com partidas de futebol ou o empinar de papagaios de papel de sêda, ou, em noites de lua, com canções de roda, a senhora D.ª Sancha sempre coberta de ouro e prata, o carneirinho às vêzes carneirão, a linda roseira que dá flor na primavera, tôda a ingenuidade do mundo desafinadamente cantada em voz alta.

O quarteirão de baixo não usava uma placa indicadora, mas todos já sabiam que a vida da rua mudava antes do botequim. Devia usar um rótulo: "Êste quarteirão é de família". Gente humilde que, muitas vêzes, deve ter fornecido material para o quarteirão de cima. Ali, sim, havia crianças e bem que se ouviam seus ruídos e seus risos, não entendendo porque lhes era proibido o outro quarteirão. Como seria bom correr pela rua tôda, aproveitar o vento da tarde para soltar papagaios, trançá-los, cortá-los com um bom cerol.

As mulheres do quarteirão de cima e as do quarteirão de baixo mantinham uma guerra surda e implacável. Os visitantes do primeiro, jamais passavam do botequim; os homens do segundo eram proibidos de subir a rua, obrigados a tomar o bonde para o trabalho às vêzes mais longe do que o necessário. As mulheres do quarteirão de cima cuspiam de lado

falando nas vizinhas; as mulheres do quarteirão de baixo tinham nojo e chamavam indecentes as do quarteirão de cima.

Agora eu compreendia; eu sabia. Mamãe tivera, como sempre, razão. Como poderia eu ter entendido na época da descoberta da rua, no momento do primeiro encontro, a desgraçada vida daquelas mulheres, suas blusas tão decotadas, seus olhos tão cansados, suas bôcas tão pintadas?

Aquela rua chamava-se Padre Prudêncio na minha tão amada Belém do Grão-Pará. Anos depois um chefe de polícia resolveu "moralizá-la". Jogou as mulheres sem destino certo, para fora. Como se fôsse possível terminar um problema social com medidas policiais. Os dois quarteirões desapareceram. A rua tornou-se uma só para a grande alegria das crianças, que tiveram então o direito de possuí-la totalmente.

As mulheres do quarteirão de cima continuaram a mesma vida em outras ruas, em tôdas, creio.

Mamãe tinha razão: são mulheres como outras quaisquer, apenas demasiadamente desgraçadas.

10

Era um menino magrinho, com dois olhos claros muito luminosos, longos cílios, bôca sempre risonha, um corpo ágil e irrequieto, mas tão baixinho que dava pena. Falta de esportes não seria, pois êle os praticava até exageradamente, sobretudo o futebol, a pelada no fundo do quintal, saltos mortais, cambalhotas, procurando imitar, principalmente, os acrobatas de circo, num momento em que, nenhum circo, por pior que fôsse, passando por Belém, instalando-se em qualquer ponto da cidade, deixava de ter o nosso comparecimento fiel e assíduo.

Talvez lhe faltasse sòmente a ternura materna, já que ela partira cedo demais, deixando-o pequenino. Médicos ouvidos não encontravam a razão daquela falta de crescimento. Numa família de gente alta ou de estatura comum, era estranho o seu tamanho, ainda mais acentuado porque um dia, aos onze anos, resolveu — era impossível arredá-lo de suas resoluções — que não mais usaria calças curtas e proclamou a vontade

de ter chapéus, dêsses chapéus, tu sabes, não me venham com bonés de marinheiros escrito Minas Gerais, chapéus de gente. Depois foi a luta contra os sapatos, não quero êsses que são de criança, já sou um homem. Cruzava as perninhas curtas e parecia desafiar-nos com sua estatura tão pequena. Já aos cinco anos, interrogado o que desejaria ser quando crescesse, afirmou prontamente: boêmio. Boêmio? Sim, dormir tarde, acabar com êsse negócio de só sair acompanhado, suportar governantas.

— Vou ser boêmio, passar as noites sentado nas mesas do Grande Hotel, tomando sorvete de açaí.

Gostava tanto da palavra boêmio como de açaí; durante muitos anos só o chamávamos assim: Boêmio. Êle aceitava o título, atendia como se estivéssemos chamando seu próprio nome.

Foi na mesa, na hora do jantar, que êle comunicou-nos sua estréia como extrema esquerda do time infantil do Paramount, um clube elegante de nossa cidade, no qual brilhava entre os adultos o irmão mais velho, e eu era, orgulhosamente, a madrinha. Logo houve um interêsse geral. Todos queriam saber se estava em condições, se jogava bem, qual era o time, e o mais velho, com a sua mania de dar conselhos — felizmente jamais cumpridos pelos demais — falou longamente sôbre os deveres de um atleta, de um bom jogador de futebol, preveniu-lhe, inclusive, um futuro brilhante se fizesse isto e aquilo.

Êle sorria, quase se ufanando de um remoto futuro, enquanto a irmãzinha menor, tão e tão bonita, olhava nos seus olhos, sua companheira de idade que adorava especialmente aquêle menino esquecido de crescer, enquanto ela avançava em altura e em beleza. Amanhã assistirei ao treino, falou o mais velho. Nessa noite, nesse jantar, a conversa foi tôda dedicada às futuras glórias do pequenino. Nosso Boêmio ia desaparecer com o seu título.

A estréia foi num domingo: campo cheio, as famílias dos jogadores-mirins compareceram em pêso, levando amigos e conhecidos. O telefone funcionou a semana inteira, não deixes de assistir, imagina que meu irmão vai ser o goleiro, outra contava de outro irmão em outra posição e assim a assistência era enorme. Mas chovia. Belém amanhecera tôda molhada e a chuva que caía era aquela chamada de mulher: fina, persistente, molhando até os ossos, chuvinha que não pára nunca mais. Em linguagem popular e atual devemos chamá-la pelo seu verdadeiro nome: chuva chata.

Sentáramos os três irmãos juntos, quase de mãos dadas, para assistir à glória do quarto. Apenas quatro, mas um profundo amor ligando-nos, dores de um dores de todos, alegria de um alegria de todos. O jôgo começou e logo nosso Boêmio começou mal. Atrapalhava-se com a bola, deixava que ela fugisse dos seus pés, pareciam dois desconhecidos ou dois inimigos odiando-se, com mêdo de um encontro que poderia ser fatal para os dois. No primeiro tempo, Boêmio tentou tudo; suas perninhas finas não agüentavam tanto esfôrço para brilhar, caía a todo momento; o segundo tempo foi um desastre total. O menor do time, o mais magrinho, o mais inativo, correr não corria, deixara todo o seu fôlego, onde? os companheiros gritavam, gritava a torcida, e êle incapaz, mole. Êste menino está doente, gritei. Doente nada, gritou também o mais velho e saiu da arquibancada lançando-me no rosto:

— Vou embora; não quero mais assistir a tanta vergonha. Teu irmão é um banana, teu irmão não vale nada. Teu irmão é indigno do nome de nosso pai.

Abrira mão de seu lado na irmandade; agora o irmão era só meu, um pobre irmão desengonçado, pequenino, magrinho, todo enlameado, as chuteiras parecendo enormes nos seus pés, as meias caindo pelas pernas abaixo, molhado como um pinto. E com isso, nós, o nosso clube, perdera o jôgo.

Saímos cabisbaixos. O mais velho desaparecera. Esperei o meu irmão, trouxe-o para casa, olhos vermelhos, chorar não chorara, mas sofrera muito a sua derrota. Depois, a chuva. Não falamos no jôgo, não trocamos uma palavra sôbre suas

possibilidades perdidas. Eu tinha apenas uma certeza: o jantar dêsse dia ia ser cruel.
— Hoje não jantarei em casa, falou o homem. Não quero sequer ver a cara dêsse imbecil que fêz o Paramount perder, que se comportou como um vilão.
Saiu enquanto o "vilão" começava a querer reagir e suas reações eram tremendas, eu sabia. Desconversamos, o jantar correu sereno, nem de longe se falou em futebol ou bola. Mas a vida, durante uma semana ou mais, foi marcada pelo papelão do nosso menino.

Meses passando; algumas vêzes o assunto voltava, mas já perdera o calor dos primeiros momentos. Fato tornando-se cada vez mais longínquo. Que andaria agora fazendo nosso Boêmio, além do ginásio, de suas travessuras, de sua preocupação de envelhecer antes do tempo? Era um menino tão alegre, tão bonito, mas tão pequenino, mesmo com a idade avançando. Jamais seria escalado para o time juvenil do Paramount; nunca mais falara em futebol, até que me chamou para comunicar: amanhã tomo parte no campeonato de natação infantil. Cem metros. Queria que assistisses; há navios especiais que ficarão ao largo ou, se preferires, vais para o palanque dos convidados especiais.
O mais velho era notívago, coisa aliás muito comum aos quatro. Adoramos a noite; ninguém se comove mais do que nós em assistir o nascimento de um nôvo dia. Chegando à hora que chegasse, mas sempre madrugada alta, êle batia de leve na porta de meu quarto, atendia-o pressurosa e conversávamos então longa, demoradamente, troca de idéias, planos de futuro, confidências amorosas. Naquela hora éramos realmente irmãos. Assuntos diversos iam e vinham, eu aceitando tudo, êle sempre reprovando o que era meu, louvando o que era seu; mesmo os erros. Desde o dia em que o menino fizera o papelão futebolístico, era chamado o "teu" irmão. Contei a êle que o meu irmão, no dia seguinte, ia disputar o campeo-

nato de natação. Riu alto; êle, aquêle moleirão? Êsse teu irmão não é de nada, nadíssima, uma porcaria. Mas que tal se fôssemos todos assistir à disputa? Eu? para vê-lo fazer um papelão? Vai tu que és uma bôba, vives amando êsse pedacinho de gente que nem crescer sabe. Vai tu e te prepara para ouvir vaias, porque êle, sabes, não quero nada com êle. É um errado.

Na manhã de domingo, Belém em festa estava tôda na amurada do cais, navios cheios de bandeirolas ao largo, a baía do Guajará parda e serena, raias marcadas, o palanque dos convidados especiais e nêle, a meninazinha e eu, sem dizermos nada, com um bruto mêdo do que iria acontecer, mas confiantes, apesar de tudo. Quem sabe? Futebol, êle não jogava, mas que sabíamos nós dos seus conhecimentos de natação?
Quando foi dado o sinal e aquêle grupo de meninos saiu em largas braçadas rompendo o mar, eu estava gelada. Não por êle, nem por mim, mas pelo mais velho que ficara em casa dormindo, jurando que não iria, de jeito nenhum, ver a vergonha de teu irmão.
Olhava sua cabecinha querida enquanto um grande sol parecia iluminar ainda mais seus olhos que eu não via, mas sentia. Como deviam estar brilhando. Falei baixinho à irmã: — Vamos torcer. E ela acrescentou: — E com fôrça. Torcemos, gritávamos o seu nome em vários tons e êle ia avançando sempre, avançando tanto e com tanta rapidez que, quando chegou à meta final, muito longe, os competidores eram apenas pontas de alfinêtes. Agora não éramos apenas nós duas que gritávamos; era todo mundo que chamava pelo seu nome, nome que foi também o de nosso pai.
Não somos de chorar, mas a irmãzinha agarrava-se a mim, beijava-me numa alegria sem limites, igual à minha, identificadas pela sua vitória como tínhamos sido iguais na sua derrota.

Quando saíamos do palanque, cumprimentadas por amigos e conhecidos, vimos chegar, correndo pelo cais, numa alegria doida, jogando braços, jogando cabelos negríssimos — que fizeste dêles, irmão hoje careca? — rindo enormes risos, o mais velho. Ficara em casa dormindo? Pois, sim. Viera também, escondido, covardemente escondido ficara atrás de um trecho do paredão, bem longe de tudo e de todos, mas sem querer perder aquela parada que era do meninozinho, mas também nossa.

Caímos nos braços um do outro, enquanto êle gritava: Viste? nosso irmão estêve fabuloso; é fabuloso o pequenino. Como nada, como tem fôlego. É sublime.

Estava em paz novamente a família. Agora o teu irmão voltara a ser nosso irmão. Estávamos juntos os quatro, quando êle recebeu a medalha de campeão de cem metros para infantis, em nado livre. Nunca mais perdeu nenhuma competição. Êle e o mar se identificaram; amam-se profundamente.

O almôço naquele domingo foi mais do que festivo. Menino, como conseguiste isso? Nadas desde quando? Por que guardaste segrêdo? O menino contava tudo simplesmente, sabia que ia ganhar, gostava de nadar, isto, aquilo. Começava a ser consciente.

Foi o mar que fêz do menino o homenzarrão que êle hoje é: grande, forte, um homem. E é nesse homem que eu gosto de me ver hoje, tão amado êle é meu, tão grande amor sempre nos uniu, em sentimento, em ternura. O teu irmão, o nosso irmão que nunca deixou de ser, em atitudes, em ações, em dignidade, em caráter, em bravura, o meu irmão.

Teve a sua etapa de intensa boêmia. Foi o sonhado Boêmio desejado na infância. Depois do mar, apaixonou-se pela terra: gosta de cultivá-la, adora plantar e colhêr, ama apaixonadamente tudo que vem da terra. Quando é preciso declarar sua profissão, escreve: lavrador.

Que importam separações, mares, distâncias, se continuamos, êle e eu como no passado, sabendo tanto um do outro que não necessitamos cartas, um telegrama vem pedindo: diz que estás bem, outro vai exigindo: preciso notícias tuas, telegramas indo e vindo sempre em ternura.

Éramos quatro irmãos. Uma a morte levou, se é que a morte leva alguém. O outro é hoje, apenas, um raro irmão. Nós dois, com idades tão diferentes, continuamos como no passado. Para nós o caminho da vida é um só, a estrada é a mesma e nela, unindo-nos, uma compreensão, um companheirismo que não tem fim.

Meu irmão mais môço guardou, como meu pai, o mais entranhado amor pela nossa terra, pelo nosso rio. Não abandona jamais a nossa cidade. Considera impossível viver longe dela; jovem, tentou morar no Rio; pensou que seria bom viver em Fortaleza; partiu para a Europa, quem sabe por lá ficaria? Na volta explicou:

— Impossível. Só há mesmo em mim Belém do Pará ou o Pará inteiro.

Como meu pai, conhece a Amazônia e dela conta histórias maravilhosas que vou colecionando. Tinha vontade de contá-las tôdas, um dia. Quando converso com êle sinto desejos de ficar na terra, de ir conhecer tudo o que êle descreve, vendo com os olhos, sentindo com os sentimentos.

— Um dia precisavas visitar o mais belo e o mais estranho igarapé. Chama-se Joana Angélica e fica na contracosta de Marajó, perto do rio das Tartarugas. Quando se entra no igarapé é espantoso o trescalante cheiro de baunilha. Chega a impressionar. Contam os caboclos que naquele igarapé morava uma cunhã chamada Joana Angélica, cheirosa, limpa, boa, acolhedora, simples. Como a terra. Joana Angélica morreu, mas para que ninguém a esqueça, deixou no lugar onde morava, nas margens do igarapé, o cheiro de seu corpo, seu corpo que rescendia a baunilha.

— Há muita baunilha na região?

— Naturalmente. Mas o caboclo diz que o cheiro é do corpo dela.

Parece que papai está novamente contando histórias.

11

O RAPAZ, nosso colega de Faculdade, acabara de morrer. Foi um choque para a turma.

— Ora, vejam só: o Renato morreu.

— De quê?

É sempre necessário sabermos qual o tipo de morte que levou um amigo, um conhecido, um colega. Parece até que, para melhor sentirmos a morte de alguém, precisamos tomar conhecimento do atestado de óbito. A morte, na realidade, só é aceita quando apresenta razões: doenças, acidentes, assassinatos e — vá lá — suicídio.

Renato morrera. Estava doente, mas a família não avisara ninguém, esperava sua cura rápida, o médico prometera, tudo indicava ser um caso banal, passageiro. Agora chegava a comunicação de sua definitiva partida.

Éramos jovens e alegres: vivíamos usando e abusando de todos os prazeres de nossa cidade. Alguns estudavam muito, muita cupidez em saber; outros não acreditavam em

estudos, contando com os primeiros para os exames. Como sempre acontece, em tôdas as partes. Para certas pessoas como eu, os estudos — aquêles — valiam pouco; a grande preocupação era a literatura, os primeiros escritos bobinhos aparecendo nas revistas locais, *A Semana* e a *Guajarina*. Mas o que nos irmanava eram os bailes. Não perdíamos uma festa; nada que fôsse alegre escapava à nossa delirante alegria.

Tão ocupados andávamos em ser moços, que nem sentimos a falta de Renato. E agora êle morria, justamente no mês de junho, com tantos bailes juninos, um pastoril em cada bairro, vários assustados marcados. Nós iríamos, com certeza, mas Renato, coitado, ia perder tolamente todos êsses prazeres.

Logo que a notícia chegou, organizamos uma comissão de alunos para representar o corpo discente — o mais moleque dos corpos discentes que aquela Faculdade jamais abrigou — ao entêrro de Renato.

Mais velho do que nós, êle começara cedo a trabalhar, menino pobre crescendo em dificuldades. Quando obteve o diploma de dentista, já exercia a profissão num subúrbio. Nem só na idade diferia de nós; era mais atrasado, mais simples, acompanhando-nos em silêncio. Nunca pusemos entre Renato e a nossa turbulência, nenhuma diferença. Sua idade e sua maneira de ser e sentir, não perturbava nossa camaradagem de meninos grandes diante do adulto.

Aqui devo dar uma explicação rápida. Que fazia eu cursando uma Faculdade de Odontologia? Como chegara à vontade de ser dentista? A história é longa. A explicação será curta: quinze anos de idade, mamãe morrera, entrara em desentendimentos sérios com papai, requeri maioridade ao Juiz. Indeferida. Um diploma qualquer me daria direito à maioridade. Odontologia, três anos com certas matérias muito agradáveis ao meu espírito: anatomia, fisiologia, higiene.

Basta a explicação: a história não contarei. Para quê?

Lá fomos em comissão, três ou quatro, não lembro mais, levar pêsames, sentidos pêsames, à família de Renato. Nenhuma novidade no entêrro. Uma casinha simples, pobre, muito limpa, dentro de um terreno que aqui era jardim e ostentava rosas e jasmins; ali era uma horta, nasciam couves e tomates.

Renato também não apresentava nenhuma novidade como cadáver. Morto igual a todos os mortos: o caixão prêto no meio da sala, quatro velas acesas, enormes castiçais fingindo prata, aquêle cheiro tão peculiar aos mortos, mistura de flôres, carne sem vida, água de colônia jogada no corpo para evitar mau cheiro, lenços molhados de lágrimas, espermacete, no rosto aquêle horrível lenço que é a tôda hora levantado pelos visitantes mòrbidamente desejosos de ver como ficou a cara, as feições do morto. Chegamos perto de Renato em silêncio. Trazíamos da rua uma inabalável resolução: nada de brincadeiras, nada de molecagens, devíamos comportar-nos com dignidade, discrição, correção, mostrando que estimávamos realmente o colega morto, que lamentávamos profundamente sua morte.

Todos em volta do caixão; súbito, da bôca, da laringe, da garganta de Joaquim — a quem apelidáramos o Fitinhas, tanto era namorador — um gemido meio grito, qualquer coisa entre voz de homem e grunido de cão:

— Meu *smoking!* meu *smoking!*

Duro, rijo, guardando aquela sua fisionomia de sofrimento, a mesma que usara na vida, mãos cruzadas sôbre o peito, lívido rosto, lívidas mãos, Renato enterrava-se, elegantemente de *smoking*.

Combináramos tanto o comportamento a ser usado e vinha Fitinhas esbandalhar tudo. Uma bruta vontade de rir tomou conta de mim, enquanto Joaquim gemia desesperadamente. A família, chorando seu morto, só sentia e compreendia a dor. Os outros colegas da comissão não tinham atingido ainda a causa dos gemidos do dono do *smoking* e a de meu contido riso, olhavam espantados para o morto a quem Fitinhas insultava baixinho, exigindo a devolução de sua roupa e, para mim, loucos para tomar parte no meu riso.

Arrastamos o amigo de junto do caixão. Trouxemo-lo para fora da casa, para o terreno cheio de latas de tinhorão. Êle falava sem parar:

— Não. Isso não se faz. Renato pediu emprestado meu *smoking* para uma festa a rigor no Esporte Clube. A princípio neguei; só uma vez vestira a roupa. Mas Renato insistiu tanto, tanto, não podia faltar àquela festa, falava em felicidade está em jôgo, prometeu que me devolveria no dia seguinte, prometeu que tomaria com êle o maior cuidado, falou tanto que acabei cedendo. Vocês sabem, nós éramos muito amigos. E agora lá vai o meu *smoking* para baixo da terra ser comido pelos vermes quando eu nem aproveitei dêle. Não pode ser. Isso não se faz. Como poderei ir às festas a rigor? Como irei colar grau? Não tenho dinheiro para fazer agora outro, que *smoking* é caro. De primeira qualidade, para os vermes.

E chorava. De longe, a família, também chorando, olhava Fitinhas, pensando que suas lágrimas eram de amizade, saudade, dor.

— Êles sempre foram tão amigos. É natural que Fitinhas sofra muito com a morte de Renato.

Expliquei aos colegas que ia desfalcar a comissão; não me seria possível ficar. Saí correndo da casa, não vi o entêrro, não posso contar mais nada sôbre a morte de Renato. Bem dizia D.ª Emerenciana: os que ficam vivos é que sofrem. Fitinhas suspirava durante muito tempo e se lamentava:

— Nôvo, novinho em fôlha, fazenda de primeira. Só usei uma vez. E acabou em baixo da terra para regalo dos vermes. Digam: havia necessidade de Renato ser enterrado a rigor? Para que, se êle não ia a nenhuma festa?

Numa de suas constantes lamúrias, chegou certa vez a afirmar:

— Gostava muito de Renato, mas para mim, palavra de honra, para mim, naquele dia, quem morreu foi o meu *smoking*.

12

GRAVOU-SE DE TAL MANEIRA, em minha memória, a história que ora vou contar, que é impossível retirá-la de um livro como êste, de recordações. Quem ma contou, não lembro mais; como consegui não esquecê-la é fato compreensível pelos seus personagens e, principalmente, pelo sofrimento de um dêles, necessitando da dor alheia para diminuir a sua.

O fato é real. Quem sabe não é uma das muitas histórias que D.ª Emerenciana gostava de me contar?

Era um homem sem idade, atarracado, balofo, prisioneiro de uma cadeira de rodas. Nascera assim, inválido, e inválido continuava: na família pobre, como seria possível consultar médicos, comprar remédios, saber se seria possível dar vida àquelas pernas esquecidas da tarefa de andar?

Durante a semana, era um trambôlho na casinha modesta da irmã. Tão limpa aquela casa do Umarizal, igual às outras

casas do bairro, porta e janela, caiadas, teto de telha vã, mas sempre com duas ou três begônias no terreno pequenino, uma corda entre duas estacas para secagem das roupas. As sábados era o lavar da casa, hábito tão paraense hoje só dos lares pobres, esfregar de sabão até que as tábuas do assoalho fiquem bem claras.

A limpeza não chegava a Sebastião; desde que lhe morrera a mãe ficara assim, sem ter quem o lavasse diàriamente, sem nenhum carinho, recebendo apenas pratos de comida e comendo conseguia manter sua vida inútil, triste. Era difícil, agora, andar com sua cadeira de um lado para o outro, conversar com a irmã, brincar ou ver brincar os sobrinhos. Uma das rodas estava emperrada, não obedecia mais ao comando de Sebastião, e todos naquela casa tinham tanto o que fazer, eram tão ocupados que não podiam perder tempo com êle, um traste.

Mas havia um dia de alegria naquela vida de homem tão só. Era o domingo. Nesse dia, duas primas solteironas, sobrinhas da mãe morta, visitavam-no. Chegavam logo depois do almôço. Que alegria! Davam-lhe banho, mudavam sua roupa, ajudavam-no a barbear-se, enchiam seu corpo de talco e levavam a cadeira para a frente da casa. Ali conversavam até o anoitecer.

Êle queria saber de tudo; não conhecia a cidade, quase nada sabia da vida lá fora, nem dos hábitos dos seus habitantes, mas as primas encarregavam-se de apresentar narrativas, homens, mulheres, paisagens, fatos.

— Sabes, a D.ª Mariquinhas? Aquela que se casou e te contamos o casamento?

— A da Avenida Nazaré?

— Não, bôbo, a outra, da Pedreira, que casou com um prático da barra.

Era natural. Muitas vêzes, Sebastião tendo tomado conhecimento com um personagem através de seu nome ou apelido, confundia-o com outro, pelo que as primas, prestimosamente, colocavam cada um dêles, para melhor compreensão do doente, em bairros. Havia uma D.ª Mariquinhas na Avenida Nazaré, bairro de ricos, e outra na Pedreira, bairro operário. A localização dos personagens ajudava muito a imaginação do paralítico.

Sebastião agitava-se. Nunca fôra à Pedreira, nunca vira D.ª Mariquinhas, nem a do bairro proletário nem a outra da tão elegante Avenida Nazaré. Perguntava aflito:

— Que houve com ela?

— Fugiu, rapaz. Imagina só: fugiu com um estivador. O marido foi levar um navio fora da barra e quando voltou encontrou a casa vazia; quase enlouqueceu. Foi uma tragédia. Êle jura que vai matar os dois, quando encontrá-los.

Enorme gargalhada sacudia todo o corpo de Sebastião:

— Essas primas sabem de cada uma...

As primas tinham a sabedoria de levar para o prisioneiro da cadeira de rodas, no subúrbio do Umarizal, notícias tremendas. Mortes por acidentes pavorosos, crimes medonhos, adultérios cheios de sangue, sucídios arrepiantes. Leitoras assíduas dos jornais, nenhum crime passional, nenhuma notícia apavorante lhes escapava já que, conhecedoras do primo, consideravam-se na obrigação de diverti-lo. Coitado, tão abandonado.

— O menino de D.ª Carmem, sabes, aquela môça do Reduto, casada com seu Antônio, padeiro, foi correr atrás de um papagaio. Um bonde em disparada pegou o menino e cortou-lhe as pernas em duas.

Sebastião ria, ria, sacudindo o corpo. Sua cara larga que passava seis dias sem iluminação, enchia-se de estranha luz, aos domingos. Tornava-se alegre e ria. Queria saber mais, contem, contem, e no final de tôdas as histórias, entre gargalhadas e baforadas de um mata-rato — também dádiva das primas — olhos nadando em felicidade, Sebastião gritava para o mundo:

— Ó mundo danado! o que vale é que a gente se diverte com as primas!

Na ruazinha quieta, chegando a tarde, os vizinhos também vinham trazendo cadeiras para as portas de suas casas. A noite descia, encontrando os moradores de porta e janela tomando fresco. Na calma do bairro pobre, o riso forte e a voz alegre de Sebastião quebrava a monotonia.

— O que vale é que a gente se diverte com as primas.

Nunca os vizinhos conseguiram saber que espécie de divertimento era aquêle.

13

FOI NUMA MESA DE BAR que ouvi esta história. Incluo-a neste livro de memórias e recordações porque a considero filha legítima de minha cidade, tão representativa dos hábitos e costumes de minha gente, que jamais a esqueci. Para ser verdadeira, devo dizer que, enquanto o narrador ia contando-a, um terceiro parceiro olhava para mim, arregaladamente, como a pedir que eu não a escrevesse jamais. Fingi que não via e não entendia seu apêlo.

Estávamos em Belém, o sol do meio-dia claro e quente envolvendo casas, pessoas, automóveis, calçadas, na avenida hoje chamada Presidente Vargas, tão diferente daquela então 15 da Agôsto. Lá estava eu, mais uma vez, como sempre, para matar saudades, ou melhor, fazer aquilo que os pajés amazônicos chamam — quando vão a Santarém — buscar fôrça do fundo. Que outra coisa é o reacender do amor?

Deixei a história andar, o episódio deslizou, enfeitou-se, caminhou, e só depois, quando o amigo calou, eu disse ao terceiro componente da mesa:

— Já sei. Um de nós dois tem de escrever essa história. É tua.

Hoje, passados meses e meses, quase na certeza de que êle daria melhor tratamento à narrativa do que eu, sinto vontade de contá-la. Nunca roubei nada; nunca invejei ninguém. Seja aqui constatado meu primeiro roubo: esta história. Minha primeira inveja: a do parceiro que deveria contá-la.

Há muitos anos existe em Belém uma pensão de mulheres que é de todos conhecida, inclusive das famílias que contra ela jamais se rebelaram, na certeza de que é lá que os meninos se fazem homens. Fingem ignorá-la. Naturalmente ninguém pensará que na minha tão bela e que já foi tão rica cidade, só exista uma dessas casas. Mas essa, onde o episódio vai acontecer, era e é a principal, porque sua dona, chamada Anita, faz parte da Crônica da cidade, sempre foi amiga boa e leal da juventude paraense debutando no sexo.

Impossível separar de minha cidade, ou dela riscar, Anita. Lembro-me que mocinha, um dia meu irmão mais velho contou-me quem era, mostrou-ma na rua outra vez e, desde então, tive por ela grande respeito, tanto que, mais tarde, quis conhecê-la. Casara com um dos meus amigos, viera viver no Rio, deixara todo o seu passado para ser uma espôsa dedicada. Telefonou-me. Era uma criatura como outra qualquer, cabocla de olhos amendoados e cabelos negros que nunca falava de sua vida de longos sofrimentos, nem de sua enorme abnegação pelos jovens paraenses.

Anita — isso ela nunca saberá — foi, durante certo tempo, uma preocupação na minha vida. Mocinha, minha mãe morrera — ela que me explicava a vida, que sabia debater os problemas nascentes, que ouvia de igual para igual minhas dúvidas — minha mãe não mais estava ali para me explicar como considerar Anita. Por que êsse fica mal, fica mal, uma môça direita, de família, não fala com uma prostituta, como se nela

houvesse uma doença contagiosa, como se a prostituição resultasse de micróbios? Mas não era Anita amiga de meus irmãos? Não me contavam, primeiro o mais velho, depois e muito depois o muito mais môço, as qualidades de amiga, até mesmo de mãe, de Anita? Por que iria sofrer minha reputação se encontrando-a na rua a saudasse com um acenar de cabeça, um bom dia, um adeusinho? Uma vez, lembro-me bem, esbarrei com ela virando uma esquina. Ficamos em frente uma da outra, disse-lhe boa tarde e ela fugiu, fingindo que não me tinha visto nem ouvido. Mas nada disso importa. A história é o que vale.

Na pensão de Anita vivia uma môça, caboclinha bonita, corpo esbelto, riso de dentes claros, com aquêles olhos, aquela pele, aquêles cabelos que marcam o tipo da paraense. Cultivava ela uma verdadeira mania, dessas que perseguem certas criaturas, das quais elas não podem fugir ou desviar-se: só amava — e com loucura — marinheiros.

Naquele tempo, finzinho da borracha alta, navios de várias nacionalidades enchiam os cais da Port of Pará levando borracha, castanha, países em busca de matéria-prima. Belém movimentada, alegre, festiva.

A caboclinha exultava. Cada navio chegando eram seus marinheiros de braços abertos para o amor e aquêle cheiro de mar, aquêles corpos que vinham de países longínquos cortando oceanos, marcados pelas aventuras, em sua maioria tão louros, tão gentis muitas vêzes, marinheiros que, inclusive, iam transmitindo à caboclinha palavras as mais úteis de seus idiomas, hoje um *bon jour*, amanhã um *good bye*, mas havia gregos morenos, alemães de *afiderzen* agressivos, afinal todos reunidos por ela numa só palavra que era, além de sua mania, a forma de melhor amor: marinheiros.

Tão intenso o movimento de navios chegando e navios partindo que a caboclinha não tinha tempo sequer de olhar os homens da terra, para os conterrâneos presos, como ela, às mangueiras da cidade, ao tacacá, ao açaí, ao Ver-o-Pêso.

Tudo ia assim até que a caboclinha adoeceu. No comêço parecia uma doença bôba, dessas como gripe que nem chegam a ser doenças, mas o caso era sério. Surgiram complicações e lá se foi nossa heroína para o hospital. Havia dinheiro para o primeiro mês; para o segundo Anita pagou sòzinha, depois os amigos cotizaram-se, as despesas eram muitas e o mal da caboclinha parecia querer durar muito, acabar com ela. Remédios caros, médicos amigos assistindo-a sem remuneração, a febre insistente, é preciso operar. Nada posso dizer sôbre a doença da môça. Nesse ponto, interrogado, o narrador confessou ignorância.

Anita pensou, pensou, viu que as coisas andavam mal, que não podia deixar a caboclinha morrer, que ela e os amigos começavam a sentir falta de dinheiro para ajudar a doente. Lembrou-se então dos marinheiros. Por que não? Valia à pena interessá-los na salvação da caboclinha. Afinal, não tinham sido por ela intensamente amados? Não se tinham encantado com a côr morena rosada de sua pele, com o amendoado de seus olhos tão negros quanto seus cabelos? Procurou entre os guardados da môça um livro de endereços. Devia haver, com certeza, pois que ela jamais deixaria de saber onde moravam seus marinheiros.

Encontrou-o afinal e agora, como escrever-lhes, se conhecia apenas português, brasileiro do Pará? Convocou os amigos mais ilustres da casa. Que êles escrevessem em francês, inglês, alemão, italiano, estas frases: "Fulana muito doente; mande dinheiro." Depois copiou-as com sua letra, assinou seu nome, serviu-se dos endereços do caderno da doente.

Começaram a chegar cheques e mais cheques: libras, dólares, francos, pesetas, liras, dracmas. Tôdas as moedas do mundo correndo para salvar a vida da caboclinha enquanto ela, tão pálida, sem saber de nada, lutava contra a morte.

Tôdas as moedas, os mais variados dinheiros do mundo colaboraram para a volta da caboclinha à saúde. Voltou à vida; se antes só amava marinheiros, depois amava-os, só a êles, muito mais.

Foi fiel aos marujos até a morte; muito tempo depois.

14

ESTA PALAVRA apareceu em minha vida, depois que ela morreu. Ao comêço apenas uma palavra, mas quem agora iria explicar-me o que é cabaré? Um lugar público onde se dança, canta e bebe, como dizem os dicionários? A sêde de leitura crescendo, nenhum livro escapava, tôda sua biblioteca descia das estantes para meus olhos cúpidos, as livrarias — Alfacinha, Clássica, Tavares Cardoso, Martins — guardavam-me as obras recém-chegadas da Europa ou das Américas. Quantas vêzes, aqui e ali, neste ou naquele livro, vinham as cenas de cabarés, histórias de acontecimentos em cabarés. Idade eu tinha agora para bem compreender tudo: como seria bom ouvi-la contar, definir, explicar, como só ela sabia fazer, o que era um cabaré, como existe, porque existe.

Envelheci com êste defeito ou qualidade de menina: quero saber o porquê de tôdas as coisas. Que fazer com cabaré? Perguntar aos outros? Ficar apenas com aquêles cabarés de certos romances?

Idade avançando, dias correndo, sonhos morrendo, outros sonhos nascendo, ânsia de liberdade, certeza deitando raízes: é preciso viver sempre em profundidade.

Dentro de mim, certas frases e conceitos ficaram gravados. Até hoje ouço sua voz dizendo-os, afirmando-os. Liberdade, sabes, é uma porta fechada com a chave por dentro. A vida só vale quando vivida em profundidade; a maioria vive superficialmente, daí as inquietações, insatisfações, incompreensões. Dá tua alegria a tôda gente. Guarda só pra ti tuas dores, principalmente as físicas. Não cutuca a dor para doer mais. Quando tiveres uma dor física, em lugar de gemer e chorar, procura um médico, cuida-te e quando a dor doer, toca uma gaitinha. Alivia. As dores morais? São geralmente fruto da imaginação.

A menina passava à mulher. Um homem chamado Voltaire — já sabes quem êle foi — tem uma frase que merece ser um programa de vida: lembra-te da tua dignidade de homem. Fugir dessa dignidade é cair muito baixo.

Foi em 1931 que consegui, afinal, ir a um cabaré. Ia, enfim, aprender, por mim mesma, aquilo que ela não tivera tempo para me explicar. Agora não mais a palavra, mas o acontecimento.

Era uma noite belíssima, dessas noites cariocas de terra, céu e mar iluminados. Um grupo de amigos a meu pedido levou-me ao Assírio. Como esquecer aquêle salão de decoração lúbrica, uma orquestra atacando dolentes tangos argentinos, e mulheres tristes, estranhas, entre bicho e gente, tôdas ou quase tôdas com vestidos de rendas pretas?

Mas então isso é que é cabaré? Cabaré não é uma casa alegre, movimentada, risos em tôdas as bôcas, champanha estourando rôlhas, taças sendo bebidas em desvairada alegria? As famílias sempre temeram o cabaré, por quê? Eram perguntas a um e a outro. Sim, tu é que és uma bôba, cabaré é isso mesmo, as mulheres são tristes porque levam uma vida triste. Impossível, impossível.

Pares deslizavam como se fôssem mortos ou bonecos movidos por uma lenta manivela; a música não atingia nem sequer a ponta dos dedos de nenhum dançarino. Nunca pude suportar tangos argentinos: é sempre a história de infidelidades, em todos êles há mulheres desleais, traindo homens, homens sofrendo, mas jurando vinganças. Muitos anos depois, entrevistei Ataualpa Iupanqui, folclorista argentino. Perguntei-lhe se, como eu, julgava o tangó de sua pátria o hino nacional do côrno. Sua resposta:

– *No chica; la burguesia argentina está tan y tan podrida que no tiene calcio para hacer cuernos.*

Mas aquêles vestidos de rendas pretas? Nunca os vira em tão grande profusão, tão feios, tão tristes, entristecendo ainda mais as mulheres pálidas, mas muito pintadas, máscaras sobrepostas porém sôltas, visìvelmente atuando uma sôbre a outra. Grandes olheiras – Teda Bara em moda – boquinhas de batom fazendo corações em grandes bôcas pintadas só no meio – em moda também Clara Bow.

Vocês me enganaram, isso não é um cabaré. Onde aquelas mulheres lindas e fatais, luxuosamente vestidas, cobertas de jóias, rodeadas de homens apaixonados, levando-os à loucura, aquelas figuras tão banalmente célebres.

Saímos para a rua, fomos bebericar num bar, êsse sim, muito alegre. Jamais poderia acreditar no que afirmavam os amigos. Pois sim que aquilo era cabaré. Não tinha tango argentino? Não viste as prostitutas? Não estavam bebendo cerveja? Pois tudo isso é cabaré. Como pode haver um cabaré com cerveja e mulheres tristes? Que diria disso a senhora Marguerite Gauthier?

Vida correndo, descobertas da infância tomando consistência na mocidade. Ohs e ahs desaparecendo, conhecimentos se aprofundando.

Outra noite chegou, em S. Paulo. Confidenciei a amigos minha decepção com o cabaré carioca e a vontade de conhecer um paulista, mas de verdade, um realmente cabaré. Vontade atendida, se é só isso que desejas, vamos imediatamente. Esqueci o nome da casa nem creio que seja importante lembrá-lo para esta narrativa. Quando lá chegamos, uma orquestra tocava os mesmos tangos argentinos do Assírio; tive a nítida impressão de que as mulheres que dançavam no salão triste, eram as mesmas que eu encontrara no Rio. Tôdas vestidas de rendas pretas, as mesmas olheiras fundas feitas a lápis, as mesmas boquinhas em forma de coração traçadas a batom em grandes bôcas, lábios tristes como se cada um dêles tivesse a obrigação de parecer outro, uma bôca fingindo outra bôca, a verdadeira debochando da falsa.

Não, não e não, isso não é um cabaré. Foi isto mesmo, igualzinho, que me mostraram no Rio, mas não é essa a descrição que encontrei até na Lucíola de José de Alencar. Mas afinal o que é que queres ver num cabaré? Mulheres nuas, beijos ardentes, champanha estourando, risos e altas gargalhadas? Só a fala dos amigos afirmando o cabaré ou espantados com a minha ignorância, alegravam o ambiente.

Súbito, estourou uma briga. Aumentou: cadeiras partiram em várias direções, garrafas de cerveja transformaram-se em petardos e caíam no chão; palavrões enormes acompanhavam ritmadamente a luta. Querias agitação, não querias? Achavas que cabaré não pode ser coisa morta e agora aí está: sangue, cabeças partidas, gritos histéricos de mulheres em fuga, garrafas, cadeiras quebradas.

Não precisaria mais insistir. Minha curiosidade por cabaré terminou. Até hoje, para mim, cabaré é um lugar muito triste com mulheres idem, tôdas vestidas de rendas pretas, bebendo cerveja, e tangos argentinos falando de infidelidades e desgraçados amôres.

Impossível a cerveja em cenas de cabaré.

15

TANTA MOCIDADE, tanta alegria, tanta vontade de ser útil. Impossível continuar esbanjando vida, mas como encontrar o caminho da construção?

Amôres os tivera, bons alguns, banais outros, honestos todos, todos principalmente românticos, a imaginação criando tipos inexistentes, quase divinos, em pobres sêres existindo simplesmente como homens, tudo terminando quando razões determinantes, avolumando-se, ordenavam a palavra e o gesto finais.

O casamento não dera certo, infelizmente. Agora sentia o dever de baixar uma cortina, gesto que aprendi sòzinha. Até hoje, quando sinto e sei que aquela situação em que estou vivendo ou aquela atitude que estou tomando é errada, ordeno a mim mesma: fecha a cortina, baixa a cortina. Cortina fechada, a ordem é recomeçar.

Foi assim que em plena mocidade, mas já com muita experiência da vida, conhecedora do valor de tôdas as coisas, cheguei ao Rio. Já tinha aqui um bom grupo de conhecidos. Álvaro Moreyra, no seu *Para Todos*, encarregara-se de publicar coisas minhas, sem grande valor, mas valorizadas pelos retratos bonitos. Na minha terra fôra secretária de uma revista literária, *A Semana*, e publicara um livro ingênuo, livro de menina rica, mas já afirmativo do amor que sempre senti pela minha terra, meu povo, minha gente. Dêsse livro não me arrependo; olho-o como se estivesse lembrando uma de minhas travessuras. Que poderia eu fazer naquela época senão um livro assim, apenas impregnado de amor? Que sabia eu – naquele tempo – dos grandes problemas do homem amazônico, da miséria sem fim, do abandono que êle vive, do violento choque entre a grandeza da floresta, a beleza do rio e a opressão do homem? Que sabia eu então, além do lado bonito da terra, as lendas, os pássaros, nossos hábitos, nossa paisagem sempre verde, o silêncio da floresta?

Êsse livro simplório, infantil, levou-me àquele grupo que se reunia tôdas as noites para jantar no Reis – quem já esqueceu o Restaurante Reis, que teve parte tão ativa na vida intelectual da cidade em certa época? Os moços de ontem, aquêles moços recém-formados alguns, ainda estudantes outros, todos inteligentíssimos, tomaram-me sob sua proteção. Inicialmente passei por um verdadeiro exame de conhecimentos. Foram experimentados meus sentimentos. Tudo eu sentia e aceitava na certeza de que eram amigos, preocupados em me tornar um ser útil. Começaram a gostar de mim. Precisas estudar marxismo, falou um, os outros apoiaram e daquela companhia diária foi nascendo em mim a curiosidade que depois tornou-se amor, pela ideologia comunista.

Não foi fácil, confesso. Logo se estabeleceu o que eu devia ler de início e recebi então *Karl Marx, sa Vie et son œuvre* de Marx Beer. A primeira parte do livro, informações biográficas, a narrativa do que foram Marx e Engels, como viveram, como conquistaram a amizade que os uniu para a construção da filosofia marxista, foram páginas de leitura muito

a meu gôsto. Mas quando, na segunda parte de sua obra, Marx Beer analisa a doutrina filosófico-político-social, aí eu me perdi. Fôsse de arrancar os cabelos ou de chorar e teria feito ambas as coisas. Não compreendia nada de nada. Lia, relia, tornava a ler frases, queria medir palavras e nada conseguia. Fui aos amigos e confessei meu fracasso ou ignorância.

A mocinha magra, que até então não opinara, achou que eu estava com a razão. Tinham-me dada a ler um livro demasiadamente difícil. Tôda minha formação era apenas literária. E foi ela, com suas mãos que jamais deixei de abençoar, com sua cabeça hoje tôda branca de cientista, quem me traçou um programa de leitura. Tens de ler lentamente, não como se estivesses lendo, mas principalmente estudando; quando não entenderes tomarás nota; nós te explicaremos as dúvidas. Começava o grande momento, o enorme momento de minha vida. A maravilha das descobertas. A primeira vez que li o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, fui tomada de um entusiasmo tão grande que cada uma de suas palavras repercutia profundamente dentro de mim, e acordava, tarde da noite, para repetir mentalmente certas frases. O que ontem me parecia tão difícil, caía em mim como uma bênção. Aquêles dois homens diziam, numa linguagem especial, tudo o que eu queria saber, como se adivinhassem meus sentimentos, a maneira pela qual eu encarava a vida. Interpretavam o que eu sentia, sem saber definir-me.

Agora minha vida encontrara sua razão de ser. Minha mocidade e minha alegria saíram do terreno da inutilidade; ambas seriam entregues, conscientemente, à ideologia que eu conquistara lenta, pausadamente. Não tenha pressa, dizia a môça, caminhe devagar, com segurança. Estude, não se afobe. De conquista em conquista.

Conquista tão segura que foi feita quase de minuto a minuto, de momento a momento.

Começara outra etapa inteiramente diferente de minha vida. O primeiro emprêgo, o primeiro sapato comprado feito, o primeiro salário.

Lembro-me de tanta coisa. De tanta gente. Dos que ficaram pelos caminhos, sem fôrças nem coragem; dos que traíram; dos que nunca foram outra coisa a não ser vaidosos, só preocupados em brilhar.

Naquele tempo, de tanto sectarismo, um dia afinal, recebi a notícia que iria ingressar no Partido Comunista. Passara por muitas e duras provas, mas afinal minha lealdade fôra considerada. O portador que me trouxe a grande alegria, dizia que eu devia estar a tantas horas em tal local. Nesse momento o ambiente era São Paulo, onde eu conseguira um emprêgo e morava.

Jamais esquecerei aquêle velho português — Marques — hoje morto, simples, ingênuo, mas com grande valor combativo. Capengava de uma perna. Encontramo-nos no lugar marcado e êle ensinou-me:

— Sairemos juntos daqui. Tu irás atrás de mim. Eu vou andando e tu me acompanhas de longe. De longe, como se não nos conhecêssemos, compreendes? Quando eu parar tu paras, quando eu seguir tu segues. Lembra-te que não me conheces.

A advertência era inútil. Na verdade, eu não conhecia o Marques; estava vendo-o pela primeira vez.

Era uma tarde no Brás. Procurei obedecer rigorosamente as ordens recebidas. Vivíamos em vésperas do movimento constitucionalista de São Paulo: boatos enchiam a cidade. Revolução era palavra ouvida em tôdas as bôcas. A polícia — como sempre — andava feroz na perseguição aos comunistas.

Eu caminhava devagar, muito lentamente, já que a perna de Marques impedia-o de caminhar como um homem comum. Môça, ágil, gostando de correr, aquêle andar começava a me cansar. Súbito, num momento em que havia muita gente, vejo Marques parar e com as mãos na cintura gritar a plenos pulmões:

— Afinal, ó menina, tu andas ou não andas?

Nunca esqueci o velho Marques. Lembro que êle não acreditava em intelectuais, que nos considerava a todos capazes de traição e principalmente covardes. Quantas vêzes, depois, muito depois, achei que êle tinha razão sobretudo em certos casos. A tese, a generalização, era errada, mas...

Meses passando e ninguém foi melhor amigo, pai e irmão para a comunista mocinha do que o velho Marques. Quantas vêzes, em noites geladas, as úmidas noites paulistas, vinha o velho Marques ao meu lugar de trabalho, no fundo da casa em que êle morava com a família, trazer-me uma xícara fumegante de chocolate ou de caldo. Toma que precisas. Tu sim, não nasceste intelectual, tu és operária. As palavras do velho Marques enchiam-me de orgulho, porque para êle só os operários valiam.

Devo te agradecer muito, velho Marques, pelo que me deste. Nunca te esqueci. Parece que te estou vendo agora, enquanto escrevo, tentando ressuscitar-te. Nas reuniões de célula levantavas o dedo. Querias falar. Davam-te a palavra e sistemàticamente afirmavas:

— Estou de acôrdo com Lenine...

Um dia chamei tua atenção: Marques, de acôrdo com Lenine estamos todos nós, por que falas sempre isso? E tu respondeste como se fôsses o soldado vermelho de John Reed:

— Se estamos de acôrdo com êle, devemos dizê-lo sempre, a todo momento.

Só sabias que existem duas classes: a burguesia e o proletariado. Quem está com uma está contra a outra...

Depois, ora depois muitas cadeias, muitas prisões, mas sempre a certeza de meu caminho. Nenhuma dúvida. Algumas injustiças, muitas incompreensões, sempre preocupada em julgar, criticar, debater problemas. A conquista da autocrítica, a vida cada dia mais vivida através dos livros e do contato direto, honesto, sincero com o povo, com os trabalhadores, com suas reivindicações, com a sua luta.

Por onde eu andar — aqui, ali, acolá — hoje, sempre encontro um companheiro. A minha grande família. Sempre me aparece alguém para me falar dêsse passado ou para me dizer que preciso ver certa pessoa que mora ali, naquele local onde estou apenas de passagem. Foi teu companheiro de prisão e te quer muito bem.

Outras vêzes é uma mão que se estende para mim e uma voz que pergunta: — Lembras de mim? Olho o rosto e não o reconheço. Anos passaram, cabelos embranqueceram, corpos engordaram tomando outros feitios, rugas vieram adulterar fisionomias e não me é mais possível revê-los, reconstruí-los como os conheci, naquele passado tão cheio de dores, de sofrimentos, como foi o nosso nos sombrios anos que começaram em 1935. Quem já os esqueceu?

Para êles, para os meus velhos companheiros de lutas e de cadeias, tenho sempre muito mais do que um banal apêrto de mão: tenho abraços e palavras de ternura, principalmente quando sei que, como eu, continuam fortes nas suas convicções, certos de que o caminho encontrado é o certo caminho e por êle avançamos, prosseguimos, na certeza do desejado amanhã.

Outro dia, foi em Fortaleza. Logo que cheguei tomei conhecimento da cidade e dos amigos, dos problemas e da vida local e um môço falou-me de Papão.

Disse que eu precisava ver Papão, que Papão iria ficar muito feliz com a minha visita. Mas quem era Papão? Não lembras um português, operário, levado de Fortaleza no fundo de um porão para o Rio, jogado no Pavilhão de Primários, um que cantava como galo? Um galo cantando fora de horas, cucuricando alto e forte, como se estivesse sempre com muitas alvoradas na garganta?

Contaram-me que quando Papão leu a notícia do aparecimento do livro de Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, correu à livraria Renascença e pediu a Luís Maia que guardasse para êle o primeiro exemplar que aparecesse. Come-

çou então a viver momentos de intensa alegria: sabia que o grande romancista falaria dêle, ia contar sua coragem, seu companheirismo. Tinham estado ambos no mesmo porão, no mesmo presídio, era natural que Graciliano o apresentasse como um de seus melhores personagens.

O livro chegou. Graciliano foi cruel com Manuel Batista, o Papão. Não compreendeu porque êle insistia tanto em cantar como galo: uma maneira alegre de alegrar os tristes, de sacudir um ambiente de tantas dores com uma nota de vida. É sempre alegre ouvir cantar um galo, mesmo quando é um falso galo, como Papão.

Sofreu muito com as palavras injustas de Graciliano, mas a vida é a vida. Está velhinho e continua, continua. Tôdas as noites, mal terminando seu trabalho – para ganhar o pão – como caixeiro de um botequim, sai para a Praça do Ferreira e pelas ruas de Fortaleza, vendendo *Novos Rumos*. Pelo nosso jornal, se fôr preciso não dormir, Papão não dormirá.

Fui visitá-lo no botequim onde trabalha. Confesso que houve um nó na minha garganta quando êle veio a mim cheio de ternura:

– Como vai a minha companheira? Gosto muito de suas crônicas no nosso jornal.

Conversamos. Em certo momento, êle achou que devia explicar:

– Coitado do Graciliano; não me entendeu. Eu não sabia falar bonito, nem cantar cantigas, nem nada. Eu só sabia, minha companheira, imitar o galo, cantar como galo, coisa que aprendi menino. Quando eu fazia aquilo, sabe? era para alegrar vocês, para dizer a vocês que eu estava ali dando aquilo que eu podia dar. Coitado, não compreendeu. Chamava-me de burro.

Abracei-o. Bobagem, Papão, tudo isso passou e você vai em frente, isso é o que importa.

Grande, querido velho que môço, prêso, sofrendo, cantava como galo anunciando alvoradas. A grande alvorada que um dia chegará. Papão sabe disso e, se bem que não tenha esperanças de vê-la, continua lutando. Como seria bom que êle saudasse a Grande Alvorada com o seu cantar de galo.

16

CONTANDO ESTA HISTÓRIA – uma das páginas mais belas de minha vida – não estou querendo fazer como a maioria dos memorialistas que se fantasiam com plumas e penas que não são suas, para maior brilho de suas recordações. Devo, preciso contá-la, principalmente para agradecer a uma mulher, cujo nome não importa, o quanto ela foi boa, paciente, digna, comigo.

Éramos muitos os presos políticos em São Paulo, no ano de 1932. Eu vinha de um mundo inteiramente diferente daquele no qual então vivia. Jamais conhecera o frio e a fome e saber sofrê-los foi para mim um aprendizado muito doloroso. Fôra prêsa numa manhã. Mais de vinte homens haviam cercado a casa em que eu vivia, sòzinha, com dois mimeógrafos

e duas máquinas de escrever. Diàriamente os jornais noticiavam que havia sido aprisionado numa casa de trabalho um mimeógrafo. E os mesmos jornais comentavam, apesar disso: – "e só esta semana foram presos quatro" – os manifestos continuam a invadir a cidade.

Quantas vêzes pensei: esta casa tão isolada, jogada neste subúrbio, sem vizinhos próximos, não chamará a atenção? Não causará pelo menos espanto mesmo aos distantes vizinhos, morar aqui uma criatura magrinha e muito jovem que só sai à noite e quando sai é gorda, enormemente gorda? Essa gordura eram manifestos impressos durante o dia e que iam amarrados na cintura, nas axilas, encobertos por um grande capote azul marinho que nem era meu, mas de uma pessoa gordíssima. Pensava assim; cheguei um dia a debater isso na minha célula, mas não havia outra solução e tudo continuou até o dia da prisão.

Jogaram-me numa pequeníssima sala, sem janelas, sem ar, um depósito de qualquer coisa, pois os xadrezes estavam superlotados. Sem cigarro e sem comida, interrogada a todo momento, atormentada pelos sustos e a sêde, vi-me, inclusive, envôlta em terrível escuridão. O único lugar por onde entrava uma réstea de luz e um pouco de ar era um buraco aberto na porta comprida por onde os 'tiras' espionavam-me. Pedia livros, pedia cigarros, pedia comida. Tudo me era negado. Um café simples pela manhã, um caldo de noite. Foi então que descobri a mais fácil maneira de vencer aquela situação agravada pela falta de uma cama, de uma cadeira, mal dando para andar. Ficava então, dia e noite, na porta, esperando os olhos que me espionavam e dando em cada um dêles uma espetadela com o dedo indicador. Ouvia gritos, urros, palavrões mas ficava contente: acertara em cheio o inimigo.

Uma madrugada ouvi bem quando a porta se abriu e na sala entrou um velhinho. Chamou baixo meu nome e mais baixo ainda me declarou: – Não sou tira, não. Como todos os moços e os homens válidos estão sendo convocados para a revolução e indo lutar, eu fui mandado servir aqui, apesar de ser reformado da Polícia Militar, aposentado há muito tempo.

Vamos fazer um negócio. Sei que êles não querem lhe dar comida. Entro no serviço à meia noite e quando puder venho lhe trazer um bom sanduíche.

Desde então, pão com carne, pão com ôvo, pão com presunto era trazido por aquêle homem que afinal estava salvando minha vida. Um cigarro e uma alimentação boa cada madrugada.

Dêsse presídio saí eu, de padiola, tão fraca que não podia andar, quase morta pela fome e fui mandada para outro, paradoxalmente chamado de Maria Angélica. Aí pude comer, dormir, ler e fumar.

Na noite em que os chamados legalistas venceram, entrou no presídio um homem que depois seria também meu companheiro em outras cadeias: Walter Pompeu. Reuniu todos os presos, homens e mulheres, contou-nos que o govêrno Vargas esmagara a revolução paulista, anunciou que todos estávamos em liberdade, mas que a ordem da polícia era atirar sôbre grupos de mais de três pessoas. Principalmente – recomendava – muito cuidado devem tomar os comunistas.

Depois de três meses de cadeia dura, trágica, cruel, as ruas, a noite, tudo tem aspectos fantasmagóricos. Até mesmo as árvores parecem embuçados inimigos. Saímos para a noite, uma operária, eu, um companheiro. Para onde ir? Qualquer casa por nós procurada poderia sofrer provocações policiais. Sabíamos que a situação política ainda era grave, que nossa presença em moradias de certos companheiros que tinham conseguido escapar da prisão poderia comprometê-los. Andamos tanto e tanto, procurando aqui e ali, caminhando separados mas seguindo os passos uns dos outros; quando ouvimos um camarada operário dizer: a casa está cheia mas entrem, sentimos enorme alegria. O dia começava a nascer.

Soubemos logo que Walter fora um afoito; a ordem era soltar apenas os getulistas, os legalistas e não nós. E mais: a polícia andava procurando-nos ferozmente. Sabíamos que nada tínhamos a fazer além de esperar ordens do Partido. Chegou um emissário com as resoluções que esperávamos. Você vai para tal lugar, você para ali, até que chegou a minha vez.

Prepare-se para seguir, imediatamente, para Jacareí, onde ficará até que lhe mandemos buscar. Há um automóvel na porta, o companheiro chofer lhe dará o que fôr preciso.

Conversamos muito durante a viagem. Eu estava magra, tão magra, com cabelos compridos caindo nos ombros, grandes olheiras. Saúde boa, ótima, mas o aspecto ruim de criatura doente.

Não posso descrever hoje a cidade de Jacareí. Escondida no carro, fomos a um hotel, não há lugar, a outro, resposta idêntica, até que num dêles foi dada uma informação: há uma senhora na rua tal, número tal, que aluga quartos. É casa muito modesta, completou o informante.

Assim entrei eu na casa daquela mulher a quem aqui chamarei Dona. Casinha simples, de chão de terra batida. Recebeu-me carinhosamente. Disse-lhe que estava fraca, muito fraca, doente, mas que os médicos consultados não haviam constatado a tuberculose. Vinha para ali a conselho dêles, pelo clima, mudança de ar. Ela olhava-me com grandes olhos doces, grandes olhos que jamais esquecerei. Deu-me um quarto de frente, abrindo para a sala de visitas. Minha roupa era nehuma. Apenas a que eu trazia no corpo. Deitei. A cama era um ninho de pulgas. Como descansar?

A senhora começou então a envolver-me numa série de desvelos que não me espantavam, porque sempre acreditei na bondade humana. Logo depois de minha chegada trazia-me, fumegante, uma canja e uma camisola. Falei-lhe nas pulgas e logo ela voltou com erva de Santa Maria. Bateu com as fôlhas a cama, entre o colchão e o lençol limpo, colocou mais erva e o resultado foi o desaparecimento das pulgas, um sono enorme tomando conta de mim, vencendo-me, interrompido por ela, na hora de jantar. De sua casa lembro bem: limpíssima, clara, com um enorme quintal ao fundo. Tudo muito modesto, mas muito asseado. Dois filhos já crescidos brincavam sempre no quintal cheio de árvores.

— Como é mesmo o seu nome?

— Rosa. Rosa Mendes.

— Então será Rosinha. Você é tão mocinha.

Durante doze dias, aquela mulher foi a mais devotada das mães para mim. Você sairá daqui boa e forte. E lá vinha uma xícara de chocolate, outra de caldo — do qual tenho até hoje e sempre tive horror, mas que bebia agradecida, em silêncio, para não aborrecê-la.

— Gostaria tanto de ler. A senhora tem livros aí? Ela tinha, poucos, ruins todos, mas devorei velhos almanaques, havia até rôto, sujo, um *Iracema* de José de Alencar. Dias passando e ela mantendo vivo o seu desvêlo. Uma manhã reapareceu o mesmo companheiro chofer. Era preciso que eu fôsse a São Paulo, só por uma noite. Comuniquei a Dona que devia ir ao médico, na capital paulista. Ela se opôs vivamente. Depois se conformou, encheu-me de mil recomendações, não faça isso, cuidado com sua saúde, você ainda não está em condições de andar muito e muito mais recomendou e falou.

Na volta, dia seguinte, eu trazia algumas roupas, algum dinheiro, um bom número de livros e uma ordem: voltar ao Rio dentro de uma semana. Nada contei a Dona. O médico achara-me muito melhor, quase curada. Minha volta foi saudada por ela e os filhos, com grande alegria.

Acabáramos de almoçar um gostosíssimo almôço. Dona é — sei que ela ainda vive, deve viver — uma excelente cozinheira.

— Rosinha, perguntou-me ela, você já ouviu falar em Eneida?

Gelei. Os companheiros haviam-me recomendado tanto tomasse cuidado, que não admitiam minha volta à prisão naquele momento, e Dona fazia-me uma pergunta dessas. Não, não ouvira falar. Estava doente há tanto tempo, minha família fôra para o Rio e com a revolução nossas ligações tinham ficado interrompidas, mas eu ia voltar para casa. Tentava desconversar, levar a conversa para outro lado. Dona levantou-se, foi ao seu quarto, trouxe um livro de recortes de jornais.

— Eneida é uma mocinha — veja os retratos — que foi prêsa como comunista em São Paulo. Fizeram o diabo com ela, mas o diabo mesmo, e sabe o que aconteceu? A própria polícia declara que nunca ouviu sequer o som de sua voz. Contam que ela era uma menina rica e deixou tudo, tudo minha filha, tudo para lutar pelo nosso povo. Leia êstes jornais que você vai saber quem ela é. Môça de coragem, Rosinha.

Então tomei conhecimento do que publicara a imprensa paulista quando de minha prisão. Retratos tirados em Belém do Pará, elegantíssimos, no meu tempo de dinheiro e vaidade, segundo a polícia de São Paulo, eram retratos de Paris, quando eu ali fazia espionagem para a URSS. O Largo de Nazaré era apresentado como os Champs Elysées. Ora diziam-me perigosa espiã soviética, tão desconhecedora do país que nem sequer falava português! Um jornal considerava minha prisão tão importante para o destino do Brasil quanto fôra a de Meneghetti, o ladrão. Outros chamavam-me de má brasileira vendida a Moscou, e alguns chegaram a apontar grandes nomes da revolução de 30, como meus amantes. Eu nem sequer podia sorrir ou dar uma grande gargalhada. Sentia que Dona tinha os olhos postos em mim.

— Hoje você não vai sair do quarto. Venho trazer-lhe comida aqui. Estão descendo as tropas getulistas e soldado é gente ruim.

— Esta é a minha prima Rosinha, que veio passar uns dias aqui conosco.

Dona tinha frases assim. Para as amigas que a visitavam e por acaso me viam, eu era uma prima. Já te falei dela muitas vêzes. Sua vigilância em tôrno de mim era constante, afastando-me de todos os possíveis perigos.

A semana passou, rápida. Começara a gostar realmente daquela mulher, sem compreendê-la inteiramente. Trataria assim sempre os seus hóspedes? Por que tanta ternura por mim? Nas vésperas da partida, comuniquei-lhe: — Amanhã vou para o Rio. Amanhã, por quê? Estou aqui há quase um mês, minhas fôrças voltaram, o que pensará minha família sem notícias, sem saber por onde ando? Preciso voltar para casa.

Custou a se convencer. Saiu; voltou com uma passagem de trem que ela comprou com o seu próprio dinheiro. Comentou:

— Estudei muito sua viagem; nesse trem que vai descer com soldados conheço um sargento, bom rapaz, muito direito. Já falei com êle para ajudá-la se você precisar de alguma coisa ou se alguém quiser abusar de você.

No dia de minha partida, almoçávamos. O trem partiria às sete da noite. Dona conversava comigo. E, de repente:

— Pois é, Eneida, desde que você entrou aqui eu sabia quem era você. Sabia porque você está magra e acabada mas é muito parecida com os retratos que saíram nos jornais. Eu não sou comunista, meu bem. Sou esotérica. Compreendo a luta de vocês, admiro a coragem de vocês. Agora, só lhe peço uma coisa: conte a história de sua vida para mim. Sei que tudo o que os jornais publicaram é mentira. Se você não puder ou não quiser contar eu não me aborreço, mas gostaria de saber onde você foi buscar tanta coragem.

Contei-lhe o que ela queria saber; falei-lhe longamente de minha mãe, a base de tôda a coragem que ela considerava tão grande. Dona ouvia tudo em silêncio; às vêzes seus grandes olhos se enchiam de lágrimas.

Levou-me ao trem; apresentou-me como sua prima ao sargento. Beijou-me. Na hora em que o trem partia deu-me um grande embrulho: o lanche para comer durante a longa viagem e uma carta:

— É para o Centro Esotérico X. Se você precisar de alguma coisa procure os irmãos de lá. Olhe, se você quiser voltar, me avise. Volte.

Fique esta página como uma homenagem àquela mulher, simples e boa, doce e corajosa, que tanto se preocupou com a minha vida: em Jacareí, numa casinha modesta, Dona fêz-me compreender e sentir, mais uma vez, que nem tôda a humanidade é ruim, traiçoeira, má.

A vida deu-me muitos outros personagens, bons e maus, dignos e indignos, leais e desleais. Essa Dona está até hoje viva na minha memória: morena, negros cabelos presos em coque, risonha, acolhedora. Não admitiu que eu pagasse os dias de estada em sua casa. "Guarde seu dinheiro que é capaz de lhe fazer falta."

Muito obrigada, Dona. Êste muito obrigado de hoje venho repetindo há muitos anos. Pudessem ser de seu estôfo todos os homens.

17

QUANDO OS BOLCHEVIQUES assumiram o poder, na URSS, houve um dêles que, escritor — cujo nome não lembro — publicou um livro de anedotas, de fatos pitorescos, dêsses que ocorrem nos momentos mais graves da vida de um país e de um partido. Também eu poderia contar histórias engraçadas ocorridas aqui, em várias épocas.

Nos anos trágicos do Estado Nôvo, a perseguição policial contra nós, comunistas, era implacável. Fascismo dominando no mundo e no Brasil, houve, inclusive, policiais brasileiros mandados aos Estados Unidos para aprender métodos de arrancar confissão e declaração, que melhor seria chamar pelo verdadeiro nome: métodos de tortura.

Quando eu entrei para o Partido, em 1932, o número de mulheres era pequeníssimo, e intelectuais pròpriamente não havia. Daí a minha série de prisões e o cêrco constante mantido em tôrno de mim. Emprêgo ninguém me dava, amigos rareando, a vida tão difícil que vivia profundamente mal.

Uma vez, operária em mica, vivendo com o melhor, o mais digno, o mais inteligente dos companheiros, alugamos um pequenino apartamento em Copacabana. Nesse tempo os aluguéis permitiam a salários baixos a moradia no bairro elegante. O companheiro voltou para casa no comêço de uma noite com brutal hemorragia. Tinha ido ao dentista, arrancara um dente, era propenso às hemorragias dentárias. Deitado, imóvel, com uma toalha na bôca, ao lado uma bacia que eu ia a todo momento despejando, tanto o sangue que êle cuspia.

Batem na porta. Pela batida já conhecíamos os visitantes. Disse-lhe: não fala nada, não diz uma palavra. Deixa tudo comigo. Porta aberta, e entra a polícia como sempre entrava: vasculhando tudo, remexendo tudo, sempre à procura de documentos tremendos, de planos subversivos, de tôdas essas coisas que nem o decorrer dos anos acabou, tanto é grande a burrice de certos homens.

– Está prêsa. Quem é êste homem?

– Um amigo. Veio visitar-me e sem mais nem menos teve uma hemoptise. Já chamei a ambulância.

Os 'tiras' – sempre dois ou três, nunca um só – olharam a bacia, o sangue na toalha, a lividez do companheiro e disseram-me ràpidamente:

– Venha. Deixe êsse diabo morrer sòzinho. Vamos depressa.

Carregaram o que quiseram – sempre carregam coisas jamais devolvidas – e saí correndo quase, temendo que êles voltassem atrás e prendessem também o companheiro.

Foi assim que uma hemorragia dentária virou hemoptise e salvou de uns dias de cadeia um dos melhores, mais valorosos, mais leais dos companheiros.

Esta história não é minha, mas também ocorreu naquele tempo; vale a pena ser contada. Haviam prendido um camarada, e sua mulher viu que no botequim da esquina, defronte de sua casa, ficara um policial tomando conta de quem entrava ou saía dali. Militante comunista ela também, precisando realizar suas tarefas, não sabia como fazer, até que foi à janela e chamou o 'tira'.

– Escute môço, não tenho nada que ver com a sua vida, mas o senhor é nôvo na polícia, não é? (Era) Ah, logo se vê, porque o senhor faz tudo, mas tudo errado. Fica aí sentado no botequim fumando cigarros, tomando café, com os olhos fixos aqui em casa. Não é assim que se faz, môço. O senhor deve comprar um jornal, ler as notícias e arriscar de vez em quando um ôlho para cá. Depois, quando eu saio, o senhor me acompanha quase ao meu lado. Também não está direito. Primeiro, só saio para fazer compras ou levar roupa para meu marido que está prêso, por que precisa o senhor sair ao meu lado? Aprenda como se faz: siga-me de longe, bem de longe, fingindo que não está me seguindo. Olhe, me agradeça êstes ensinamentos, porque agindo como o senhor age vai acabar perdendo êsse emprêgo de 'tira'. Aliás, um môço como o senhor, que se vê pelo aspecto, não é nenhum boçal, com um emprêgo dêsses, um emprêgo horrível, que é mais nódoa do que outra coisa. Até logo.

Foi assim que a companheira pôde realizar certas tarefas pequenas. Como deu trabalho ao 'tira' debutante.

18

SEMPRE QUE DEVO FALAR nos sombrios dias do Estado Nôvo, gosto de perguntar: alguém já os esqueceu? Alguém pode esquecer o que foram aquêles negros anos com as prisões cheias, o ódio sôlto, o fascismo imperando aqui e no mundo? Mil anos eu vivesse e jamais os esqueceria.

Não considero que cadeia seja título de glória ou de heroísmo, para qualquer militante comunista. É mais um desastre que outra coisa, daí não gostar de falar das minhas, daquelas que ocorreram independentes de minha vontade. Mas é preciso lembrá-las, contá-las, porque afinal elas fazem parte de nossas memórias.

Revejo então 1935, 36, 37: gritos lancinantes cortando as noites na Delegacia da Ordem Política e Social; ouço-os ainda

e relembro que, depois da meia-noite, vinham os 'tiras' buscar-nos para os interrogatórios. Sabíamos bem o que representavam aquêles interrogatórios feitos sob borracha, arrancar de unhas, trucidamentos e, depois, os companheiros voltando ensangüentados, esmagados, muitos dêles, como Marighela, sem nunca terem sequer aberto a bôca para dizer como se chamavam.

Em janeiro de 1936, éramos mil e duzentos presos na Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários. Vínhamos das mais variadas profissões, dos mais variados Estados: como no tempo da escravidão, navios traziam nos seus porões, de lugares longínquos, presos políticos acusados de comunistas. Nenhum democrata, inimigo do Estado Nôvo, deixou de sofrer naquela época; raros os que escaparam das grades ou da inclemência dos beleguins policiais. Apesar de todos os pesares, a Casa de Detenção já era um alívio; saíamos da Polícia Central, dos maus tratos ininterruptos, dos suplícios e torturas e ali, se nada tínhamos, restava-nos pelo menos o direito ao sono.

Quanta coisa a contar. No Pavilhão dos Primários, doze mulheres viviam na maior promiscuidade. Doze que chamávamos as fixas, porque também havia as itinerantes, aquelas que ficavam um mês, dois, e partiam. O cheiro forte da latrina fazia com que ficássemos principalmente à noite, sufocadas. Mal podíamos andar entre aquelas camas que, com o decorrer dos dias, iam recebendo mais prisioneiras. Rosa Meireles falava nos filhos, de quem não recebia a menor notícia. Com tôda sua família prêsa, onde andariam as crianças? Nininha e Joana tinham vindo de Natal; separadas dos seus companheiros, mas seguras dêles e de si próprias. Maria Werneck, que deixara um ambiente de confôrto, procurava não lembrá-lo. Nise, Valentina e eu estudávamos.

De dia, no verão, as paredes ficavam molhadas pelo calor, um imenso calor subindo do lajedo para nossos corpos sedentos; no inverno, as paredes ficavam úmidas e um frio de doer nos ossos tomava conta de nossos menores gestos. Quantas mulheres: Francisca, Beatriz Bandeira, Haydée, tantas, inclusive nossa grande Eugênia Alvaro Moreyra, ela que pouco

demorava, mas que por duas vêzes voltou. Pra ver vocês, comentava com sua enorme alegria de mulher sem mêdo.

Eu, entre outras tarefas, era encarregada de anunciar aos companheiros a chegada de um nôvo prisioneiro. Vivia, para isso, trepada no alto de uma janela gradeada, olhando o pátio. Quando chegava um nôvo, já se sabia quem era, de onde vinha. Duro trabalho do qual hoje acho graça, mas bem necessário naquele tempo em que a polícia tentava jogar em nosso meio ladrões e assassinos, para provocar-nos.

Trabalhávamos todos; os homens no fundo do Pavilhão, as mulheres na sala da frente. Alfabetizávamos os analfabetos, criamos cursos vários. Era necessário que tivéssemos tôdas as horas ocupadas. À noite, a Rádio Liberdade se encarregava de encher o presídio com as nossas canções, dar notícias, Ivan falando com sua voz tão clara e sempre tão segura, Agliberto sempre tão digno. Como esquecer a figura daquele velho tão simples e tão bom, tão digno e tão companheiro que foi o Dr. Campos da Paz, zelando de longe pela nossa saúde, pela saúde de todos os companheiros?

Os cubículos abarrotados; onde cabia dois, havia seis ou mais; o ódio sôlto continuava lá fora enchendo as cadeias.

Anos que eu viva, nunca, jamais, esquecerei esta cena: os professôres universitários, mestres como Castro Rabelo, Leônidas de Rezende, Hermes Lima, presos como os outros, jogados em cubículos infectos, de mão estendida para receber, de um prêso comum, uma banana. Uma banana, a sobremesa do almôço. Êles tão grandes em saber, com as mãos estendidas, como esmoleres.

Como poderei esquecer Olga Prestes, Sabo Berger, Rosa Ghioldi? Como poderei esquecer — e isso está contado em *Aruanda*, a figura de Sabo Berger entrando, numa tarde, na sala das Mulheres, com o vestido manchado de sangue, os sapatos sujos, atordoada por um longo sofrimento na Polícia Especial; no seu corpo marcas roxas contavam histórias de sevícias.

Dêsses trágicos dias, deu-nos Graciliano Ramos uma grande obra que é *Memórias do Cárcere*. Apenas eu as escreveria

diferente, no sentido humano, já que naturalmente seria impossível a mim escrevê-las com aquêle alto sentido literário com que Graciliano o fêz. Lembraria, por exemplo, uma figura: o Dantas (nunca sei nem quero saber o nome completo dos companheiros; apenas fixo ora o nome, ora o sobrenome). Eu apelidara-o de Ship, personagem de uma história de quadrinhos que aparecia nos jornais da época e que êle me declarara odiar. (Odiava, como eu, histórias de quadrinhos americanas, com os seus super-homens.) Dantas, alto funcionário do Banco do Brasil, era um belo homem quando foi prêso em 1935. Ainda o conheci na cadeia, forte, saudável, alegre, inteligentíssimo, culto e profundamente consciente. Mas nós, as mulheres, víamos os homens apenas através das grades que separavam a nossa sala de frente do fundo do Pavilhão, ou quando saíam êles ou nós para os interrogatórios e mais tarde para o banho de sol.

Muito tempo depois, comêço de 1937, um dia sou transferida para a enfermaria da Casa de Correção e aí encontrei, não mais aquêle Dantas, mas um homem velho, magro, tão magro que era difícil reconhecê-lo. Parecia menor agora, pálido, andando lentamente. Com muita luta conseguimos que Dantas fôsse fazer radiografia do pulmão: uma tosse sêca, uma febrezinha diária anunciavam a tuberculose. A polícia não permitia que saíssemos da cadeia nem para salvar nossas vidas: ir a um médico, por exemplo. Os médicos da cadeia tinham mêdo de cuidar de nós. Afinal, o diretor da Casa de Correção, o Major Nunes — um bom homem, coitado — conseguiu a ida de Dantas para os exames.

Estávamos sentados em frente aos nossos cubículos; era de tarde, o sol já fugira, fazia frio. Graciliano, Nise, França, Alceu, Sisson, eu, conversávamos. Dantas voltou leve como uma pluma. Sentou-se na ponta de um banco. — Que há Ship? perguntei. E êle cansado, ofegante: — Depois de amanhã terei a resposta, mas aviso a vocês: estou tuberculoso. Um silêncio grande tomou conta de todos. Êle continuou:

— É assim a luta. Não fiquem tristes com o meu estado. Morro eu, talvez vocês, mas a vida continua e outros continuarão a luta. Não se assustem, nem se desesperem. Os resulta-

dos serão positivos, eu sei. Talvez êles me dêm o direito de morrer em casa, fora daqui.

Dantas estava prêso sem culpa formada, sem processo, sem ter seu nome envolvido em qualquer coisa. Os resultados dos exames foram positivos. Uma noite ouvimos quando abriam a porta de seu cubículo e sua voz, no silêncio, dizendo:

— Adeus companheiros. Vou morrer lá fora. Cuidem de vocês; não esmoreçam.

(Jamais te esqueci, Ship, Dantas, professor de coragem.)

Os médicos do Presídio nada queriam conosco. Injeção, curativos de feridas, cortes de tumores, arrancar de dentes, tudo era feito por presos comuns. Perguntei a um dêles se era médico, enfermeiro ou dentista. Riu. Não; era arrombador.

Uma carne podre provocou no Pavilhão de Primários uma rebelião; três pessoas que tinham comido dela passavam mal. Uma delas era eu. Foi aí, nesse momento jamais esquecido, que tive a meu lado, lutando como leões pela minha vida, meus companheiros, principalmente Olga Prestes, ela que logo depois era entregue por Getúlio Vargas a Hitler, para ser morta num campo de concentração nazista. Agildo, Trifino, Cascardo, foram os meus salvadores. Para que lembrar que fiquei tôda uma noite sentada nas escadarias do Hospital Gaffré Guinle porque as freiras de lá não me queriam receber? E eu tiritava de frio apesar da febre.

Como esquecer os sombrios, os negros, os trágicos dias de 1935, 36, 37? Dentro da noite, vozes angustiosas pediam água; gritos lancinantes cortavam as madrugadas. No corpo de um marinheiro a polícia desenhou uma estrêla-do-mar e cortou-a em sua pele, a canivete.

Impressionante o sadismo policial: óculos de míopes eram quebrados e esmigalhados com os pés; arrancavam unhas e dentes sãos; na Polícia Central a ordem era não dormir de noite — principalmente as mulheres — ameaçadas sempre de ter o xadrez invadido por monstros capazes de tôdas as infâmias.

Meus velhos companheiros. Uns ficaram pelos caminhos, sem fôrças para continuar a jornada, mas aquêles tamancos com que vocês se defendiam do lajedo, aquêles tamancos, que cortavam o Pavilhão de Primários dia e noite, parecem até hoje ressoar em meus ouvidos. A maioria não era comunista, mas sem dúvida nenhuma todos aquêles prisioneiros eram anti-fascistas. Quantas torturas, quantos sofrimentos, quanta coragem.

A vocês, meus velhos companheiros que foram ontem, que são hoje e amanhã, aqui fica êste depoimento pequenino para quem tem muito e muito a contar. Que êle valha como uma homenagem a vocês que nada temeram, a vocês que continuam compondo êsse fabuloso exército de homens conscientes de seu papel histórico, grande Partido dos homens sem mêdo.

19

GOSTARIA, antes de fechar êste livro, de falar de meus amigos mais queridos. Não são muitos, mas são esplêndidos. Para homenageá-los, a todos, escolho um dêles. Contarei que gosto de ouvi-lo contar histórias; fala pouco, não passeia em assuntos, não é homem de evocações, vai sempre direto aos fatos. Até hoje não entendi nêle como e porque, sendo pessoa de tão altos sentimentos poéticos, amando a vida com tanto ardor, preocupado sempre de viver em beleza, não seja de evocar, de contar, de trazer para a conversa comum, pequeninos fatos que estão sempre presentes em tôda gente:

— Por falar nisso, lembro que, quando eu era mocinho...

— No meu tempo de menino...

É um homem profundamente humano, compreendendo, sentindo, vivendo a vida como ela é, vida mesmo. Jamais

alça vôos à divindade. Disse-me, certa vez, que gosta de viajar, mas sempre lhe é muito difícil voltar:

— Acho que meus pés são muito pesados.

Como todo menino sadio, teve êle um dia que prestar serviço militar. O caçula de uma família numerosa, nordestina e, acima de tudo cearense, é de se imaginar o quanto êsse fato comoveu a todos. Lá iria êle comer mal, vestir uma farda, ser obrigado a servir de sentinela: horrores.

O quartel ficava bem em frente da casa de seus pais, daquela mãe que êle idolatra, o único retrato que sempre o acompanha por tôda parte.

— Eu estava de guarda, fuzil no ombro, botas novas rangendo, roupa verde oliva ainda mal ajustada e adaptada ao corpo civil. Ia e vinha devagar, como ensinaram. Não queria olhar lá para casa, com pena de mamãe. Ela ficou tão triste quando me viu fardado, quando saí de casa para o quartel — se bem que fôssemos vizinhos — que eu sabia como estaria ela agora, olhando minha caminhada bôba, guardando o quê? Naquela hora, terminado o jantar, tôda a família veio para a porta, sentar-se, tomar ar, como sempre acontecia, mesmo antes de eu ser sorteado. Eu sabia que todos estavam ali, mas que me vendo ir e vir, tão soldado, nenhum assunto provocaria uma conversa. O único assunto era eu, fuzil ao ombro, naquele caminhar, botas rangendo, um pobre civil obrigatòriamente fardado de militar. Não queria olhar e consegui que meus olhos ficassem do lado do quartel, não atravessassem a rua — digamos — uma hora. Mas depois fui vencido. Olhei; minha mãe de cabeça baixa, triste, tão triste que eu tinha certeza, estava chorando. Não agüentei. Encostei a arma no muro do quartel, atravessei a rua, fui dar um beijo em minha mãe. Foi um alegrão para tôda a minha gente, principalmente para mim.

— E depois?

— Sei lá; fui prêso, naturalmente, mas jamais me faltou comida especial: almôço e jantar do quartel, nunca provei. Tudo vinha de casa, cheiroso e quentinho.

Não gastou tantas palavras quanto eu, agora repetindo essa história. Falou muito menos, pelo que peço desculpas; é menor do que a sua, a minha capacidade de síntese.

Dêle posso contar muitas histórias. É um homem que vive sempre em estado de descobrimentos. Pinta, pinta, mas antes de pintar escreve uma, duas linhas poéticas. Delas é que nasce o quadro. Comenta:

– Sempre pintei sonhos.

Durante alguns anos usou uma barba cerrada, negra, como seus cabelos. Numa manhã apareceu-me – e nesse momento chegava a primavera em Paris – com o rosto liso, muito escanhoado. Pareceia outra pessoa. Explicou:

– Não agüentei mais. Queriam fazer de minha barba um monumento, quando era apenas uma barba.

Amigo dos melhores, vale a pena encontrá-lo sôlto, na cidade em que nasceu. Volta então à infância, é capaz de apostar carreira nas ruas e de jogar com os amigos, os de seu tempo, bola de gude. Ilumina-se todo.

Outra noite estávamos em casa de um amigo, pessoa encantadora, sabedora da arte de bem receber. O úisque rodava; éramos apenas quatro pessoas conversando e bebendo. Num momento êle segredou-me:

– Vamos a um bar?

– Por quê? Está tão bom aqui.

– Uísque assim, de graça, humilha muito a gente.

Poderia contar muito mais dêsse homem que fala pouco e vive muito. Um pintor de sonhos.

Homenageio nêle os bons, os grandes e devotados amigos que tenho.

20

A GRANDE MESA da sala de jantar, pertinho da rua; bem pertinho, de portas sempre abertas para que todos pudessem entrar imediatamente, sentar naqueles bancos compridos de jacarandá e comer.

A comida vinha cheirosa, em grandes travessas, sopeiras, enormes poncheiras de prata. O vozerio enchia a sala, subia as escadas, esparramava-se sôbre o grande salão da biblioteca, no andar superior. Ninguém poderia precisar, com segurança, onde terminava a rua, onde começava a casa. Os livros vinham a nós sem fronteiras, estavam em todos os cômodos, nos envolviam e arrastavam. Num oratório, entre santos antigos, repousavam primeiras e raríssimas edições.

Na cabeceira da mesa ela perguntava, contava, transmitia fôrça, coragem, alegria. Sentia-se sempre no dever de ajudar, alimentar, acarinhar: era a grande, a imensa amiga. Jamais perguntaria: já comeste? Dizia apenas: Vem comer. Terminado o almôço ou o jantar, se era verão, convidava: – passe-

mos para Petrópolis. Petrópolis era o lado de fora, cadeiras no pátio coberto, um vento vindo do mar. Mas se era inverno, dizia: — Passemos ao salão. A sala da frente, inicialmente com grandes móveis acolhedores, depois transformada, com preciosos móveis antigos. Ali havia um piano. Nesse momento, o grande grupo se dividia: os meninos partiam para cinemas ou namoros, os visitantes ficavam até muito tarde, a conversa tão boa sempre, risos, trocar de idéias.

O piano. Ali, ao entardecer, Mário Cabral tocava. Uma tarde perguntei-lhe quem era aquêle homem sentado sòzinho na ponta do grande divã, em silêncio. Não sei, respondeu. Mas é louco por música. Tôda tarde, quando Mário começa a tocar, abro as portas do salão e êle entra, senta, não diz palavra, a não ser quando Mário termina e fecha o piano. Fala obrigado, boa noite, e parte.

Os visitantes. Uns eram fiéis, constantes, cotidianos. Outros em trânsito, mas todos apegados àquela casa, àquela gente. Vinham alguns, partiam, mas voltavam, e a volta era marcada apenas pelos exagerados gritos de boas-vindas. Os fiéis cotidianos devem lembrar até hoje nossas longas conversas em Petrópolis, com suas cadeiras de lona, ou no salão: falávamos de tudo, política, literatura, vida.

O rapazinho vindo de um Estado do sul, queria que ela julgasse sua vocação para o teatro. Pediu uma faca de cozinha; entreolhamo-nos espantados. Recebeu ordem para buscá-la e diante de nosso temor — se êle errasse o gesto ia dar encrenca — declamou Bilac, de faca na mão, gritando desesperadamente o *"In extremis"*. Ela assistia a tudo impassível, fumando seu charutinho, os cabelos negros caindo lisos em franjinha sôbre a testa, geralmente vestida com uma calça preta, blusa da mesma côr, seus longos brincos, suas pulseiras e seus colares, sua voz quente, cheia de beleza. Valia a pena ouvi-la pronunciar certas palavras: amor, morte e muitas outras.

Outro rapazinho chegava de um Estado do Norte, pedia licença para ler seus versos já organizados num livro à procura de editor. Queria a opinião dêle. Êle ouvia, chupando o dedo grande da mão direita, enquanto ela, impassível, fumava. Ouvíamos tudo, olhando para um e para o outro, esperando a reação que não vinha, só às vêzes, muito mais tarde, quando não mais esperávamos. Ali não se desiludia ninguém; o poeta, por pior que fôsse, jovem, estreante, saía sempre cheio de esperanças. Recebera aplausos e estímulo.

A casa da Xavier da Silveira n.º 99, onde moravam Eugènia e Álvaro Moreyra, é o cenário destas recordações. Era linda, tôda branca, clara, moderna. No quarto de dormir, a cama era tão grande, tão larga, que muitas vêzes nela sentávamos, dez ou doze. Quando Le Corbusier veio ao Brasil, almoçou no 99; voltando a Paris, contou que nunca vira uma cama daquele tamanho e tão cheia de gente.

A casa foi derrubada. Antes, morrera D.ª Baby, mãe de Eugênia, uma cabeça tôda branca, o corpo pesado, uma bondade sem limites. Hoje, no lugar daquela casa, ergue-se um arranha-céu; mas nenhuma outra está tão ligada à vida da literatura brasileira desta cidade quanto aquela, de número 99. Eugênia e Álvaro, filhos, genros, netos, família crescendo e acrescida todos os dias pelos que a procuravam, não apenas para comer, mas para conversar, aprender, brincar, rir. Houve mesmo um tempo em que Sadi Garibaldi, velho jornalista, quando encontrava alguém na rua, dizia-lhe: — Vai almoçar amanhã com Eugênia e Alvinho. E se o outro se espantasse, por não conhecer o casal: — Amanhã é domingo, o almôço é ótimo. Êles não são de apresentações. Não falta.

Quadros de Di Cavalcanti, Tarcila, Cícero Dias, muitos, tantos, embelezavam tôdas as paredes do 99. Era um grande salão literário e artístico, o último dêsse tipo, no qual discutia-se alto, enfrentavam-se preconceitos, incompreensões e até a polícia. Tantos eram os acontecimentos que a casa da Rua Xavier da Silveira, 99 ficará na nossa História da vida literária. Precisa ser contada, diz hoje Mário Cabral. Precisa ser contada, declaramos todos nós. Não será trabalho para um, mas para uma equipe. Alvarus, mocinho, fazendo verdadeiros

sketches com Álvaro; as histórias sempre joviais de Di Cavalcanti; Luís Martins tropeçando em palavras; tanta gente, tanta gente para escrevrer a história da Xavier da Silveira, 99.

Foi depois de 1935 que aprendi a bem conhecer Eugênia. Antes, nossas relações eram cerimoniosas. Lembro-me que, em 1938, uma intrigantezinha veio correndo me contar que estivera no 99 e ouvira Eugênia falar mal de mim. Sei bem como não deixar florescer as intrigas. Tomei-a pela mão, levei-a até lá. Morava perto, a caminhada foi rápida.

— Essa cavalheira foi à minha casa dizer que estavas falando mal de mim. É verdade? Por que fizeste isso?

— Falei sim. Tinham acabado todos os assuntos e, como não admito que ninguém fale mal de ti, falei eu. E daí?

Depois, mais tarde, quando adoeceu, — ela, tão companheira e tão apaixonada pelo marido que não fazia a dieta exigida pela sua moléstia, para acompanhá-lo em vinhos franceses e pratos exóticos — perguntávamos: — Como vais? Respondia ràpidamente, nunca se queixando de nada, passando para outro assunto: — Podrida, podrida.

Álvaro Moreyra, nas suas memórias *As Amargas não*, conta: "16 de junho, 1948. Eugênia morreu. Nossa vida durou trinta e quatro anos. Foi uma vida grande"... "Eugênia. Inteligência sempre em trabalho, incansável sinceridade, entusiasmo, fôrça, decisão, desprêzo dos desenganos, nenhum preconceito, nenhuma injustiça. Nunca se preocupou com as opiniões que a contrariavam, fazia o que tinha de fazer e fazia certo"... "Amava com paixão viver. Quando sentiu a morte, disse: — Meu Deus, por que êste castigo?"... "Sabia acarinhar e sabia lutar."

Eugênia Álvaro Moreyra foi uma das primeiras repórteres brasileiras. Seus trabalhos para *A Nação* de Leônidas de Rezende marcaram época. Depois do encontro com Álvaro dedicou-se de corpo e alma a êle, aos filhos, depois aos netos. E ainda achava tempo para amar o teatro e proteger os amigos.

Lembro-a naquele ano sombrio de 1935, combatendo vigorosamente o fascismo de tôdas as terras, de tôdas as formas. Lembro-a numa das primeiras organizações femininas surgidas naquela época — a União Feminina — congregadora de mulheres para o combate ao integralismo e defesa das liberdades públicas. Lembro-a nos cárceres e nos interrogatórios policiais e, depois, fardada de voluntária da Defesa Passiva da Legião Brasileira de Assistência, comandando *black-outs*, fazendo exames para monitora, aprendendo coisas complicadíssimas de combates aéreos, ou fazendo tricôs e bandagens para nossos soldados que combatiam na Itália. Lembro-a sempre mulher, ajudando as filhas a criar os netos. Lembro-a, preocupada em saber se o retardatário que chegava à Xavier da Silveira tinha comido e se lhe bastava o dinheiro para a volta. Lembro-a sempre ajudando, sempre trabalhando, sempre preocupada, não com a sua própria vida, mas com a situação daqueles a quem amava. Quem, como eu, poderia esquecê-la?

Quando saí de uma das minhas prisões, magra e sem roupa, desempregada, sem dinheiro, ela resolveu vestir-me. Muito mais gorda do que eu, suas roupas ficavam nadando em meu corpo. Para não feri-la, andava assim mesmo; apenas um cinto conseguia manter o vestido no meu corpo. Um dia, ela falou:

— Estás horrível. Pareces um bacalhau. Saiu, comprou fazendas e ela própria costurou novas roupas, já agora feitas para minhas medidas. E comentava: — Somos duas bôbas. Não me dizias que o vestido era grande demais para não me

ferires; eu não te dizia a mesma coisa porque não podia te dar nada melhor e também não queria te ferir. Confessa que não fomos honestas...

Eugênia foi uma mulher sem mêdo. Numa sociedade como a nossa, na qual só agora a mulher ocupou o seu devido lugar, Eugênia não temeu nem a crítica, nem o ódio, nem a vingança. Não temeu também os vocábulos que "são tão claros e tão necessários que fazem mêdo a todos aquêles que temem a claridade".

Jean Larnac, escrevendo uma biografia de George Sand, disse que é preciso muita coragem para se escolher determinada linha de conduta política, porque isso representa provocar a hostilidade da sociedade governante, sociedade que tem a seu favor as rédeas econômicas, as leis morais, os dogmas religiosos e os preconceitos mundanos. Eugênia bem que sabia de tudo isso quando escolheu sua linha de conduta política. Sabia que nada tinha a ganhar, além da enorme alegria de servir às suas exigências de caráter e ao seu raciocínio. Por isso mesmo foi grande, foi enorme o seu valor.

Sei que não se deve jogar com hipóteses, mas no caso de Eugênia, estou certa de que se lhe fôsse dado recomeçar a vida, ela a faria igualzinha àquela que viveu, ou melhor, já que não devemos desprezar a mudança dos tempos, sua vida seria igual, porém mais enérgica, mais combativa, mais intransigente.

Seria a Eugênia que foi: exemplo de espôsa, mãe, avó, lutadora pelas causas do povo brasileiro. Seria a Eugênia que se comoveu diante da beleza morta da cidade de Ouro Prêto pouco antes de desaparecer e que vibrou sempre nas reuniões públicas de combate, de defesa e de luta.

Eugênia foi uma grande mulher sem mêdo.

Êsse o elogio que lhe faço agora, em meu nome, pelo muito que me deu sua amizade e sua ternura, falando por mim e por tôdas as mulheres sem mêdo que continuarão a amá-la sempre e a sempre recordá-la. Como um exemplo.

21

— NÃO ME VENHA DIZER que você sempre foi uma criatura feliz, que tudo lhe aconteceu como desejou. Diria assim, com certeza, D.ª Emerenciana lendo êste livro e acrescentaria: Você não fala de amôres, inclusive os infelizes — e todo mundo os teve ou tem; você não conta trechos de sua vida que devia contar.

Sei bem que D.ª Emerenciana tem seus discípulos e, por isso mesmo, explico: conto de minha vida o que quero contar; coisas que possam interessar aos demais, aquelas que julgo de algum modo importantes, já que para mim foram importantíssimas. Não contarei amôres, porque o amor é um jôgo de dois e não quero, de jeito nenhum, ferir meus ex-parceiros, todos ótimas pessoas.

Decepções, pròpriamente ditas, nunca as tive. Quando elas chegam, passo a analisá-las fria e pausadamente. Viram lições. Disse, de comêço, que êste não é um livro de memórias do dia a dia, marcado pelo tempo, mas apenas o levan-

tamento de algumas recordações, ressuscitar de certas lembranças. Posso continuar a escrevê-lo do mesmo jeito, com a mesma linha, com outras recordações. Talvez venha a fazê-lo, quem sabe?

Não tenho mêdo da realidade, antes encaro-a com firmeza. Envelheci com êsse princípio. A velhice não me causa pavor; não quero morrer, mas também não temo a morte.

Vou, pelo meu caminho, pisando firme. No meu túmulo — gostaria que fôsse a vala comum — a única frase que mereço como epitáfio: — Esta mulher nunca topou chantagens.

Meu coração já mandou um aviso que é o enfarte. Do coração não quero morrer, simplesmente porque espero morrer como tenho vivido: conscientemente. Não penso na frase que devo pronunciar antes de morrer ou morrendo. Sei apenas que ela deve ser bem incisiva. Se pudesse, gostaria de morrer em Belém do Pará, a minha mui amada cidade. Servisse meu corpo para dar seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras.

Mas estou viva e o importante é viver um pouco mais. É o que ora faço.

Je ne regrette rien, j'avance.